



DELANEY DIAMOND



PRINCESA DA
ZAMBIA

Bookmarks



DELANEY DIAMOND

PRINCESA DA
ZAMBÍBIA

Bookmarks

DELANEY DIAMOND

PRINCESA DA
ZAMBIA

Tradução:
Wélida Muniz

1ª edição
2025

Bookmarks

SINOPSE

Dahlia se entregou por inteiro, porque, depois de uma experiência de quase morte, seu lema era viver a vida ao extremo. Deu tudo a ele. O corpo. O coração. E tudo acabou de repente. Não esperava que ele não fosse confiar nela. Nem que não poderia confiar nele.

Três anos depois, o príncipe Kofi está de volta e não é mais o mesmo homem. Está amargurado, com raiva e descobriu que tem um filho secreto. O homem fará tudo o que estiver ao seu alcance para levá-lo para Zâmbia, mesmo que isso signifique se casar com a mulher que ele acredita que o traiu.

Divididos pela desconfiança e por um oceano de segredos, Dahlia e Kofi precisarão enfrentar o passado e decidir se estão dispostos a dar uma segunda chance ao amor... será que eles conseguirão encontrar um caminho de volta um para o outro, ou suas feridas são profundas demais para curar?

Título Original: *Princess of Zamibia*
Copyright © 2018 por Delaney Diamond
Copyright da tradução © 2025 por Editora
Bookmarks.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Tradução: Wélida Muniz
Copidesque: Camila Kahn
Edição e diagramação digital: Andreia Barboza
Capa: Rebecca Barboza

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Bookmarks.

Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972
contato@editorabookmarks.com

facebook.com/editorabookmarks

instagram.com/editorabookmarks

twitter.com/editorabookmark

CAPÍTULO UM

O PRÍNCIPE HERDEIRO, Kofi Francois Karunzika, o Leão Conquistador do povo mbutu, herdeiro do trono de Zamibia, nação da África Ocidental, desembarcou da aeronave real na pista de pouso. Ele abotoou o casaco, semicerrando os olhos para o clima frio, enquanto seus quatro seguranças marchavam com ele até o SUV que os aguardava.

Entrou na parte de trás do veículo e um membro da segurança se acomodou no banco da frente. Os outros se encaminharam para o carro que os seguiria. Seu assistente chegou um dia antes e já estava sentado lá atrás.

— Onde ela está agora? — ele perguntou a Kemal, um homem alto com a pele negra. Uma mecha azul de cabelo se destacava no centro de sua cabeça. Muitos dos povos Ndenga, uma tribo que vivia na costa de Zamibia, usavam o enfeite decorativo para demonstrar orgulho e simbolizar sua afinidade com o oceano.

— Ela ainda está no trabalho. Deve sair em breve para pegar a criança e ir para casa. — Kemal lhe entregou a foto mais recente de Dahlia ao sair naquela manhã do prédio em que morava, segurando a mão de uma criança. Noel Sommers, filho dele.

O ar no veículo o sufocou. O herdeiro de Kofi infelizmente carregava o sobrenome da mãe em vez do dele: um sobrenome que remontava há séculos e que por muitos anos causou temor no coração dos inimigos. Um que indicava que Noel tinha acesso a uma riqueza incalculável e que em suas veias corria o sangue da realeza.

Ele encarou a foto, tentando ver melhor o rosto do menino, que olhava para o chão enquanto caminhava. A imagem de Dahlia não estava muito melhor, mas Kofi não precisava que estivesse. Sua memória vívida guardava todos os detalhes do corpo dela: o rosto redondo e estonteante, os seios fartos e o traseiro fantástico.

— Quanto tempo até ela chegar em casa?

— Mais de uma hora. Ela foi de ônibus hoje. É provável que cheguemos ao endereço antes dela.

Kofi devolveu a foto.

— Vou sozinho. Vá para o hotel e te encontrarei lá mais tarde.

— Tem certeza de que não quer que eu vá junto?

Kofi lançou um sorriso agradecido a Kemal. Fazia cinco anos que ele era um companheiro leal, alguém em quem confiava cegamente e de quem recebia opiniões sinceras. Kemal achava que ir atrás de Dahlia, uma ex, e reivindicar seu filho secreto era um erro, mas embarcou nessa história assim que a viagem estava em andamento, e Kofi deixou claro que essa criança seria quem ascenderia ao trono depois dele.

Assim que soube da existência de Noel, proteger o futuro rei da Zâmbia tornou-se prioridade. Ele contratou uma equipe para ficar de olho no garoto e na mãe o tempo todo, profissionais que se misturavam com a multidão, mas que seriam rápidos a agir se algum perigo se apresentasse.

— Posso lidar com Dahlia sozinho. Preciso que você se certifique de que a cobertura esteja pronta para a chegada do meu filho.

— Deixe comigo. — Kemal saiu do veículo.

Kofi deu a ordem para o motorista seguir até o endereço de Dahlia Sommers, e se acomodou para o trajeto.

— Estou te falando, ela quer roubar o seu filho.

Dahlia puxou o colarinho do casaco mais para cima do pescoço ao sair para o clima congelante. Havia batido o cartão e estava indo a pé para a creche para pegar o filho.

Ao telefone, ela riu do comentário ridículo que Angela, sua melhor amiga, fez.

— Quer parar? Ela só estava sendo legal.

Uma de suas colegas do centro de reabilitação deu uma roupinha fofa de presente para Noel. Antes de sair, agradeceu à colega e guardou o pacote na bolsa atravessada em seu peito.

— Hum-hum. Estou de olho naquela mulher. Desde que você me contou aquilo de ela ter dito que “ele é de todos nós”, eu ando preocupada. Quando você der por si, ela vai aparecer no seu apartamento e arrancar Noel dos seus braços. Porque, você sabe, *ele é filho dela também*.

— Ela disse isso da forma mais gentil possível, e você sabe como o Noel é. O menino não estranha ninguém.

Tinha sorte por ter um filho tão extrovertido. Desde que nasceu, ela sempre compartilhou fotos e vídeos

curtos dele com os colegas de trabalho. Quando o levou para a festa de Natal há alguns meses, o pessoal não só sentiu que já o conhecia, mas se apaixonou por ele. Eles o encheram de presentes e carinho, e o menino se deliciou na atenção como a pessoinha que amava estar no centro das atenções que era.

— Além do mais, você não me conhece muito bem se acha que eu a deixaria se afastar meio metro com o meu filho, sem que eu a derrubasse no chão.

— Ah, sim, Mulher Maravilha. Eu até acreditaria, se não te conhecesse desde a faculdade e não soubesse que você não faria mal a uma mosca.

— Meu filho é diferente. Eu sairia na mão por ele.

Angela xingou baixinho e abaixou a voz.

— Meu chefe acabou de chegar.

— Você ainda está no trabalho?

— Sim, infelizmente. Estou terminando um relatório para esses tiranos.

Angela sempre reclamou do emprego, mas ela amava o desafio de ser consultora sênior. Não doía ela ganhar centenas de milhares de dólares e viajar por todo o país e pelo mundo.

— Nesse caso, vou te deixar trabalhar. A gente se fala depois.

— Boa ideia. Por mais que eu odeie essa gente, preciso do trabalho. Dê um beijo no Noel por mim.

— Não é o que eu sempre faço?

Dahlia desligou e apertou o passo até a creche, que ficava a menos de dez minutos de distância. Foi se arrastando pela rua, com a cabeça baixa para se proteger do vento, xingando a si mesma por não ter prestado atenção à previsão do tempo.

A temperatura já fria de março caiu ainda mais ao longo do dia, lançando Atlanta em um clima incomum de inverno a essa época do ano. Se soubesse, teria ido de carro em vez de pegar o ônibus. Viveu muitos anos em Nova York, e por isso não se importava de usar o transporte público. Na verdade, adorava a opção, que lhe dava a chance de ouvir audiolivros e incluir um pouco de exercício à rotina ao caminhar. Mas, em noites como essa, o frio lambia a pele como se fosse fogo, e fazia seus olhos lacrimejarem.

Quando chegou à creche, uma das atendentes mais velhas, a srta. Martha, uma mulher rechonchuda com bochechas rosadas e que tinha um sorriso nos lábios para todas as crianças, cumprimentou-a à porta.

Dahlia respirou com mais facilidade no saguão quentinho.

— Como ele se comportou hoje?

— Foi um anjo, como sempre. Mas acho que se cansou. Não se surpreenda se ele cair no sono antes de vocês chegarem em casa. Os olhos dele pareciam um pouco sonolentos quando dei uma olhada há poucos minutos.

— Eu não teria essa sorte. — As duas riram, e logo Dahlia foi recebida pelo filho, que veio correndo com um sorriso no rosto.

Ele a fazia de gato-sapato. Era a melhor sensação do mundo entrar na creche e ver o rosto dele: o sorriso doce e os olhos castanhos animados que nunca deixavam de fazer Dahlia sorrir. Seu coração inchou. Deus, como odiava deixá-lo todos os dias.

— Como está o meu garotão? — ela o pegou no colo e lhe deu um beijo estalado.

Ele riu, todo feliz, e se afastou.

— Mamãe, me dá doce?

— Não, não. Nada de doce para você à noite, mocinho. — O menino jamais sossegaria se ela lhe desse açúcar a essa hora.

Noel fez beicinho e franziu a testa de desagrado. Ficou tão parecido com o pai naquele instante, que ela perdeu o fôlego. O rosto de Kofi lhe vinha à memória nas

horas mais estranhas, o que acontecia cada vez mais conforme sua xerocópia ficava mais velha e mais parecida com ele.

Aos dois anos e três meses, ele não só imitava as expressões do pai como também compartilhava traços, incluindo o mesmo nariz largo e a forma dos olhos. E ela era tão perdidamente apaixonada pelo pacotinho em seus braços quanto foi pelo homem que o engendrou.

O coração de Dahlia se apertou, dolorido, e ela afastou os pensamentos sobre o africano alto. Ela colocou o filho no chão.

— Vamos para casa e nos aquecer, tudo bem?

Ela se agachou diante de Noel, embrulhou-o com casaco, luvas, cachecol e gorro, protegendo-o das intempéries. A caminhada até o ponto de ônibus seria curta, e ficar de pé ao ar livre seria bastante desconfortável com esse tempo. Esperava que o ônibus não se atrasasse essa noite, assim não teriam que esperar muito.

— Dê tchau para a srta. Martha.

— Tchau. — Noel acenou.

— Tchau, Noel. Até amanhã. — A srta. Martha lhe soprou um beijo, e eles partiram.

CAPÍTULO DOIS

KOFI FIXOU O olhar em Dahlia enquanto ela caminhava devagar pela calçada com uma criança toda agasalhada nos braços, para enfrentar a noite anormalmente fria. Ela usava gorro de lã verde puxado bem para baixo da cabeça, protegendo-lhe as orelhas. Cabelo escuro preso em duas tranças grossas escapava por debaixo da peça e passava da altura de suas omoplatas. A criança estava tão aquecida quanto ela, com a cabeça descansando em seu ombro, parecendo dormir.

Conforme ela se aproximava, o estômago de Kofi se encheu de nós e suas narinas dilataram; uma resposta instintiva por ver a mulher em cujos pés ele havia uma vez planejado pôr o mundo. Não conseguia nem ver os lábios carnudos dela a essa distância, mas se lembrava do sabor deles e da forma como ela tremia debaixo dele... dos arquejos dele se fundindo com os suspiros suaves dela. Seu corpo se retesou, cada músculo ficou

tenso. Quase podia ouvir os gemidos ofegantes, senti-la se mover enquanto ele a penetrava com estocadas frenéticas.

Contra a sua vontade, seu coração acelerou, bombeando sangue por suas veias. Depois de três anos, ainda não conseguia controlar a forma como o corpo reagia a ela. Cerrou os punhos para resistir ao reconhecimento involuntário e engoliu o amargor da traição. Nunca desejou uma mulher da mesma forma como desejava Dahlia Sommers. Nunca precisou tanto de uma. E esse foi o seu erro.

Desviou o olhar para a criança e se inclinou para frente, louco para dar uma boa olhada quando eles entraram na luz que se derramava da porta do prédio, mas o rosto do menino estava escondido. Esperava ter um vislumbre do filho, de quem só ficou sabendo há poucos dias. Assim que o detetive particular lhe contou e enviou as fotos de uma criança que era praticamente idêntica a ele naquela idade, Kofi largou tudo o mais rápido que pôde e viajou para os Estados Unidos.

Ele semicerrou os olhos na direção da mãe do menino quando os pés dela hesitaram na base das escadas. Ela olhou para a rua. Por um instante, pensou que Dahlia o viu no SUV, mas então a mulher se virou e

entrou correndo no prédio, segurando a criança de maneira protetora nos braços. Quase como se sentisse sua presença e soubesse a razão para ele estar lá.

Kofi cerrou o maxilar quando se recostou no assento de couro e apoiou o pulso no joelho. Esperaria até ela se acomodar, então subiria. Não havia motivo para pressa. Ele a encontrou e descobriu a verdade. E com a verdade viria a única opção disponível: Kofi levaria o filho, o próximo na linha de sucessão ao trono da Zâmbia.

Não sairia do país sem ele.

Essa noite, a impressão de estar sendo observada foi particularmente forte. Incapaz de ignorá-la, Dahlia disparou para o prédio. A sensação perturbadora começou há uma semana. De início, pensou que fosse sua imaginação, mas em algumas ocasiões - uma vez no mercado, outras no caminho para o trabalho e duas ao caminhar com o filho até em casa - os pelinhos da nuca se eriçaram. A sensação a deixava nervosa, mas pensou que estava sendo boba. Quem a seguiria, e por quê? Ainda assim, com um filho para cuidar, não poderia não tomar cuidado.

O saguão vazio não ajudou a aliviar o desconforto com o cheiro desagradável e bolorento, e as correspondências descartadas espalhadas pelo chão sujo. Encontrou consolo na câmara de segurança e, não pela primeira vez, se perguntou se o equipamento funcionava mesmo.

Dahlia virou a chave na caixa de correio e tirou os envelopes lá de dentro. Como sempre, a maioria era propaganda, mas a conta de gás também chegou. Com o frio incomum e o longo inverno, esperava uma tarifa bem alta. Soltou um suspiro, e Noel se remexeu em seu peito, o que levou um sorriso aos seus lábios. Ela deu um beijo na cabeça coberta dele.

Pobrezinho. Devia estar exausto de verdade. Geralmente, o garoto falava sem parar no caminho para casa, mas dormiu o trajeto todo. Dahlia o ajeitou nos braços, seguiu pelo corredor do primeiro andar e entrou no apartamento. Jogou a correspondência na mesa de canto e acendeu uma luminária.

O ambiente lá fora podia ser pavoroso, mas dentro dessas paredes ela criou um espaço alegre e acolhedor. Com a permissão do senhorio, pintou as paredes de amarelo-mostarda. A mobília da sala era formada por peças que não combinavam, compradas em

vendas de garagem, mas usou capas bege e almofadas coloridas para criar uma paleta de cores coesa. Na mesa ao lado do sofá de dois lugares havia uma foto em preto e branco dela e de Noel. As paredes eram cobertas com fotos emolduradas, também em preto e branco, que ela tirou dos prédios e pontos turísticos da cidade.

Entrou no único quarto, que não era muito grande, mas onde cabia uma cama de casal coberta com uma colcha colorida, e o berço de Noel no canto. Comparada à forma como vivia antes, sua casinha não era grande coisa, mas era confortável, e era o seu lar.

Dahlia despiu o filho, rindo consigo mesma da forma como ele continuou profundamente adormecido enquanto ela tirava suas roupas e vestia o pijama. Colocou-o no berço e afagou a bochecha gordinha com o dedo.

Batizou o filho como Noel, a palavra francesa para Natal. O menino nasceu alguns dias antes do previsto, e chegou ao mundo às três da manhã do dia de Natal. O garotinho saudável foi o melhor presente que ela já recebeu na data.

— Boa noite, meu pequeno príncipe — ela sussurrou com afeto.

Depois de vestir calça de moletom e uma camiseta em que estava escrito *Eu amo Atlanta*, ela foi para o banheiro, soltou o cabelo das tranças grossas e usou a ponta dos dedos para passar óleo no couro cabeludo. Depois, seguiu para a cozinha conjugada, onde preparou uma xícara de chá de camomila, sentou-se à mesa e verificou as correspondências. Fez um cheque para pagar as contas de água e energia, já que o vencimento era mais próximo, mas deixou o gás para daqui a duas semanas, quando recebesse.

Satisfeita, bebericou o chá quente e caminhou de volta para a sala. Estava prestes a ligar a televisão quando uma batida alta soou à porta. Ela se sobressaltou por causa do som inesperado, e um pouco de chá derramou da borda da xícara e caiu no tapete.

Mas o que foi isso?

Mudou-se para Atlanta no verão antes de Noel nascer e não conhecia muita gente, não costumava ter companhia e ninguém que conhecesse apareceria sem ligar. Com cuidado, colocou a xícara na mesa e caminhou pelo carpete. Antes de percorrer a curta distância, outra batida soou, mais forte dessa vez, e ainda mais intransigente.

Dahlia parou de repente, com o coração acelerado. Sabia, lá no fundo, que não podia ser nada bom. Seguiu até a porta na ponta dos pés e olhou pelo olho mágico, mas não conseguiu ver bem, já que boa parte das luzes do corredor estavam queimadas. O proprietário não trocou as lâmpadas, embora tivesse pedido a ele várias vezes. Um homem alto e forte, tão alto que não conseguia ver seu rosto, estava mais para o lado, com os braços imensos cruzados. Um outro, parado bem no centro do campo de visão, estava com o rosto imerso em sombras. Seus traços eram indiscerníveis. Mas, ainda assim, muito familiares. Dolorosamente familiares.

Não. Será?

O queixo caiu e o coração começou a socar seu esterno em um ritmo frenético. Ela só podia estar errada.

— Dahlia, abra a porta. Sei que você está aí.

Ela arregalou os olhos e cambaleou para trás. Não estava errada. Não havia como confundir aquela voz. Reconheceria o sotaque e o timbre em qualquer lugar. Mas não podia ser Kofi. O que ele estava fazendo na sua porta? O que o homem queria?

O pânico fincou as garras em seu peito e a forçou a parar por vários segundos antes de ele começar a bater a um ritmo descontrolado.

— Dahlia. — Ele bateu de novo. O som alto ecoou pelo apartamento como um bumbo. — É Kofi Francois Karunzika. Vou ter que forçar a minha entrada?

Ele faria isso, claro. Ficaria de lado e deixaria seu guarda-costas arrombar a porta com um chute.

— Não — ela respondeu em voz alta. — Só um momento. — Torceu para que ele não tivesse ouvido o tremor na sua voz.

Correu para eliminar qualquer evidência de Noel. Guardou a foto deles na gaveta e, em seguida, passou os olhos pela sala, buscando sinais da existência do filho. Pegou alguns blocos caídos no chão e a minhoquinha de pelúcia roxa na poltrona, jogou tudo na cama e fechou a porta do quarto para que o menino não fosse perturbado.

Com a mão pressionada no peito, Dahlia seguiu até a porta e respirou fundo para acalmar o coração. Ela já estava desmoronando e ainda nem tinha visto o rosto dele. Secou as mãos suadas e as gotas acumuladas em seu lábio superior. Precisava se recompor.

Com dedos levemente trêmulos, ela soltou a correntinha e abriu a porta.

CAPÍTULO TRÊS

— OLÁ, KOFI. — Por incrível que pareça, a voz dela soou normal, embora muito perturbada pela aparição repentina.

— Olá, Dahlia. Posso entrar?

Como se ela tivesse escolha.

Dahlia deu um passo para o lado e permitiu a entrada dele. O guarda-costas, um homem grande que tinha cerca de dois metros de altura, usava um casaco escuro e luvas de couro, e ficou parado no corredor, olhando adiante como se a mulher não existisse. Agora que deu uma olhada melhor, o reconheceu. Abdalla era ex-soldado condecorado das forças armadas zambianas. Ela o conheceu durante o seu breve envolvimento com Kofi. A essa altura, o homem já servia como guarda-costas da família real há dez anos, a maior parte desse período sob as ordens específicas de proteger o príncipe.

Fechou a porta e seus olhos se fixaram em Kofi, a imagem da perfeição em um casaco azul-marinho e luvas pretas. Alto, escuro e bonito, ele usava a confiança como

se fosse uma capa, orgulhoso de sua ancestralidade e de sua linhagem.

O peito doeu por estar perto dele e não ser capaz de tocá-lo como fazia antes. Deitou-se com ele muitas vezes e observou a luz do sol brincar em sua pele ao atravessar as janelas imensas do seu apartamento de cobertura. Os dedos se contorceram com a necessidade de lhe afagar a testa e acariciar a pele macia de seu rosto, e a mente voltou para os momentos íntimos que compartilharam quando ela dava beijos sobre o cavanhaque e pelo maxilar forte, ouvindo-o respirar fundo quando passava a língua por sua orelha.

Kofi inspecionou o cômodo devagar, o olhar passou rápido pela decoração parca composta por dois sofás e a cadeira de balanço em que ela geralmente se sentava quando ninava Noel. Os olhos dele estavam inexpressivos, e ela não soube dizer se ele achou seu lar adequado ou não. Com base no que ele estava acostumado, a mistura eclética de mobília era inadequada, sem dúvida nenhuma.

Dahlia lançou uma olhada rápida para a porta atrás da qual o filho dormia, e a bola de nervos em seu estômago se apertou.

— Eu te convidaria a sentar, mas tenho certeza de que o que você não podia esperar até de manhã para me dizer será breve e direto ao ponto. — Ela estava agindo com péssimas maneiras, mas, depois de três anos, ele apareceu na sua casa sem ser convidado, e ela não sentia a necessidade de ser educada. Quanto antes fosse embora, melhor.

— Sim, obrigado, eu adoraria me sentar. — Kofi ignorou a tentativa não muito sutil de despachá-lo rápido, e tirou as luvas e o casaco, colocando-os no braço do sofá de dois lugares.

Não duvidava que o terno que ele usava foi feito sob medida para caber no corpo musculoso... um corpo que causaria inveja a qualquer atleta. Uma gravata de seda escura, abotoaduras de ouro e o relógio de pulso do mesmo material complementavam o visual elegante.

Kofi se acomodou no sofá, e os olhos escuros, parecidos com os de Noel, a avaliaram com interesse. Incapaz de ficar parada para a inspeção silenciosa, Dahlia se sentou no sofá de frente para ele e entrelaçou os dedos no colo.

— O que está fazendo aqui, Kofi?

Ele abriu um sorriso cheio de dentes brancos, mas que não alcançou os olhos. O homem parecia bastante à

vontade com um braço apoiado ao longo do encosto do sofá.

— Vim te ver.

A voz dele era pungente e profunda, e provocou arrepios em sua espinha. A mistura melodiosa continha influência da língua de seu povo, além do inglês e do francês, idiomas que ele também falava.

— Por que você viria me ver? Dissemos tudo o que precisávamos dizer um ao outro quando terminamos três anos atrás.

Uma expressão pensativa invadiu os olhos cor de carvão, como se só naquele momento tivesse se lembrado daquele dia.

— Sim, você foi contundente e me falou palavras muito bem escolhidas. Creio que me chamou de babaca.
— Um sorriso falso curvou os lábios do homem.

Dahlia engoliu em seco, desconfortável. Estava com raiva e desiludida na ocasião, magoada porque, depois da intimidade e dos momentos de proximidade que compartilharam, o homem acreditou no pior: que ela o roubou.

— Eu estava com raiva, como você bem sabe.

— Sim, sei. — Outro sorriso falso.

Decidida de que era melhor não discutir com Kofi, assim se livraria dele o mais rápido possível, Dahlia perguntou:

— O que você quer? Tenho certeza de que você não veio atrás de mim só para falar da nossa última briga.

Ele continuou a analisá-la com aquele mesmo olhar penetrante. Conforme ele batia os dedos ao longo do encosto do sofá, o anel de ouro e diamante no seu mindinho brilhava sob a luz.

— Pensei muito em você desde que me deixou, Dahlia.

As palavras faladas com suavidade a pegaram com a guarda baixa. A forma como ele pronunciou o seu nome, com aquele sotaque, atingiu seu coração como se fosse uma carícia.

— Eu não te deixei. Você me acusou de roubo.

— E então foi embora.

— Que razão havia para ficar? Você não confiava em mim e me acusou de cometer um crime. — Ele disse que ela o distraiu, transou com ele para mantê-lo no escuro quanto ao quase um milhão de dólares que a empresa de gestão da qual ela era sócia desviou das propriedades da família dele. Dahlia ficou envergonhada, mas não tinha nada a ver com o roubo. Não que ele tivesse acreditado.

— Não sentiu saudade de mim? Nem mesmo um pouco? — ele prosseguiu.

Ah, ele era bom, mas ela não cairia na teia de suas palavras sedutoras dessa vez. As palavras que ele tentou arrancar dela lhe rondavam os lábios, mas Dahlia não daria a Kofi a satisfação de ouvi-las. Por muito tempo, permitiu que as emoções lhe dominassem a cabeça, mas não deixaria mais que isso acontecesse. Estava mais forte e tinha o filho em quem pensar.

— Mal penso em você. Tenho estado bastante ocupada com a minha vida aqui.

Os dedos dele pararam de tamborilar.

Ser fria era a única defesa que tinha contra os encantos daquele homem. E daí se faltasse com a verdade? E daí que pensava nele todos os dias e desejava poder compartilhar a evolução do filho com ele?

— Por favor, me diga, Dahlia, o que a manteve tão ocupada nesses últimos anos? — Todo o calor abandonou sua voz. Havia mais do que uma insinuação ali. Ele tinha mudado de tática.

Dahlia afastou o cabelo escuro da testa, e o olhar dele acompanhou o movimento antes de voltar para o seu rosto.

— Eu me mudei de Nova York para Atlanta depois que você nos forçou a fechar a Wane Property Management. Encontrei trabalho aqui e tenho estado ocupada com o meu emprego. E você? Como anda a vida?

— Está satisfeita com o seu emprego? Seu trabalho paga as contas?

— Como anda a sua vida, Kofi? — Aos poucos, a raiva começou a embaçar dentro da mulher devido à recusa dele de responder. — Com o que se ocupou nesses últimos anos?

Ele a encarou, e o rosto foi formando uma careta.

— Nenhuma resposta? — Dahlia endireitou as costas, lembrando a si mesma que não amava mais o homem de coração gelado diante dela. Ele a acusou de tê-lo enganado, sendo que foi ele o enganador o tempo todo.

— Não há nada que queira me contar? — ele sondou, com voz baixa.

Por que o homem estava perguntando aquilo?

— Há algo que *você* queira dizer para *mim*?

Ele sabia? O coração acelerou a um ritmo instável. Era por isso que andava se sentindo tão incomodada ultimamente? Ele colocou alguém para vigiá-la? Dahlia se

levantou em um rompante, e um arrepio percorreu seu corpo.

— Quero que você se retire.

— Nossa conversa não acabou.

O que ele sabia?

— Eu já terminei de conversar com você. Te falei tudo o que tinha a ser dito três anos atrás. Não, esqueça isso. Preciso adicionar algo àquele comentário sobre você ser babaca. Você é um mentiroso. Mentiroso e traidor.

A emoção ameaçou sobrepujá-la quando a dor voltou com força total. Ela o amou tanto. Deu tudo a ele, tudo de si, e o que recebeu em troca? Mentiras. Humilhação.

As sobrelanceiras dele se uniram.

— Nunca menti para você.

— Mentiu, sim! Como tem coragem de vir à minha casa para me interrogar? Vá embora.

— Dahlia. — O nome dela soou como um aviso.

— Que coragem a sua! Depois de três anos? Quem você pensa que é?

— Sente-se.

— E nem mesmo um pedido de desculpas. Você sabe que eu nunca te roubei. Você tinha que saber. Mas, não, nunca nem pediu desculpa. É o poderoso príncipe

Kofi Francois Karunzika. Volte para a África e me deixe em paz. — Dahlia marchou até a porta e a abriu com força. — Saia!

No corredor, Abdalla permaneceu imóvel como um bloco de pedra.

Kofi ficou de pé com um único movimento ágil.

— Você acha que pode me jogar daqui como se eu fosse lixo?

— Você não está na Zâmbia. Não tem qualquer poder neste país. Sua palavra não é a lei. Se não sair agora, vou chamar a polícia e você será retirado do prédio.

— É mesmo? — Um sorriso lento se espalhou pelo rosto bonito. — Feche a porta, Dahlia. Não vou a lugar nenhum.

— Estou falando sério, se você não sair...

— Você. Não. Vai. Fazer. Nada.

Do outro lado da sala, os olhos escuros brilharam para ela, e a apreensão percorreu sua espinha. Ele estava confiante demais, mesmo para Kofi.

— Sabe — ele começou —, eu não fazia ideia de que você tinha se mudado de Nova York. Imagine minha surpresa quando o investigador me disse que te encontrou aqui, em Atlanta.

— Por que estava procurando por mim? — Dahlia perguntou, rouca, e com um aperto no peito que não conseguia explicar.

— Não importa o motivo. Eu tinha as minhas razões — Kofi respondeu, com a voz dura como aço. — Por que você foi embora de Nova York?

— Eu queria começar de novo.

— É a única razão? — Ele estava gostando desse joguinho, de não entregar nada até estar pronto. O Leão Conquistador dos mbutu. Assim como o animal, ele brincava com a presa indefesa, rodeando, sem atacar, até estar pronto para devorá-la.

— S-sim. — A mentira comprimiu sua garganta com tanta força que doeu falar. O custo de vida era mais barato em Atlanta do que em Nova York, e embora ela não trabalhasse mais no mercado imobiliário, pelo menos conseguia pagar as contas e cuidar do filho.

— Eu te dei todas as oportunidades para me contar a verdade. Se sou mentiroso, você também é, *olufeh mi*. — O apelido carinhoso não tinha o mesmo apelo de antes. Não quando ele o usou para pontuar uma ameaça velada.

Dahlia apertou os dedos na porta que ainda precisava soltar. Ele sabia. Era por isso que estava ali.

— Não — ela disse baixinho, balançando a cabeça devagar, negando o inevitável.

— Sim, Dahlia. Descubri o seu segredo. Sei que você carregava meu primogênito na barriga quando foi embora de Nova York. Feche a porta e se sente. Eu não vou embora. Não sem o meu filho.

CAPÍTULO QUATRO

KOFI OLHOU NOS olhos de Dahlia e a tensão retorcia cada fibra de seu ser.

Devagar, ela fechou a porta e eles ficaram em cantos opostos da sala, como inimigos em combate, esperando o próximo movimento do outro.

Odiava notar qualquer coisa nela, mas era impossível. Desde a primeira vez que a viu, a mulher chamou sua atenção, e essa noite não foi diferente. Ela soltou o cabelo e as longas madeixas caíam ao redor de seus ombros e pelas costas como uma cachoeira de ondas pretas e brilhantes. Lembrava-se da textura macia, da forma como costumava encher a mão com eles e puxar com força o suficiente para que ela arqueasse, expondo mais do pescoço para a sua boca faminta.

O olhar viajou pelo corpo dela e o catalogou por completo. Os seios fartos destacados pela camiseta justa esticada sobre eles, a calça de moletom soltinha que não

fazia muito para esconder as curvas dos quadris largos e as coxas grossas entre as quais ele passou muitas noites.

Dahlia torceu as mãos e, mesmo um movimento inocente, o fez se lembrar dela sussurrando sacanagem em seu ouvido no banco de trás do SUV e deslizando a mão para dentro da sua calça. Aquelas mãos eram macias e habilidosas e costumavam deixá-lo tão excitado que a queria a cada momento.

Dahlia foi a primeira a pôr fim ao silêncio.

— Podemos conversar sobre isso?

— Não há sobre o que conversar — Kofi disse, o pavio estourando mais rápido que o necessário porque ele não queria ter nada a ver com essa mulher, mas, ao mesmo tempo, não conseguia parar de pensar em beijar aqueles lábios carnudos e deitá-la de costas para aliviar o estresse da excitação criada por estar no mesmo cômodo que ela.

— Não te deixarei levá-lo. Não vou deixar que faça isso comigo.

— Fazer isso com você? — Kofi se descontrolou. — E quanto a mim? Faz dois anos que sou pai e nem sabia. Só vi fotos do meu filho e nunca o olhei com meus próprios olhos até o dia de hoje por causa da sua vingança mesquinha. — Ele riu baixinho. — Achou mesmo, sequer

por um minuto, que tinha escolha? Ele é minha *carne*. Meu *sangue*. — A cada ênfase que empunhava nas palavras, ele batia no peito. — Não serei mais excluído da vida dele.

— Ele não te conhece.

— E a culpa é de quem? — Kofi exigiu saber. — Acha que ele não precisa de mim também? — Ignorou os olhos marejados dela e endureceu o coração. Essa situação era muito maior do que eles dois. Não podia voltar a seu país sem o herdeiro.

Os olhos de Dahlia imploravam a ele.

— Kofi, ouça a voz da razão. Tentei te contar, mas...

— Tentou, mas não contou.

Ela cerrou as mãos ao lado do corpo e lutou contra uma resposta emotiva.

— Prometo que não te mantereí longe dele. Poderá vê-lo sempre que quiser. Podemos dar um jeito.

— Ah, quanta generosidade — ele disse, sarcástico. — Agora você quer dar um jeito, mas isso não te importou antes, quando me privou de saber da existência do meu filho. Ele é meu primogênito e deve reivindicar seu direito de nascença. — Ele se aproximou mais, desviou-se da mesinha de centro e foi na direção dela. — Não vou marcar hora para ver o meu próprio filho. Ele vai

ter o meu sobrenome, vai dormir e acordar no palácio, que é o lugar dele, sob a proteção do pai e de guardas armados. Ele não vai mais passar o dia sob cuidados de estranhos. Será educado e criado no país de seus ancestrais. E quando a hora chegar, assumirá seu lugar de direito no trono.

— Que planos grandiosos — Dahlia disse com amargura.

— Sim, são.

— E quanto à sua esposa? — ela questionou. As palavras o espantaram ao ponto do silêncio, e não passou despercebido por ele o brilho de satisfação que cintilou nos olhos da mulher. — Sim, sei que você está casado. Discutiu sua decisão com ela? Ela aceitou que você levasse uma criança para o lar dela? E nós dois sabemos que o meu filho não pode ser o herdeiro porque ele é ilegítimo.

Um músculo se contraiu no maxilar dele.

— Minha esposa cometeu suicídio há quase três anos.

Ela puxou o ar com força e arregalou os olhos.

— Eu não sabia.

Casar-se com Azireh, filha de um cônsul indenga, foi seu dever. Originalmente, ela foi prometida em

casamento a seu irmão, Jafari, mas depois que ele morreu, a responsabilidade de se casar com ela recaiu sobre Kofi, assim como todas as outras que vinham com o próximo na linha sucessória. O suicídio dela foi súbito e inesperado, o que deixou todo o país de luto não só por sua morte, mas pela das crianças que esperavam que viessem do casamento.

— Meu povo precisa de boas notícias depois de tudo pelo que passou nos últimos anos. Primeiro, morreram minha mãe e meu irmão. Depois, minha esposa, e não tínhamos filhos. Meu pai já está idoso e desempenha cada vez menos os seus deveres. Ele e o meu povo precisam ver que nossa linhagem prosseguirá ininterrupta.

O irmão mais velho era o herdeiro do trono, mas o fardo foi passado para Kofi quando o avião em que ele e a mãe viajavam caiu. Ele cerrou os punhos para deter a dor que sempre vinha quando pensava neles em meio aos destroços do acidente.

— Sinto muito pelo seu pai e pela sua perda, mas não te darei autorização para levar Noel para outro país.

— E como você vai me deter? O avião real está à minha disposição. Só preciso fazer uma ligação, e

estaremos no ar, a caminho da Zâmbia. Acha que seu governo vai me impedir? Eles vão rir de você.

Os olhos dela se arregalaram.

— Isso é sequestro!

— Sequestro? — Kofi zombou. — Não é sequestro se levo o meu filho comigo. O seu governo dirá que suas alegações são ridículas e irá ignorá-las.

Ele era um chefe de estado altamente respeitado, visitante de um país aliado dos Estados Unidos. Quando enfim conseguisse ser levado a sério, o homem já estaria bem longe com Noel. Sem dinheiro nem influência, havia pouco a fazer.

— Não há bondade nenhuma no seu coração? O que aconteceu com você?

Você, ele quis dizer. Em vez disso, respondeu:

— Perdi minha habilidade de demonstrar bondade quando descobri que você escondeu meu filho de mim. Poderia ter me contado, mas preferiu reter a verdade.

— Assim que descobri que estava grávida, eu tentei. Liguei. Kemal não te contou?

Ele fez uma pausa.

— Você disse a ele que estava grávida?

Ela abriu a boca e a fechou. Os ombros caíram.

— Não. Eu liguei e ele me disse que você tinha se casado e estava em lua de mel. Com a mulher de quem estive noivo o tempo todo que passou aqui.

O olhar acusatório atingiu sua consciência, mas ele se recusou a sentir remorso. Seu tempo com Dahlia foi um indulto temporário de suas responsabilidades. Havia considerado se casar com ela e transformá-la em sua segunda esposa, mas então o relacionamento desmoronou e ele descobriu sobre o roubo.

— Não temos mais nada a discutir. Meu filho vai voltar para a Zâmbia comigo. Não há o que negociar. — Kofi pegou o casaco e as luvas.

Ela estava certa quanto a Noel não ser herdeiro legítimo, mas já havia conversado com o pai para que ele assinasse uma proclamação reconhecendo Noel como o próximo da linhagem. Esse tipo de declaração já foi feito uma vez, há mais de dois séculos.

— Precisamos negociar, Kofi.

— Negociar? Posso fazer o que bem entender.

— Tem que haver outra forma! Você não pode tirar o Noel de mim. Ele é meu filho também.

Kofi parou. Um pensamento errante surgiu na sua mente, e seu couro cabeludo formigou.

— Talvez haja uma alternativa.

Ela semicerrou os olhos com suspeita.

— Qual?

Ele pesou a oferta por mais alguns segundos antes de finalmente dizer:

— Case-se comigo. Volte para a Zâmbia como minha noiva.

Dahlia recuou dois passos.

— O quê? Não! Mas que absurdo.

— É a única outra opção com que concordarei.

— Por quê?

— Noel é meu filho, mas nasceu fora do casamento. Se você e eu nos casarmos, irá facilitar a aprovação do Altíssimo Conselho, o que vai assegurar a aceitação dele como o legítimo herdeiro.

— Você quer levar o menino e declará-lo como próximo na linhagem, mas o conselho tem o poder de vetar a sua decisão. — Dahlia riu baixinho e cruzou os braços. — Você precisa de mim.

Ele ficou em silêncio.

— A gente se odeia, Kofi. E isso funcionaria? Não preciso ter sangue real?

— Posso me casar com quem eu quiser, e como mãe do meu primogênito, você será aceira, eu te garanto.

Dahlia balançou a cabeça para clarear a mente.

— Não sei nada sobre ser princesa. Não sei o que fazer nem o que dizer, nem... — Ela agitou as mãos em confusão.

— Você vai aprender. Terá tutores e instrutores para te auxiliar.

— E como vai contornar a história sobre nós?

— Ninguém sabe do seu roubo. — Logo que ele descobriu o desfalque, só contou para as pessoas mais próximas e repôs o dinheiro usando a própria conta bancária. — Fingiremos que fomos amantes há muito tempo e nos reencontramos — ele disse com sarcasmo.

Ela engoliu em seco.

— E se eu não aceitar?

Kofi cerrou o punho.

— Então, vou levar o meu filho e você terá que marcar hora conforme a minha agenda para poder visitá-lo — ele grunhiu.

O tempo passou silencioso, em câmera lenta.

— Não consigo acreditar na sua crueldade. — Ela engoliu em seco.

— Ele vai voltar comigo, e será melhor se você for junto. O menino não deveria ficar sem você.

— Que consideração a sua. Não venha me dizer que há um coração por baixo dessa geleira.

— Não ligo para o que você pensa. Não sou tão implacável assim, mas Noel não é uma criança comum. Ele precisa ter o direito de viver a vida a que foi destinado.

Ela abriu a boca para falar, mas o choro de uma criança rompeu o silêncio. O som capturou a atenção dos dois ao mesmo tempo, e Kofi jogou o casaco e as luvas longe e foi em direção à porta do quarto. Dahlia entrou na frente dele, impedindo a sua entrada.

O rosto do homem se contorceu em fúria e ele se aproximou. Entre dentes, ele falou:

— Afaste-se, Dahlia. Você não vai mais negar meus direitos de pai.

— Me deixe entrar primeiro ou vai assustar o menino. Você pode ser pai dele, mas é um estranho.

Kofi abriu a boca para discutir, mas pensou melhor. Não queria assustar o filho. A primeira impressão de Noel deveria ser calma e agradável. Com um aceno incisivo, ele deu consentimento para ela lidar com a situação conforme achasse melhor.

Dahlia abriu a porta do quarto. Sob o brilho suave da luz noturna, Noel estava de pé sobre as pernas instáveis, com os dedos gordinhos agarrando as grades do berço e lágrimas grossas escorrendo por suas bochechas.

Quando viu a mãe, os gritos ficaram mais altos, como se estivesse aliviado por ela estar ali e não estar sozinho. Depois de acender um abajur, Dahlia se apressou até ele.

— Ah, meu amor, não chora. A mamãe está aqui — ela o acalmou. Em seguida, o tirou do berço e deitou a cabecinha dele no ombro. — Shh — falou, baixinho, ao afagar suas costas.

Kofi estava louco para passar os dedos nos cachinhos do filho e secar as lágrimas dele. Mas ficou onde estava, com inveja por ver a interação dos dois como se fosse um forasteiro. O coração acelerou, o peito ficou apertado.

Por fim, Noel se acalmou. Então, parou de chorar e o encarou.

Incapaz de resistir por mais tempo, Kofi afagou com carinho os cachos pretos e macios no topo da cabeça do filho.

— Meu filho — disse, rouco. — Você tem o rosto de um anjo. — Com o polegar grande, secou as lágrimas do rosto de Noel. — Quero segurá-lo.

Cuidadosa, Dahlia passou o filho para os braços dele. O garotinho não emitiu um som e continuou a olhar para o rosto de Kofi, que o segurou no alto, fitando-o maravilhado e examinando-o da cabeça aos pés. Quando

beijou a mão pequena do menino, Noel soltou um gritinho e riu, revelando os dentes que haviam nascido. Kofi beijou a mão dele de novo, e Noel riu outra vez, dessa vez estendendo a mão para a boca do pai e batendo a palma no maxilar e no queixo barbado.

Kofi riu.

— Sim, explore. Eu sou o seu *baba*, Noel.

— *Baba*.

— Isso, *baba*. — Kofi se sentou na beirada da cama e embalou o filho, balançando-o de leve de um lado para o outro. Por fim, os olhos de Noel tremularam e ficaram sonolentos, e Kofi não conseguiu parar de admirá-lo. Perdeu a noção de quanto tempo ficou sentado ali, olhando para o menino.

Enfim, ele se moveu, levantou-se da cama e colocou Noel de novo no berço. A criança suspirou baixinho, e logo a respiração suave ressoou pelo cômodo enquanto ele caía em um sono agitado.

Depois de tirar mais alguns minutos para olhar o filho, voltou a atenção para Dahlia, que estava parada ali perto, observando tudo.

— Precisamos conversar — ele disse.

Dahlia fechou a porta e observou Kofi passar a mão pelo cabelo curto. Quando se voltou para ela, os lábios carnudos formavam uma linha severa.

— Preciso saber o que você decidiu. Vai para a Zâmbia comigo e com Noel?

Ela praticamente viu as engrenagens girando na cabeça dele. Agora que o homem viu Noel e o pegou no colo, ficou claro que estava mais do que determinado a levar o garoto.

— Eu quero ir, m-mas nunca saí do país e preciso de tempo para pensar. Você está quase me chantageando.

— Chantageando? — Ele riu, sem achar graça nenhuma. — Não estou te forçando a ir comigo.

— Está, sim. Se eu não fizer o que você diz, vai levar o meu filho.

— Sua decisão de vir conosco não tem peso nenhum se vou ou não levar Noel — Kofi respondeu sem alterar a voz.

Esse não era o homem por quem se apaixonou. Essa pessoa fria e insensível surgiu depois da descoberta do roubo. Não poderia culpá-lo pela raiva, mas desejava que tivesse confiado nela e acreditado que ela não teve nada a ver com o desvio. Não usou seus “truques femininos”,

conforme ele a acusou de fazer, para distraí-lo da verdade.

— Isso te faz se sentir melhor quanto a se vingar de mim?

— Me vingar? Considere-se sortuda por eu não ter recorrido à vingança. — Ele lhe lançou um olhar gelado. — Qual é a sua decisão? Vai voltar para a Zâmbia comigo ou não? — A voz dele assumiu um tom majestoso e exigente.

Se permitisse que Kofi levasse Noel, poderia ficar e lutar contra ele nos tribunais, mas nesse ínterim, anos poderiam se passar até que ela visse o filho de novo enquanto brigava por seus direitos. E se ela perdesse? Com o poder ilimitado e a riqueza de Kofi, ele sairia vitorioso de uma batalha tão desigual.

Dahlia soltou um suspiro carregado, estava cansada da insistência dele e fisicamente exausta por causa do longo dia.

— Posso ter um tempinho para pensar na sua oferta tentadora?

— É claro. Sou um homem razoável. De quanto tempo você precisa?

— Uma semana seria o ideal.

— Não temos esse tempo todo. Partiremos na sexta-feira.

— Isso só me dá oito dias! — ela exclamou, com os olhos arregalados.

— Tempo demais já se passou. — Kofi estava irredutível. Ele semicerrou os olhos no rosto constricto dela. — Você tem quarenta e oito horas. Nem um segundo a mais.

CAPÍTULO CINCO

AS LUZES DOS prédios e dos postes passavam enquanto Kofi olhava pela janela do banco traseiro do SUV, a caminho do hotel. Abdalla estava na frente com o motorista, deixando-o refletir sozinho durante o trajeto.

Queria tirar Dahlia e Noel daquele apartamento minúsculo e levá-los para a suíte que ocupava no Presidential Commons, um prédio elegante no centro da cidade onde os ricos residiam. Em vez disso, deixou-a sozinha para digerir a conversa que tiveram. Nem se deu ao trabalho de lhe dizer que deixou dois homens do lado de fora do apartamento, como proteção. Ela os veria em breve.

Passou os dedos pela barba. Seus olhos estavam cegos enquanto sentimentos tumultuados assolavam o seu corpo. Sentia um amor possessivo, um impulso feroz de proteção e um orgulho intenso quando olhou para o rosto angelical do filho. Nada poderia tê-lo preparado para a intensidade das emoções que o atingiram.

Quando pensava em todo o tempo que perdeu e nas conquistas que não presenciou, uma cratera imensa de vazio se abria em sua alma.

O veículo parou na frente do hotel, e o motorista logo saiu e abriu a porta. Sem dizer nada, Kofi atravessou as portas com Abdalla liderando o caminho e um segundo guarda a uma distância respeitável, atrás de Kofi. No elevador, ele continuou em silêncio.

Desejava que a mãe e Jafari estivessem vivos para conhecer Noel. Engoliu o nó na garganta. A dor de perdê-los parecia nunca ir embora.

— Boa noite — disse para Abdalla, e deixou o homenzarrão na porta.

Kemal se levantou do sofá na sala espaçosa.

— Como foi?

Kofi não conseguiu conter o sorriso que preencheu o seu rosto e se sentou no braço de uma poltrona, maravilhado com o fato de que o garotinho que conheceu era uma parte sua.

— Ele é incrível, com olhos brilhantes e inteligentes. Gostou de mim assim que me viu.

— Então vamos manter a programação?

— Sim. Partiremos daqui a uma semana. Amanhã, vou voltar lá e levar Aofa comigo — Kofi disse, referindo-

se à babá. Ele se levantou. — Pretendo passar o dia com o meu filho.

— E a Dahlia aceitou a sua decisão de levar Noel para a Zâmbia? — Kemal perguntou, com uma sobrancelha arqueada.

— Não exatamente, mas ela não tem escolha. Agora sei que ele existe. Ela não pode mais nos manter separados. — O homem tirou as luvas. — Pedi para ela ir comigo e se tornar minha esposa.

— Sua esposa? Não entendi. Quando essa decisão foi tomada?

Quando discutiram sobre o assunto, Kofi só mencionou que levaria Noel para casa, mas ver Dahlia de novo exerceu um efeito profundo sobre ele. Por três anos, não sentiu nada, a única coisa que o movia era desempenhar os deveres de príncipe de seu país. Estar perto dela, mesmo que por pouco tempo, preencheu partes frias dele com um calor ardente que o consumiu de um jeito que o tirou do prumo.

Desde o início, reagiu a ela do mesmo jeito. Quando se conheceram alguns anos atrás, ele havia conseguido controlar a atração e manter o relacionamento puramente profissional por um breve período. Conforme os dias se passavam, as conversas foram ficando mais

longas e chegaram a assuntos que não incluíam as propriedades reais. Ele a presenteou com histórias de sua terra natal, e ela revelou seu amor pela arte e o interesse pela fotografia.

Durante o café, haviam entrado em um debate acalorado sobre educação, redução da violência e, na opinião dela, a barbaridade da pena capital. *Somos mesmo melhores se assassinamos nossos cidadãos e chamamos isso de justiça?* Ela havia perguntado. E embora discordasse da postura dela quanto ao uso de drogas, respeitou a compaixão que a mulher demonstrou por aqueles que estavam nas garras do vício. Ela os considerava vítimas em vez de criminosos, e pensava que deveriam ser tratados e acompanhados, em vez de punidos.

Dahlia era a mistura perfeita entre o doce e o azedo, exalando charme quando cabia à situação, mas já pronta para discutir com ele de um jeito que mulher nenhuma jamais ousou. Sua sinceridade e espírito livre o faziam rir. Durante sua estadia em Nova York, pensou nela constantemente quando estavam separados e sempre inventou os motivos mais bobos para ligar.

— Foi uma decisão de última hora.

— Perdoe-me por apontar, mas se casar com ela é uma boa ideia? Sei que você tem uma quedinha pela mulher já faz algum tempo...

— Quaisquer que sejam os sentimentos que tenho ou deixo de ter por Dahlia Sommers, são irrelevantes — Kofi replicou com um tom gelado. — Ela é mãe do meu filho, e acho que eles não devem ser separados.

Kemal moderou a voz.

— Muito bem, entendo, mas por que não levá-la para só cuidar do menino? Não precisa se casar com ela.

Em vez de admitir que Kemal estava certo, Kofi saiu andando.

— Já tomei a minha decisão. Dei a ela quarenta e oito horas para aceitar meu pedido de casamento.

— E se ela recusar? — Kemal perguntou às suas costas.

Kofi ignorou a pergunta. Na sua opinião, não havia como Dahlia dizer não, sendo assim, ficar pensando na recusa era perda de tempo.

Ele subiu as escadas e entrou no quarto espaçoso, e então jogou casaco e luvas na cadeira encostada à parede. Entrou no banheiro e foi se preparar para dormir, ansiando pela ligação que faria amanhã. O pai ficaria feliz quando ele contasse que poderia pegar o neto no

colo em breve. Especialmente porque, quando Azireh faleceu, o país descobriu que ela estava grávida.

Dahlia se revirou na cama, incapaz de dormir. Reposicionou o travesseiro e virou de lado. A mente cansada não conseguia sossegar depois da discussão com Kofi.

Frustrada, saiu da cama e deu uma espiada em Noel antes de ir até a cozinha na ponta dos pés para preparar uma xícara de chá. Com apenas a luz acima do fogão acesa, sentou-se à mesa, refletindo sobre como chegou a essa posição tão desconfortável.

Melanie Wane, sua ex-sócia, era o tipo de mulher que sorria com frequência e que daria até a roupa do corpo para ajudar. Mas Dahlia aprendeu da pior maneira que a roupa talvez não fosse dela de verdade e poderia ter sido roubada do corpo de outra pessoa.

A Wane Property Management gerenciava a carteira de propriedades nova-iorquinas compradas pelo rei e pela rainha da Zâmbia, os pais de Kofi. A gama de prédios não foi adquirida para demonstrar riqueza, eles financiavam bolsas de estudos para alunos zambianos merecedores que queriam estudar nos Estados Unidos.

Nos primeiros anos, os Karunzikas trabalharam com Melanie Wane por meio de um intermediário e cobriram os custos de mensalidade, alojamento e encargos para cinquenta e cinco estudantes, com a esperança de fazer o mesmo por muitos outros. Mas, com o aumento das despesas de manutenção e reparos, o rei Babatunde enviou seu filho para inspecionar as propriedades e aprovar as reformas necessárias para garantir que o investimento gerasse receita adequada por muitos anos.

Dahlia trabalhou com Kofi desde o dia em que ele chegou. Não conseguia apontar exatamente quando as coisas mudaram entre os dois, mas desde o início se sentiu atraída pelo príncipe e notou tudo nele, desde seu jeito elegante de falar, passando pela forma imaculada como se vestia até os traços bem-feitos. O caso deles durou poucos meses, mas exerceu um efeito profundo nela.

Ela fechou os olhos, apertou os dedos ao redor da xícara de chá quente e estremeceu quando se lembrou de como ele a possuiu contra a parede do seu escritório. Jamais considerou dizer não para ele, nem naquela ocasião nem quando o príncipe a convidou para ir à sua suíte no hotel.

Jogou o resto do chá na pia e lavou a xícara. Desligou a luz e se arrastou até a porta. Os guardas ainda estavam no corredor. Nenhum era tão alto quanto Abdalla, mas tinham a mesma expressão impassível e a mandíbula cerrada. Esses homens eram os melhores que a Zamibia tinha a oferecer. Não se moveriam. Dariam a vida para proteger o príncipe e agora tomaram a responsabilidade de proteger o herdeiro dele. Se Kofi ordenasse que eles ficassem imóveis lá por uma semana, eles obedeceriam.

Dahlia se arrastou de volta para o quarto, com o coração pesado, quando se lembrou do jeito dramático com que ela e Kofi terminaram o relacionamento há três anos. Melanie estava roubando dinheiro dos Karunzika havia algum tempo. Ela criou empresas de fachada e adulterou recibos para a família real por trabalhos que nunca foram feitos - ao ponto de atingir quase um milhão de dólares.

Ficou enojada quando descobriu sobre o roubo e alarmada quando Kofi a acusou de ser cúmplice. Entendia a desconfiança inicial dele. Afinal, era sócia de Melanie, mas Dahlia se concentrava em fazer o negócio crescer através de relações-públicas e marketing e, por ingenuidade, deixou Melanie cuidar das finanças. Até

hoje, se culpava por não ter prestado atenção. Infelizmente, nada do que disse dissuadiu Kofi de sua linha de raciocínio.

Olhou para Noel, dormindo em paz, sem saber da própria importância e do quanto sua vida mudaria dali a pouco mais de uma semana.

Não voltou a ver Kofi depois da noite em que ele a acusou de roubo. Através de seu intermediário, o homem exigiu que encerrassem o negócio. Descobriu mais tarde que o príncipe repôs o que foi roubado, mas que ficou furioso, e ela jamais entendeu por que Kofi não as entregou para a polícia.

Quando Dahlia descobriu a gravidez, decidiu se arriscar e ligar, mas descobriu que ele estava casado... e meros dois meses depois que o viu pela última vez. De acordo com Kemal, ele já estava noivo há alguns anos.

Ela nunca desconfiou que houvesse uma mulher esperando por ele na Zâmbia. Aquilo a destruiu. A pouca esperança de reconciliação que tinha morreu naquele dia.

Dahlia mordeu o lábio inferior e se recusou a permitir que as lágrimas viessem à tona. Chorou bastante três anos atrás.

Kofi estava errado sobre ela. Não manteve o filho em segredo por vingança. Simplesmente pensou que ele não ia querer Noel.

Assim como não a queria mais.

CAPÍTULO SEIS

KOFI SEMPRE VIAJAVA com uma comitiva: assistentes, guarda-costas e quem mais julgasse necessário para a viagem. Na manhã seguinte, ele provou que nada mudou. O homem chegou cedinho com o grupo a reboque. Abdalla veio junto, assim como dois guardas para substituir os que estavam do lado de fora do apartamento.

O último membro era uma mulher rechonchuda, com a pele em um marrom claro dourado e um sorriso largo e amigável.

— Oi. Eu sou a Aofa — a mulher disse, ao estender a mão. Ela exibia uma mecha azul no meio das tranças.

— Aofa vai passar o dia comigo e me ajudar a cuidar de Noel, enquanto você trabalha — Kofi explicou. Hoje ele estava usando roupas mais casuais: blusa de gola rolê azul por baixo de um suéter preto, e jeans que moldava seus quadris estreitos e chamava atenção para as pernas compridas. Embora não estivesse vestido de

maneira tão formal como na noite anterior, estava tão impressionante quanto.

Noel estava com um braço ao redor da perna de Dahlia, encarando os desconhecidos.

Kofi se agachou diante do garotinho.

— Oi, filho. — Ele sorriu em cumprimento.

O coração de Dahlia se apertou ao ver a forma carinhosa com que ele falava com o menino.

— Oi. — Noel estendeu a mão para o rosto do pai e arrancou uma gargalhada gutural de Kofi. Ele emoldurou o rosto do menino e o beijou na testa.

Dahlia desviou o olhar da visão dos dois juntos, pai e filho, com os rostos próximos e sorrisos idênticos.

— A gente se vê mais tarde, então — ela falou.

— Ele tem alguma alergia da qual precisamos saber?

— Kofi perguntou ao se levantar.

— Não.

— A gente se vê à noite. — Kofi segurou a mão de Noel, e Dahlia os observou sair do apartamento. O filho sorria e acenava para ela por cima do ombro. Ela acenou de volta.

O menino não tem lealdade nenhuma, pensou, amargurada.

Depois que a porta se fechou, a primeira coisa que fez foi ligar para o trabalho. Kofi lhe deu quarenta e oito horas, e ela pretendia fazer bom uso do tempo.

Em seguida, ligou para Angela e passou um resumo rápido dos eventos que aconteceram na noite anterior e naquela manhã.

— Ele não pode levar o Noel — Angela disse ao ouvir a história por completo.

— Não sei se não pode. — Dahlia apertou a ponte do nariz ao andar pela sala. Em menos de vinte e quatro horas, ela passou de levar uma vida comum em Atlanta a considerar se mudar para um pequeno reino na África Ocidental.

— Então, você só vai arrumar tudo e ir?

— Não é bem por aí — Dahlia sussurrou. Com medo de que os homens lá fora a ouvissem, ela entrou no quarto e fechou a porta.

— Você tem um plano — Angela afirmou ao abaixar a voz para um tom conspiratório também.

— Tirei o dia de folga. Vou fazer algumas ligações e ver se consigo encontrar um advogado para me ajudar, um com experiência em disputa de custódia internacional.

— Boa ideia. O que Kofi está fazendo não pode estar dentro da lei.

— É o que eu espero. Me deseje sorte.

— Boa sorte. Que tal nos encontrarmos mais tarde? Essa droga de emprego vai me mandar para a Califórnia daqui a dois dias, e quero ver minha melhor amiga antes que ela voe milhares de quilômetros para um país estrangeiro e eu nunca mais volte a vê-la.

Dahlia enterrou o rosto na mão.

— Não diga isso. Estou torcendo para que não aconteça.

— Desculpa, meu bem. — Angela soltou um suspiro carregado. — Quero ver meu afilhado também, mas acho que não vai acontecer, já que ele está com o pai. Vamos nos encontrar na *Starbucks* da *Target* à uma?

Dahlia olhou para o relógio sobre a penteadeira. Isso lhe dava várias horas.

— A gente se vê lá.

A conversa com o advogado não saiu nada bem. Dahlia não teria boas notícias para dividir com a amiga quando se encontrassem para o café.

Prendeu o cabelo em um coque, abotoou o casaco e atravessou a bolsa no corpo. Saiu do apartamento e, com um meio sorriso para os guardas a postos lá fora, percorreu o corredor.

Depois de uns poucos passos, percebeu que estava sendo seguida e parou. Virou-se e olhou para o homem atrás dela. Ele parecia do Oriente Médio, bonito, com a mesma expressão impassível dos outros guardas.

Ela abriu um sorriso encantador.

— O que está fazendo?

— Eu vou com você. — Ele falou em inglês com um sotaque carregado.

— Vou me encontrar com uma amiga. Hum, qual é o seu nome?

— Yasir. — Ele deu um leve meneio de cabeça.

— Yasir, não é necessário que você me siga. É perfeitamente seguro, e só vou ficar fora por umas duas horas mais ou menos.

— Vou com você.

— Prefiro ir sozinha — Dahlia respondeu com firmeza.

Ele balançou a cabeça.

— Não será possível. Não posso deixar que você dirija.

— Como é?

— Meu trabalho é te proteger.

Ela riu e o encarou.

— Yasir, eu dirijo desde os dezesseis anos. Sim, o trânsito em Atlanta pode ser meio maluco, mas você está sendo ridículo.

— Recebi instruções estritas para não sair do seu lado nem te deixar dirigir.

— Instruções estritas de quem? Kofi?

— Sim.

Dahlia rangeu os dentes. Agora que parava para pensar, nunca viu Kofi dirigir. Devia ser protocolo da realeza, diretrizes às quais ela agora se enquadrava. Ninguém nesse país sabia quem era o príncipe de Zamibia, e sem dúvida nenhuma não faziam ideia de que era mãe do herdeiro dele, mas sua vida já estava passando por mudanças e ela ainda nem saiu dos Estados Unidos. Primeiro guarda-costas, agora não podia dirigir. Fabuloso.

Jogou as chaves para Yasir.

— Tudo bem. Vamos.

Quando chegaram à *Starbucks*, Yasir se sentou em um canto, tomando café discretamente enquanto ela esperava Angela chegar.

— Oi, meu bem! — A amiga apareceu, com os braços abertos. Ela estava impecável como sempre, com a pele bronzeada e a quantidade certa de maquiagem para realçar suas feições. Ela usava cachecol, o cabelo dividido ao meio e óculos escuros. Eram amigas desde a faculdade e se deram bem de imediato por causa do senso de humor parecido.

Dahlia ficou de pé e puxou a amiga para um abraço apertado. Não percebeu o quanto precisava de um.

— Pedi seu favorito: frappuccino de caramelo brulée. — Ela empurrou o copo sobre a mesa enquanto Angela se sentava, e deu um gole na própria bebida, com caramelo extra.

— Obrigada. — Angela sugou o canudinho. — Ah, que delícia. Depois da minha manhã com aqueles lunáticos, eu precisava disso. — Ela deu um suspiro satisfeito e estudou Dahlia. — Conseguiu falar com o advogado?

Com os lábios franzidos, ela assentiu.

— Más notícias?

Dahlia segurou o copo em ambas as mãos e se inclinou sobre a mesa, e Angela fez a mesma coisa. Ela manteve a voz baixa.

— De acordo com ele, essa não seria uma batalha normal por custódia. Kofi poderia levar meu filho sem a minha permissão, e não há nada que eu possa fazer quanto a isso. Ele é protegido por imunidade de jurisdição.

Angela franziu a testa.

— É igual à imunidade diplomática?

— Bem parecida — Dahlia respondeu. — Como chefe de estado, a imunidade de jurisdição protege a ele e suas ações enquanto ele estiver em solo americano. Sequestro não é nada. Ele poderia matar alguém e não seria acusado, embora talvez tenha que enfrentar as consequências em seu país de origem. Mas ele é o príncipe de Zâmbia, e as chances de enfrentar acusações...

— São nulas.

— Pois é.

— Droga. — Angela se recostou na cadeira, e a expressão transtornada refletia as emoções turbulentas de Dahlia. — Você não tem escolha, não é?

— Parece que não. — Dahlia bebericou o café.

— Bem, você está ótima. Não parece alguém que está sendo forçada a se mudar para outro país.

— Estou me segurando, mas por pouco. Não paro de pensar em Noel e no que essa mudança vai significar para ele. Quero dizer, minha nossa, meu filho é um príncipe. Não consigo nem começar a compreender a responsabilidade que ele vai ter quando for mais velho. E se eu for, onde me encaixo? É tudo tão esmagador. — Ela pressionou a mão na têmpora.

— Você poderia ir embora e não contar. Simplesmente escapar.

— Não é uma opção. Desde ontem, tenho companhia do lado de fora do apartamento, e hoje estou com escolta. — Dahlia olhou para a mesa onde Yasir estava, e Angela seguiu seu olhar.

— Caramba, ele é gato. Quem é?

— Meu guarda. Ou minha sombra, a depender de como você interpreta a presença dele. Privacidade é coisa do passado, e, ao que parece, não tenho mais permissão para dirigir. Ele me trouxe até aqui.

Quando ela conheceu Kofi, comentou que sempre havia pessoas ao redor dele, algo que ele parecia aceitar bem depois de tantos anos vivendo sob um microscópio

em seu país. Ela odiou pensar em ter que viver sob tais condições.

— Kofi disse algo sobre a forma como te tratou quando foi embora? Ele te procurou porque finalmente caiu em si e quis se desculpar por duvidar da sua inocência?

— Não. Não sei por que ele me procurou. Talvez algum sexto sentido de que tinha um filho por aí no mundo. Uma coisa é certa: ele está furioso.

Angela fez careta.

— Se alguém deveria estar com raiva, esse alguém é você. Ele nunca te contou que estava noivo.

— A esposa dele morreu.

— Ah.

Dahlia rasgou um guardanapo de papel.

— Ele está diferente. Mais duro. Mais frio. Não é o homem que conheci há três anos. Acho que a morte da mulher o afetou bastante. Ele disse que ela se matou.

— Caramba.

— Não consigo nem imaginar pensar em ficar o resto da vida com alguém, e perder a pessoa de repente

— Dahlia comentou.

Na verdade, conseguia. Ela se apaixonou tão rápido e tão intensamente por Kofi, que imaginou como seria a

vida se passassem o resto dela juntos. Então, apesar da raiva e da sensação de traição, sentia muito por ele. Devia ter sido devastador enterrar a esposa pouco tempo depois de se casar.

— Ei. — Angela tocou os dedos dela. — Você está chorando.

— Estou? — Dahlia secou uma lágrima da bochecha e riu. — Minhas emoções estão confusas. Não sei o que pensar nem o que sentir. Não quero desenraizar meu filho e me mudar para um país sobre o qual não sei nada, mas a sensação é de que não vou conseguir deter o Kofi. Não tenho o dinheiro nem o poder que ele tem, e a imunidade basicamente dá ao homem carta branca para fazer o que bem entender.

— Se alguém pode detê-lo, esse alguém é você — Angela disse com confiança até demais.

Dahlia abriu um sorriso fraco.

— Não, não posso. Você é um amor, mas não consigo nem pensar em outra solução, e não tenho forças para lutar.

— Você não tem forças para lutar? Você perdeu seus pais em um acidente quando seu pai dormiu ao volante. O mesmo acidente que te deixou em coma por cinco dias. Você tinha catorze anos e se recuperou.

O acidente foi no Arizona. Enquanto Dahlia cochilava no banco de trás, o pai desviou para a contramão. Tanto ele quanto a mãe morreram no local.

— É diferente.

— Como? — Angela franziu os lábios.

— Eu não tive escolha, Angie. Estava literalmente lutando pela vida.

Os pais viajavam por todo o país trabalhando em coisas estranhas, e ela ia junto. A vida era interessante. Ela visitou quase todos os estados. Os pais não ganhavam muito dinheiro, mas os três se divertiam. Sua vida era uma grande aventura.

A morte dos dois teve um impacto profundo nela. Quando voltou do coma, resolveu que viveria a vida ao máximo. Quando os avós, que cuidaram dela depois da morte dos pais, faleceram, ela não perdeu nem um segundo. Levou a vida sem medo nenhum e, quando conheceu Kofi, manteve a crença.

Viva no agora comigo.

Ela se lembrava das palavras ditas baixinho enquanto ele a olhava nos olhos. E ela fez isso. Destemida e imprudente, entregou-se por inteiro. Ela podia ter acabado com o coração partido, mas também

recebeu a alegria da maternidade. Não se arrependia nem por um minuto de ter tido Noel.

— E, há cinco anos, você estava lutando pela própria vida quando se juntou à Melanie na empresa. Você só tinha vinte e três anos. Eu peguei a rota segura e fui trabalhar para aquele bando de otários que suga a minha vida a cada semana, mas você virou sócia dela.

— E acabei trabalhando com alguém que desviou dinheiro do nosso cliente mais importante — Dahlia lembrou a ela.

— Mas você enfrentou isso. Você é bem mais corajosa que eu.

— Mas e se eu não for corajosa? — Dahlia perguntou baixinho. — E se eu estiver com medo? Com medo de verdade dessa vez. E não tenho nem certeza de todas as razões para eu estar tão aterrorizada.

Angela se moveu para a cadeira ao lado da dela.

— Ouça. Você está criando um filho sozinha, sem a ajuda de ninguém, e o Noel é um garoto maravilhoso. Você vai ser a melhor princesa que Zamibia já viu.

— Acho que sim.

— Você não tem muita escolha, nem muito tempo para decidir. Vá com Kofi ou vá embora, conforme decidir.

— Ela abaixou a voz. — Fuja. Ele não pode levar Noel embora se não conseguir encontrá-lo.

O olhar de Dahlia se voltou para ela.

— O que está sugerindo? — sussurrou.

— Você sabe muito bem.

Dahlia olhou para Yasir. Ele parecia estar lendo o jornal. A posição lhe dava uma vista ampla de todo o restaurante. Suspeitava que ele estava bem ciente de cada movimento de todo mundo ali: das pessoas na fila, do casal discutindo baixinho, do pessoal sentado sozinho com fones de ouvido, digitando no computador. Era seu trabalho notar os detalhes, e ela quase sentiu medo de que ele pressentisse que ela estava pensando em fugir e avisaria a Kofi.

— O que você sente por Kofi agora? — Angela perguntou.

— Quase nada. — Não era bem verdade. Ele provocou uma resposta poderosa e emocional que ela fez o seu melhor para abafar.

— Tem certeza?

— Eu não o amo mais, se é o que você quer dizer. Ele e eu mal nos conhecemos, e só ficamos juntos por uns poucos meses. Sendo realista, as pessoas não se apaixonam fácil assim, nem nessa velocidade.

— Você ficou bastante arrasada quando descobriu que ele estava casado.

Angela a apoiou durante a choradeira, quando ela percebeu que não foi mais do que uma diversão para ele. Que o coração do homem pertencia a outra.

— Eu estava magoada. Admito que deixei meus sentimentos se entrelaçarem com os dele. É fácil fazer isso quando se conhece um homem que diz todas as coisas certas, presta atenção nas suas necessidades e, basicamente, te faz flutuar. Ele era encantador e me prometeu o mundo.

Ela engoliu o nó na garganta. Na verdade, pensou que tinham um relacionamento construído com base em atração e admiração mútuas. Para não mencionar que ele era extremamente divertido quando abaixava a guarda. E carinhoso. Tão carinhoso. Protetor. Sempre se sentiu segura com ele, como se nada pudesse atingi-la. Não só por causa dos seguranças, mas porque ele mesmo era um soldado treinado com séculos de sangue de guerreiros correndo por suas veias. A forma como ele andava e falava impunha respeito, e o homem sempre parecia estar no controle.

Ela esvaziou os pulmões com um suspiro suave.

— Nosso relacionamento não era real. Isso aqui é. Mudar para Zamibia é real. Noel é real. Meu relacionamento com Kofi não era. Era uma ilusão, e o homem de quem eu gostava não existe. — Ela encarou as mãos quando uma pontada de dor atingiu seu peito.

— E se ele ainda existir? — Angela incita baixinho.

Era difícil resistir ao antigo Kofi. Se ele reaparecesse, teria que lutar muito para não se deixar levar por ele e se lembrar de que ele a enganou e poderia fazer o mesmo novamente.

— Não existe — Dahlia disse, firme. — O Kofi que eu pensei que amava... não tenho nem certeza de que ele realmente existiu.

CAPÍTULO SETE

ELA DECIDIU FUGIR.

Graças a Deus por Angela. Hoje, Dahlia aceitou a oferta da melhor amiga de escapar para o chalé que os pais dela tinham nas montanhas. Ela fez a sugestão anteontem, antes de saírem da *Starbucks*. Essa noite, antes de pegar um voo noturno para a Califórnia, Dahlia lhe pediu para deixar as chaves debaixo do vaso de flores no jardim dos fundos.

Não permitiria que Kofi controlasse a sua vida e a do filho deles sem lutar. Não sabia nada sobre a Zâmbia e não tinha conexões com o país. Era tão pequeno que nunca chegava ao noticiário, como acontecia com os países maiores que o rodeavam. Além do mais, não poderia correr o risco de ir para lá, onde a palavra de Kofi era lei. Qualquer coisa poderia acontecer se ela se curvasse à vontade dele. Quem saberia o que ele faria? Não poderia assumir o risco. Assim que chegasse às montanhas, enviaria uma mensagem para avisar que

estava em segurança. Então seria capaz de negociar em pé de igualdade.

— Vamos sair em uma pequena aventura — Dahlia disse a Noel, mantendo a voz despreocupada e otimista.

— *Aventura!* — ele respondeu, com os olhos brilhando enquanto dançava pela sala sobre as pernas gordinhas, alheio à seriedade da situação. Ele riu quase sem parar, obviamente pensando que a maneira como ela corria por ali, enfiando roupas e outros itens nas malas, era alguma brincadeira.

Dahlia percorreu a sala com o olhar, esperando não ter esquecido nada. Se fosse o caso, não poderia voltar. Empacotou apenas o imprescindível, mas depois que passasse um tempo, pediria à Angela para ir ao apartamento pegar mais coisas.

Ela se agachou na frente do filho e abotoou o casaco dele. Em seguida, entregou a minhoca roxa e perguntou:

— Pronto? — E sorriu para manter a leveza.

Ele abraçou o brinquedo junto ao peito.

— Sim!

— Certo. Vou só ver algo bem rapidinho, e aí a gente parte para a nossa aventura!

— *Aventula!* — ele repetiu, com o mesmo entusiasmo.

— Fique quietinho, sim? — Ela o colocou na cama e apagou a luz.

Por entre as frestas da persiana, ela procurou movimento na calçada ou em algum dos carros. Um veículo passou e um pedaço de papel voou pela rua, impulsionado pela brisa leve. Nada fora do comum, mas estava nervosa. Dois dos guardas de Kofi permaneciam do lado de fora da porta, o que significava que ela precisava tomar cuidado.

Dahlia pegou a mochila e a bolsa e jogou pela janela do quarto direto na grama do lado de fora do prédio. Pegou Noel no colo e o colocou no chão. Ele a observou com curiosidade conforme ela ia logo atrás.

— Mamãe...

— Shh. — Colocou um dedo nos lábios do menino, que ficou quieto na mesma hora.

Com o coração acelerado, fechou a janela e parou para escutar enquanto avaliava a área. Só os sons da noite eram ouvidos. Nada que indicasse que ela foi descoberta. Com a mochila nas costas e Noel no colo, ela pegou a bolsa e caminhou rápido na direção do estacionamento onde o carro ficava.

Depois de ter guardado tudo no porta-malas, parou para prender Noel na cadeirinha. O tempo todo, os olhos iam de lá para cá, buscando algum movimento incomum no estacionamento mal iluminado. No carro, ela agarrou o volante e ficou imóvel quando uma onda de medo a percorreu. O estômago doía e revirava.

Era loucura fugir? Egoísmo? Não, estava fazendo a coisa certa. Era Kofi quem estava errado.

Dahlia deu a partida.

— Mamãe.

Ela se virou para olhar para Noel.

— Sim, tesouro.

— Eu te amo. — Ele sorriu.

A primeira vez que ele disse essas palavras foi depois de ela fazer cócegas nele, quando os dois estavam esparramados na cama. Ele se sentou e lhe deu um beijo, falando que a amava. Um ato puro, doce e tão necessário depois de um dia longo, que os olhos dela marejaram. Precisava ouvir aquelas palavras na época, e ele deve ter sentido o quanto ela precisava delas no momento.

Dahlia sorriu e apertou o pé dele.

— Eu também te amo. Mais do que qualquer coisa nesse mundo todo. — Faria o que fosse necessário para

protegê-lo e mantê-lo na sua vida, em seus próprios termos.

Ela se virou e ligou os faróis.

Abdalla estava parado bem na frente do carro.

Dahlia gritou. Mais dois homens se aproximaram de cada lado, todos vestindo casacos escuros. Reconheceu Yasir na mesma hora.

Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.

Ela apertou o volante. Eles estavam armados? Eles a machucariam?

Uma olhada pelo retrovisor revelou os olhos arregalados de Noel enquanto ele agarrava o bichinho de pelúcia, e mais um guarda apareceu na traseira do pequeno sedan. Estavam cercados. Abdalla sozinho parecia forte e grande o bastante para manter o carro parado só segurando o para-choque.

Yasir se abaixou e bateu na janela com o dedo.

— Srta. Sommers, por favor, saia do veículo.

Dahlia o encarou por um instante, tentando recuperar o fôlego. Em seguida baixou a janela uns cinco centímetros.

— Não — respondeu, com voz trêmula.

— Por favor, senhora. — Ele continuou, educado, mas não havia como deixar passar a determinação na

sua voz, como quando insistiu em ir com ela à *Starbucks*.

— Ou o quê? — A voz subiu várias oitavas por causa do pânico. — Vai invadir o veículo e me tirar daqui? Vai me machucar na frente do meu filho?

— Não, senhora. — A voz dele permaneceu calma, mas firme. — Temos instruções estritas para não machucá-la. Mas também temos instruções estritas para não deixar nosso príncipe partir.

Nosso príncipe. Já se referiam ao menino como se fosse deles, como se não fosse mais filho dela. A criança já pertencia a eles.

Lágrimas de frustração arderam em seus olhos. Ela se atrevera a passar por cima deles? O pensamento de ferir outro ser humano lhe provocou náuseas. Ela nem acreditava na pena de morte. Não poderia atropelar esses homens que só estavam fazendo o próprio trabalho, e eles jamais trairiam Kofi. Juraram fidelidade a ele, mas isso não significava que ela não poderia tentar fazê-los mudar de ideia ou se colocar à mercê deles.

— Diga a ele que vocês não me viram.

— Por favor, saia do veículo, senhora.

— Me ouça, por favor, eu...

Dahlia ouviu o som mais triste de todos. Um lamento alto veio do banco traseiro. Ela se virou para o

filho, que se agarrava à minhoquinha, com lágrimas escorrendo pelas bochechas. Seu coração se partiu. Ele estava com medo, e ela o estava assustando mais ainda.

Dahlia olhou feio para Yasir.

— Veja só o que você fez.

O homem não respondeu.

— Nós estamos nos Estados Unidos. O Kofi não tem o direito de fazer isso.

Yasir se endireitou e falou com ousadia:

— Ele é o príncipe Kofi Francois Karunzika, o Leão Conquistador do povo mbutu. Ele pode fazer o que quiser.

Dahlia soltou um fôlego trêmulo e deixou os ombros se afundarem em derrota.

— Tudo bem — ela murmurou. — Eu vou voltar.

— Não, srta. Sommers. Você vem conosco.

CAPÍTULO OITO

DAHLIA SE SENTOU no banco de trás do SUV preto com Noel e Abdalla, enquanto Yasir ia na frente com o motorista. O percurso até a cobertura de Kofi foi feito em silêncio, as únicas palavras ditas foram quando se acomodaram no veículo. Abdalla fez uma ligação, disse algumas palavras em mbutu e desligou.

Noel dormiu no caminho, então ela ficou com ele no colo enquanto percorriam o corredor até a cobertura de Kofi, uma das duas que havia no último andar. Igual a uma prisioneira, caminhou entre os dois homens, com Yasir atrás e Abdalla indo à frente com as duas bolsas.

Quando entraram, Kofi se afastou da janela.

— Leve as bolsas lá para cima, para o quarto no fim do corredor — ele disse. Seu olhar se fixou em Dahlia, que o encarava com o máximo de ódio possível.

— Aofa — ele chamou. A babá apareceu na mesma hora por uma porta lateral. — Por favor, leve o meu filho lá para cima até o quarto dele.

Dahlia não resistiu quando a mulher mais velha tirou a criança dos seus braços e subiu as escadas sem fazer barulho.

Uma guerra de olhares duros e silêncio continuou até Abdalla voltar.

— Obrigado pela excelente assistência essa noite. Seu trabalho está concluído — Kofi falou aos homens. Eles fizeram um leve meneio de cabeça e saíram do apartamento.

— Aceita uma bebida? — Kofi foi até o bar.

— Não.

Ele serviu uma mesmo assim: conhaque com gelo e um pouco de limão. Uma bebida que ele a persuadiu a provar e da qual agora ela gostava. Kofi entregou o copo e ela o pegou, tendo o cuidado para que os dedos não tocassem nos dele. Se ele notou, não reagiu, e logo em seguida voltou para o bar.

Dahlia tomou um gole. A queimação na garganta a deixou um pouco mais desperta. Ela observou Kofi se servir do mesmo drinque.

Mesmo se ele não fosse um príncipe, seria um homem cativante. Ele se movia com uma graciosidade tranquila e as roupas lhe caíam muito bem. No conforto de seu lar, usava calça larga e um *dashiki*, expondo os

músculos volumosos dos braços. Nunca o viu em seus trajes tradicionais.

A barba bem aparada indicava que ele era um homem que cuidava de si mesmo, e o perfil forte sugeria uma confiança nata que vinha de anos de ouvir o quanto ele era especial e diferente.

— Como você sabia que eu ia tentar fugir? — Dahlia aninhou o copo em suas mãos.

Com um sorriso ligeiro, ele respondeu:

— Considerei o que uma mulher razoável e digna de confiança faria, e supus que você faria o oposto.

Babaca.

— Você não confiou em mim.

— Nem um pouco.

Kofi bebericou o drinque, olhando-a por cima da borda do copo.

— Eu não te traí três anos atrás.

— E, ainda assim, aqui estamos. E suas ações, mais uma vez, provaram que não posso confiar em você.

Ela olhou ao redor do cômodo, o que lhe deu tempo para pensar.

— E agora?

— Só depende de você, Dahlia. Você deixou bem claro, dolorosamente claro, que não posso deixar meu

filho fora da minha vista, ou você tentará roubá-lo de mim.

— Roubá-lo? Está falando sério?

— Prefere que use a palavra sequestro?

— Preciso de tempo para me ajustar à ideia...

— Chega! — Ele bateu o copo no tampo de metal do bar. — Estou sendo paciente demais com você em várias ocasiões. Ao que parece, minha generosidade não bastou. Você se esqueceu de que não te joguei na cadeia pelo crime que cometeu contra o meu reino?

— Eu não roubei aquele dinheiro. Foi a Melanie.

— Mesmo se eu conseguisse acreditar, suas ações desde então me provaram que você é capaz de roubo. Você estava disposta a roubar o herdeiro do trono, então por que eu duvidaria que furtou dinheiro de nós?

— Inacreditável. — Dahlia balançou a cabeça. — É impossível me comunicar com você. Ninguém consegue se comunicar com você.

— Sou esperto o bastante para não cair nas suas conspirações. — Ele se aproximou dela bem devagar. — O jogo termina agora. Quer ir para a Zambíbia? Vou te dar a oportunidade de fazer isso. Mas, dessa vez, você vai fazer o que eu disser. Tudo o que eu disser.

Ela não gostou nada daquilo.

— O que quer que eu faça? Ninguém vai acreditar nesse noivado de fachada.

— Irão, se alinharmos a história. Diremos que terminamos, mas que não deixamos de nos amar.

— Você se esqueceu de que era casado antes?

— No meu país, um homem pode ter tantas esposas quanto puder sustentar.

— Ah, certo. Que delícia viver em uma sociedade em que o apetite de um homem por várias mulheres está arraigado nos costumes e é tido como norma.

— Levando em conta a taxa de divórcio do seu país, eu diria que os homens têm o mesmo apetite. Mas acho que é melhor ter casos extraconjugais e lares destruídos.

— Ele abriu um sorriso debochado, ao qual ela não reagiu. — Como eu estava dizendo, estávamos apaixonados, e eu descobri sobre o meu filho depois que você entrou em contato comigo. Pode acreditar, seria melhor dizer que você me ligou a deixar meu povo saber que fui eu quem te rastreou. Você vai agir como uma noiva apaixonada. Vai fingir que somos amantes que reataram. Vai entrar no jogo ou não vai dar certo.

Ela fortaleceu os nervos com outro gole de conhaque. Um silêncio carregado vibrava entre eles.

— Não tenho muita escolha, não é? Primeiro, você ameaça levar o Noel, agora me força a me casar e a fingir que estamos apaixonados.

— Não há necessidade de fazer minha proposta soar como se fosse uma sentença de morte. Eu te asseguro, você será motivo de inveja para muitas mulheres, assim como terá uma vida de riqueza e privilégios.

— Só vou ter que mentir. — Dahlia passou os dedos pela trança longa sobre seu ombro direito. — Farei o que você diz sob duas condições.

Kofi riu.

— Você não está em posição de fazer exigências.

— São mínimas. Você pode atender a dois pedidos meus, não pode?

Ele a olhou cheio de suspeita.

— Depende do que sejam.

— Quero que Angela, minha melhor amiga, vá ao casamento. — Dahlia respirou fundo e desviou o olhar para o sofá. — O último pedido é que... tenho certeza de que você terá outras mulheres. Afinal de contas, eu era a *outra*. — Ela engoliu a pontada de dor que veio do nada. — Só te peço... que seja discreto com os seus casos. Eu preferiria não passar pela humilhação de ver você esfregando outras mulheres na minha cara.

O silêncio no cômodo foi tão profundo, que ela conseguiu ouvir o tique-taque do relógio de parede.

— Não há problema nenhum em sua amiga ir à cerimônia. Quanto ao outro pedido... sou sempre discreto. Nunca levei nenhuma das minhas amantes aos meus aposentos no palácio, e isso não vai mudar.

Dahlia assentiu, entorpecida. Amantes. Quantas havia?

Ela meio que esperava que ele fosse negar a necessidade desse tipo de caso e se oferecer para tratar o casamento deles como verdadeiro. Como foi tola.

— Obrigada — ela sussurrou entre lábios rígidos.

— Você vai ficar na cobertura até partirmos. — Era uma declaração. Não um pedido.

— Sim, vossa alteza. — Ela ergueu a cabeça e o fuzilou com o olhar, como se isso fosse fazer algum bem. Ele tinha todo o poder, todo o controle.

Kofi andou a passos lentos na sua direção, e o corpo dela ficou tenso conforme ele se aproximava.

— Não tenha ideias tolas de fuga, Dahlia. — Ele segurou seu queixo.

A pressão firme encheu o seu corpo de calor. Ela paralisou, hipnotizada pela intensidade do olhar. Conhecia esse homem. Conhecia o toque, os beijos e a

risada rouca de quem sabia o que estava fazendo quando unia o corpo dos dois e ela implorava por mais. Mas sexo e pele encharcada de suor eram a última coisa que passava por sua cabeça.

— Não se atreva a fugir de mim de novo. Se fizer isso, vou atrás de você. Se você se esconder, vou te encontrar. Nada, nunca mais, vai me manter longe do meu filho.

Kofi manteve o olhar fixo em Dahlia enquanto ela subia as escadas correndo.

Suas suspeitas se confirmaram. Desconfiou que ela tentaria ir embora, e um sexto sentido o fez enviar reforços para o apartamento dela e instruir que os homens prestassem atenção dobrada nessa noite.

Passou o que restava da bebida dela para o próprio copo e deu um gole.

Sua vida era rígida e limitada por causa dos protocolos e tradições a que foi exposto desde a infância. Mesmo o casamento com Azireh foi arranjado. Kofi aceitou que deveria se casar com a mulher... até que

conheceu Dahlia. Ela foi um farol de luz na escuridão de deveres e obrigações que sua vida se tornou.

Um sorriso surgiu em seus lábios quando se lembrou das brigas de travesseiros e do combate na cama, como se fossem crianças. Ela se tornou sua fuga por um breve período, um respiro das restrições de sua vida.

Pensou em todas as coisas que o atraíram para ela. Não apenas a beleza, mas também a empatia da mulher. Dahlia não suportava ver os outros sofrerem. Três anos atrás, ele decidiu que se casaria com ela, que faria dela sua segunda esposa. Só precisaria convencê-la. E então descobriu sobre o roubo.

Kofi foi até a janela, mal reconhecendo os prédios iluminados pelas luzes. Girou a bebida e fez careta para o copo.

Apesar do que ela fez, não conseguiu entregá-la para a polícia. Optou por obrigar ela e a sócia a fecharem a empresa. Ela não parou de se declarar inocente, e queria acreditar nela, mas como? Ela escondeu o filho, outra armadilha que ele achou difícil relevar.

Parou de se mover e encarou o líquido âmbar.

Estava cometendo um erro? A pergunta o atormentou mais vezes do que podia contar.

Não, pensou pela enésima vez com determinação inflexível. E terminou a bebida.

Tinha o direito de reivindicar o filho. Por que não fazer o mesmo com a mãe dele?

CAPÍTULO NOVE

SEGUNDA-FEIRA DE manhã, Dahlia acordou com o braço de Noel atravessado no seu pescoço e o joelho fincado nas costelas. Saiu de debaixo dele e se virou para o lado da cama.

Por mais que gostasse de dormir com o seu garotinho, era de se admirar que não acordasse cheia de hematomas depois de passarem a noite na mesma cama. Foi até o banheiro adjacente e se preparou para o dia. Depois de um banho refrescante, vestiu um roupão e voltou para o quarto. Encontrou Aofa sentada na lateral da cama, brincando com Noel.

— Bom dia. — A voz da mulher ressoou com alegria.
— Bati, mas ninguém atendeu. Vim perguntar se deseja que eu prepare o príncipe para o dia.

— O que está programado para hoje? — Dahlia perguntou.

— O príncipe Kofi o levará ao zoológico e depois ao parque.

Noel se agitou na cama.

— Eu amo zoológico! — ele exclamou. A mãe o levou até lá duas vezes no final do ano passado.

— Qual é o seu animal preferido? — Aofa questionou.

— Cobra.

— Cobra? — Aofa repetiu.

— Que som a cobra faz? — Dahlia perguntou a Noel.

— Sssss. — Orgulhoso de si mesmo, ele sorriu.

— E o leão? Ele é o rei dos animais — Aofa disse.

— Leão é grande e assustador. — Noel ergueu as mãos como se fossem garras e soltou um rugidinho fofo.

Dahlia e Aofa riram.

— Quer que eu o arrume, senhora? Assim, a senhora e Kemal podem trabalhar nos seus assuntos essa manhã.

— Meus assuntos?

— Sim. Tenho certeza de que ele pode explicar os detalhes, mas a senhora vai se mudar para o exterior. Vai precisar fechar contas e encerrar suas obrigações financeiras aqui nos Estados Unidos.

— Ah, tudo bem. — Não tinha pensado tão à frente, pois achou que a essa altura já estaria bem longe.

Dahlia deu uma boa olhada em Aofa. Não duvidava da habilidade da mulher, mas estava acostumada sendo

só ela e Noel. Quando se mudassem para Zâmbia, a babá seria responsável por cuidar dele, e precisava ser tranquilizada de que podia confiar o filho a ela.

— Que experiência você tem como babá? — ela perguntou.

Aofa se levantou e cruzou as mãos diante dos quadris largos.

— Srta. Sommers, é uma honra servir como babá do nosso jovem príncipe, e tenho certeza de que confia que o príncipe Kofi não teria me escolhido se eu não fosse qualificada. Trabalhei para o tio dele, o príncipe Kehinde, por muitos anos, cuidando de dois dos netos dele. Agora, estão estudando em Londres. Depois disso, o embaixador da Nigéria me contratou para cuidar dos filhos dele. Como pode ver pelo azul no meu cabelo, Kemal e eu somos do povo ndenga. Ele me contou que o príncipe Kofi precisava de uma babá. Enviei meu currículo, com uma carta de recomendação do príncipe Kehinde, e ele me contratou. Sei que Noel é o seu primeiro filho, e eu entendo. Mas, por favor, não se preocupe. Sou avó e amo crianças. Seu filho estará seguro comigo. — Ela olhou para Noel, que começou a pular na cama de novo.

— Mesmo ele tendo toda essa energia? Noel, pare de pular na cama.

Ele ignorou, e continuou gargalhando e pulando.

— Mesmo com toda essa energia. — Aofa riu.

Satisfeita com a resposta, Dahlia perguntou:

— Quantos netos você tem?

— Quatro. Dois meninos e duas meninas. Eles moram em Cape Ndugu, uma pequena aldeia de pescadores no litoral. A senhora conhece?

Dahlia balançou a cabeça.

— Muitos ndenga vivem lá. Não vejo muito os meus netos, agora que voltei a trabalhar no palácio, mas quando tenho folga, vou direto para a aldeia visitá-los. — Ela abriu um sorriso cheio de orgulho maternal. — O palácio está preparado para o seu filho. Ele tem o próprio quarto, já cheio de brinquedos e livros. Fica ao lado do seu, e a senhora poderá mudar o que quiser na decoração. Ele vai ser feliz lá.

— Obrigada. — Dahlia respirou com um pouco mais de facilidade. Saber que teria Aofa ao seu lado, ajudando enquanto ela se ajustava à nova vida, a tranquilizou bastante.

— Vou levá-lo para o banheiro. — Aofa tirou Noel da cama.

— Tchau, mamãe. — Ele acenou.

Dahlia retribuiu o aceno enquanto ele desaparecia pela porta.

Ela se vestiu rápido e desceu, pensando no café da manhã, e seguiu o cheiro do bacon até a cozinha. Na entrada, ela parou. Kemal estava ao balcão, se servindo uma xícara de café.

Ele fez uma pausa quando a viu, e um arrepio de desconforto lhe percorreu o corpo.

Dahlia não conseguia apontar exatamente o que nem a razão, mas na primeira vez que o viu três anos atrás, teve a forte impressão de que não gostava dela. Nada mudou. O homem não abriu nem mesmo o menor dos sorrisos.

Ele era muito eficiente e inestimável para Kofi. Apesar de ser assistente pessoal do príncipe, era tratado como amigo e confidente. Por essa razão, jamais mencionou o desconforto com sua suspeita da antipatia dele por ela.

— Bom dia, srta. Sommers — ele desejou em tom monótono.

— Bom dia, Kemal.

— O café da manhã está no balcão. Há bastante comida, mas se preferir algo diferente, basta me avisar e pedirei à cozinheira para preparar.

— Não vai ser necessário — Dahlia disse. — Hum, onde está o Kofi?

— O príncipe Kofi está no escritório, trabalhando. Deseja que eu o chame?

— Não, não precisa.

— Muito bem. — Ela quase podia jurar que ele torceu os lábios. — Nesse caso, o príncipe Kofi me pediu para te ajudar a encerrar suas contas e cuidar dos assuntos necessários antes de sua partida para a Zâmbia. Quando terminar de comer, poderemos começar.

Ele foi em direção à mesa e ao computador montado lá.

Embora estivesse com fome, Dahlia decidiu não comer. Não achou que teria muito apetite ao se sentar à mesa com ele, encarando seu julgamento enquanto comia. Em vez disso, serviu-se uma xícara de café, sentou-se com o homem, e começaram a repassar contas e obrigações financeiras.

Depois de reunir todas as informações necessárias, Kemal se lançou ao trabalho via telefone. Todas as despesas dela foram pagas, inclusive as contas pendentes no cartão de crédito que ela não tinha conseguido pagar. A sensação de ter suas contas

quitadas foi deliciosa, mas estranha. Estava por conta própria há tanto tempo, e ter alguém fazendo ligações e pagando os débitos foi esquisito. Como se ela fosse uma trapaceira ou alguém levando vantagem.

Enquanto Kemal estava ocupado reincidindo o contrato de aluguel, serviços e coisas do tipo, ela apresentou a carta de demissão no trabalho, com efeito imediato. Fez ligações de despedida, mas dar adeus à Angela foi o mais difícil, já que a amiga estava ainda na Califórnia e elas não se veriam antes de sua partida.

Ao fim do dia, estava bem perto de romper os laços com os Estados Unidos, preparando-se para começar uma vida nova na Zâmbia.

CAPÍTULO DEZ

AOFA DISSE A Dahlia que Kofi queria vê-la. Ela desceu e o encontrou na cozinha, servindo um molho de aparência encorpada em um prato. O aroma de alho, cravo e pimenta flutuou até onde ela estava.

— Já comeu? — ele perguntou, sem olhar para cima.

O homem continuou se movendo. Estava com as mangas da camisa enroladas, revelando braços em um tom marrom profundo e cobertos de pelos. Vê-lo em um cenário tão comum fez um calor queimar em seu ventre e se espalhar pela virilha. Quantas vezes passou os dedos por esses mesmos braços, ou se derreteu no calor do seu corpo quando ele a abraçou junto a si?

Dahlia se libertou do devaneio. O que havia de errado com ela? Kofi a mantinha praticamente presa contra sua vontade, e tudo em que conseguia pensar era no quanto ele era gostoso.

— Ainda não. — Ela entrou na cozinha. — Não tem ninguém para te servir essa noite?

— Não há necessidade de deixar a equipe de prontidão a cada minuto do dia.

— Não era assim antes. — Ela se moveu ao redor dele. Kofi sempre tinha um empregado ou assistente por perto.

— Fiquei um pouco mais independente desde então. Os pratos estão naquele armário.

Dahlia retirou um de dentro do móvel. Kofi o pegou da mão dela e serviu frango e molho.

— Você está fazendo o meu prato? — Ela ergueu uma sobrancelha.

— Não fique tão chocada.

— Não consigo, você está me servindo e sendo legal.

Ele adicionou arroz, feijão e legumes ao prato, em seguida derramou o molho condimentado em cima de tudo.

— É mais fácil ser legal quando consigo o que quero. Vencer me deixa complacente.

Dahlia sentiu vontade de arrancar aquele sorriso do rosto dele com um tapa.

— Você está se vangloriando, e isso não é bonito de se ver.

Ela se dirigiu à sala de jantar, onde a mesa já estava arrumada com taças de água e uma garrafa de vinho resfriando em um balde de gelo, e se sentou.

Segundos depois, Kofi colocou um prato diante dela antes de se sentar do outro lado da mesa e abrir um guardanapo no colo.

— Você ainda tira fotos? — ele perguntou, antes de abrir o vinho.

— Sim, mas não com a mesma frequência de antes. Não posso mais arcar com o aluguel de uma câmara escura.

Ele hesitou e seu olhar encontrou o dela antes de servir vinho para ambos. Um silêncio desconfortável desceu sobre a sala.

Dahlia não podia mais arcar com os custos do hobby, pois Kofi forçou Melanie e ela a fecharem a empresa de gerenciamento imobiliário. A renda disponível se tornou coisa do passado, especialmente após o nascimento de Noel. Assim como a mãe, ela tirava inúmeras fotos, mas preferia o formato analógico ao digital. Não havia nada como a emoção de revelar um filme em uma câmara escura e descobrir a preciosidade que era uma fotografia perfeitamente capturada.

— Sobre o que você queria falar comigo? — Dahlia mudou o assunto de propósito. De ombros erguidos, ela se preparou para mais exigências.

Kofi pegou um pedaço de pão e o usou para pegar um pouco do molho no prato. Ele o levou à boca e mastigou.

— Você tem muito a aprender quando chegar à Zâmbia, e tenho certeza de que tem perguntas.

— Tenho. Aceitei uma posição sobre a qual não sei nada.

— Os deveres de princesa são de natureza geral, focados em Relações Públicas. Você vai oferecer jantares para dignatários em visita, participar de compromissos do Estado e se tornar patrona de organizações de caridade de sua escolha.

— Parece bem trabalhoso.

Kofi cortou o frango.

— Terá uma equipe completa para te ajudar, pessoas que consideram o trabalho no palácio um privilégio e uma honra. Antes de você chegar, Kemal vai te ensinar o essencial para ajudar a enfrentar a imprensa quando pousarmos. Há alguns poucos detalhes sobre protocolos que você precisa aprender e, depois disso, vai frequentar aulas para aprender sobre nossa história e

cultura. É esperado que você saiba ao menos algumas palavras e frases em francês e em mbutu.

Até então, nenhuma surpresa. A Zâmbia tinha três línguas oficiais: francês, inglês e mbutu, falada pelo povo mbutu, o maior do país.

— Algo que queira me perguntar? — questionou Kofi.

Dahlia empurrou o arroz e o feijão pelo prato. Olhou para cima e questionou:

— Há alguma forma de eu não me casar com você?

Ele mastigou devagar e tomou um gole de vinho. Ela sentiu o nervosismo tomar conta enquanto esperava a resposta.

— É claro. Me deixe levar o Noel, e você pode ficar aqui.

— Sabe que essa não é uma opção.

— Então, por que fazer esse tipo de pergunta?

Ela comeu um pouco do frango e tomou um gole de água para suavizar o sabor das especiarias.

— Um de nós deveria fazê-las.

— O que isso quer dizer? — Ele apoiou os pulsos na mesa e esperou.

— Você não me perguntou se eu estava saindo com alguém.

— Não está.

— Como sabe?

— Eu te encontrei, lembra? Meu investigador me enviou um relatório completo de todas as suas atividades. Tenho certeza de que você se mudou para a Geórgia não apenas pelo custo de vida mais acessível, mas também porque sua melhor amiga, Angela, mora aqui, e você trabalha no centro de reabilitação de entorpecentes desde que saiu de Nova York. Você vai ao trabalho, pega o Noel e volta para casa. Em alguns dias, faz uma coisa ou outra diferente.

Sua vida parecia terrivelmente chata quando descrita daquele jeito.

Comeram em silêncio por alguns momentos... o único som era o de talheres tocando o prato de porcelana. Dahlia o observava do outro lado da mesa, avaliando a beleza majestosa de seu rosto e cada movimento, preciso e controlado. Seu coração se revirava em uma mistura de nostalgia e arrependimento, sem saber ao certo qual dos dois sentimentos dominava. Ele parecia tão distante.

— Você não me contou por que decidiu me procurar.

— Depois da forma como se separaram, jamais pensou que voltaria a ter notícias dele.

Kofi manteve o olhar no prato, e Dahlia teve a sensação de que ele não queria que ela lesse sua expressão.

— Fazia três anos que eu não vinha aos Estados Unidos. Desde... desde que nos envolvemos. Quis saber o que aconteceu com você.

— O que teria feito se tivesse me encontrado e não houvesse o Noel? — Ela prendeu o fôlego, louca para ouvir a resposta dele.

— Se você não tivesse escondido o meu filho de mim?

— Sim. Se tivesse me encontrado e o Noel sequer existisse.

Ele pegou a taça de vinho e a observou antes de voltar a olhar para ela.

— Jamais saberemos a resposta.

Decepcionada, Dahlia olhou para baixo e voltou a comer.

O jantar terminou, e Dahlia ajudou Kofi a colocar a louça na lava-louças, algo que jamais imaginou que o

veria fazer. O homem realmente parecia relaxado depois de sua última visita.

Ela enxugou as mãos em um pano de prato e passou por ele.

— Boa noite.

— Antes de você ir, há algo que quero lhe dar.

Ela parou e se virou para olhá-lo.

— Venha comigo.

Dahlia o seguiu até a sala, onde Kofi abriu uma gaveta trancada da escrivaninha e retirou uma caixinha de veludo vermelho com detalhes dourados. Ele a abriu, revelando um anel de ouro com o maior diamante que Dahlia já viu na vida.

Ela soltou um suspiro surpreso.

Dois diamantes baguetes ladeavam uma pedra maior de corte esmeralda, e todos brilhavam de tal forma que Dahlia quase precisou de óculos escuros.

— É lindo — Dahlia disse baixinho, olhando o anel. Era a joia mais bonita que já viu. Sua garganta se apertou, e, por um milésimo de segundo, desejou que aquele fosse um noivado de verdade, que ele tivesse ido atrás dela porque sentia saudade.

Kofi colocou a caixinha sobre a mesa e estendeu a mão. Dahlia apoiou a sua palma na dele, os dedos

tremiam de leve e uma tensão estranha preencheu o ar quando ele deslizou o anel em seu dedo. Encaixou com perfeição.

— Agora nosso noivado é oficial — ele disse, e um brilho possessivo surgiu em seus olhos.

O calor de sua mão percorreu a palma dela, movendo-se lentamente para cima.

Dahlia soltou um riso trêmulo.

— Alguém vai acabar cortando a minha mão só para ficar com o anel. É melhor eu tomar cuidado.

O rosto dele se tornou sério.

— Ninguém se atreveria a machucar você nem o meu filho.

Ele falou com tanta convicção que ela não duvidou de suas palavras nem por um segundo. Ninguém ousaria enfrentar aquela fúria.

Kofi pressionou os lábios contra as costas dos seus dedos. O gesto a pegou de surpresa, deixando-a excitada, e a levou de volta ao dia em que se conheceram. Naquela época, ela ficou encantada com ele, deslumbrada por pensar que aquele homem estava prestando tanta atenção nela. E essa sensação nunca se foi... apenas se intensificou.

Dividida entre o desejo de manter o contato e a tristeza pelas lembranças, ela tentou se afastar.

Os dedos do príncipe se apertaram ao redor dos dela.

— Onde quer passar a lua de mel?

— Lua de mel? — Dahlia repetiu, sentindo seu pulso disparar.

— Vamos nos casar. É o esperado.

— E o que você espera que façamos na lua de mel?

— E o que recém-casados fazem na lua de mel? — Kofi perguntou, com um sorriso enigmático.

Dahlia conseguiu puxar a mão e se afastar dele. Passou os braços ao redor da cintura e disse:

— Você... está insinuando que espera que eu vá para a cama com você? Porque se está falando de sexo, não concordamos com isso. Esse não é um casamento de verdade. — O coração dela acelerou.

— Você entende que, como minha esposa, é esperado que me dê mais herdeiros?

— Que eu te dê mais... *herdeiros*? — Ele não podia estar falando sério. O casamento seria apenas uma formalidade, para legitimar o filho deles. Será que entendeu errado?

— É claro. Sexo entre marido e mulher é a coisa mais natural do mundo — ele disse, a voz baixa, quase desdenhosa. — Tenho o direito de tocar a minha própria esposa, não tenho?

O fôlego de Dahlia ficou preso na garganta, quando uma lembrança vívida surgiu de imediato: o toque dele, a paixão intensa que compartilharam. Tudo que sentiam ficou gravado nela, como se fosse esculpido com precisão em uma pedra. Kofi podia ser educado e formal no dia a dia, mas no quarto... ele era intenso e exigente. Os beijos eram arrebatadores. O toque, quase destruidor.

Ela não poderia se entregar àquele tipo de intimidade de novo, não quando eles quase a destruíram e, muito menos, quando sabia que teria que disputar sua atenção com outras mulheres.

— Você vai ter amantes. Não vai precisar de mim.

— Muito pelo contrário, eu preciso de você. Para garantir a linhagem legítima da monarquia. É o seu dever.

Aquilo era um pesadelo.

— Está dizendo que vai me tratar como se eu fosse uma égua parideira?

— Não precisa ser tão grosseira.

— Não precisa ser tão grosseira? — A voz dela se elevou, deixando a consternação evidente. — É exatamente o que você está dizendo. Fale com o conselho, porque eu não vou fazer isso. Estou indo para a Zâmbia por causa do meu filho, esse é o acordo. Arranje uma amante. Ou outra esposa.

Os olhos dele brilharam com raiva.

— Quanto mais você fala, mais eu gosto da ideia.

O coração dela se apertou e o vazio a invadiu. Irada, Dahlia pegou uma almofada do sofá e a atirou contra ele.

CAPÍTULO ONZE

KOFI PEGOU A almofada e o pânico reluziu nos olhos dela. Ele jogou o objeto de lado e, por dois segundos, eles se encararam. Então, o homem atravessou a sala na direção de Dahlia, que correu para a porta, mas o príncipe a pegou pela cintura e a ergueu do chão. Ela soltou um gritinho e esperneou, empurrando os braços dele, mas de nada adiantou.

O príncipe a jogou no sofá e caiu em cima dela. Os dedos se fecharam ao redor dos seus pulsos com a força de tiras de aço.

— Ainda é feroz, pelo que vejo.

— Vá para o inferno. Não vou viajar em lua de mel com você e, com certeza, não vamos para a cama.

— Precisamos ter mais filhos.

— Tenha-os com a sua amante! — ela explodiu.

— Assim que você se tornar princesa, apenas os filhos que tivermos juntos entram na linha de sucessão — Kofi grunhiu.

— Faça o conselho abrir uma exceção igual foi com o Noel. — Dahlia tentou se desvencilhar, mas ele a segurou com ainda mais firmeza, ao mesmo tempo em que ela se debatia. O vestido com estampa floral subiu mais em suas coxas enquanto roçava o traseiro macio na virilha dele. O homem enrijeceu devido ao contato eletrizante.

— Não é assim que funciona — Kofi disse em seu ouvido, com voz rouca. — Precisamos ter mais filhos. Um herdeiro e o sobressalente, essa é a norma.

— Meu Deus, está dizendo mesmo o que eu entendi? Que é *função* sua me engravidar?

— Dahlia...

— Que é *função* minha ter outro filho? — Ela olhou feio para o príncipe por cima do ombro.

Kofi fechou os olhos, iniciando uma contagem regressiva a partir do dez.

— Responda! Ir para a cama comigo é função sua? Muito obrigada pela parte que me toca, alteza. É muito lisonjeiro.

— Vai ser dever de nós dois continuarmos a linhagem — Kofi respondeu, sério. Com dificuldade, ele virou Dahlia e, com uma mão, manteve as dela acima da cabeça. A mulher pressionou os lábios em uma linha rebelde e se debateu, mas o resultado dela esticada

debaixo dele significava que seus seios arqueavam do jeito mais tentador.

Dahlia o fuzilava com os olhos.

— Você acha que sou uma ladra mentirosa. Quer mesmo que outra criança esteja associada a alguém como eu?

— Não me venha com isso de novo.

— Ah, vou, sim. Saia!

Ela se debateu, tentando se libertar, empurrou-o com força, mas Kofi se recusou a soltá-la. Enquanto isso, o pênis dele engrossou e endureceu, e os sentidos ficaram cientes de cada movimento que o corpo suave dela fazia.

A mulher paralisou. Sem dúvida nenhuma, sentindo-o em sua coxa, duro e a postos. Ele viu o exato momento em que a raiva se transformou em luxúria. Kofi se remexeu, deslizou uma perna entre as coxas dela e moveu uma mão por seu quadril. Dahlia soltou um gemido baixo, mordeu o lábio e fechou os olhos. Não havia dúvida de que o som não era de rejeição.

Não foi capaz de pensar direito desde que a viu de novo e, no momento, não dava a mínima para herdeiros ou seus deveres. Queria se perder dentro dela.

A respiração ofegante e quente dela roçou em sua barba logo antes de ele reivindicar sua boca. Kofi enfiou as mãos debaixo do vestido e rasgou a calcinha com a mesma facilidade com que se rasgava um lenço. Quando invadiu sua boca com a língua, ela a abriu de bom grado, seus lábios se agarrando aos dele enquanto o homem tomava o que queria, sugando-lhe o lábio inferior e mordiscando a pele macia.

Ele interrompeu o beijo e se moveu mais para baixo, beijando-lhe o queixo até que ela inclinou a cabeça mais alto e permitiu que sua língua traçasse o batimento errático na base do seu pescoço. Ela gemeu e arqueou as costas, e Kofi cobriu aqueles seios incríveis com as mãos. Macios e avantajados, eles preenchiavam suas palmas.

— Kofi...

— Eu amo o jeito como você fala o meu nome — ele sussurrou. — Tem ideia do que me causa quando diz meu nome com seu sotaque americano?

Um estremecimento a percorreu e ela encontrou um gesto similar no corpo dele. Sentiu as mãos acariciarem as coxas macias por baixo do vestido ao mesmo tempo que ele lhe sugava o pescoço. Ele inclinou três vezes os quadris na direção dos dela, em rápida sucessão,

simulando a relação sexual, e Dahlia respondeu ao se erguer e retribuir a estocada provocante.

Ele mordiscou a orelha dela e deu beijos carinhosos por sua mandíbula até o queixo arredondado, descendo mais. A boca roçou o seio através do vestido enquanto uma mão apertava o traseiro nu. Quando a segurou entre as pernas, ela respirou bem fundo. Estava tão molhada e quente, que ele quis prová-la. Desceu mais e a beijou através das roupas; por fim, pressionou o rosto no arco úmido das pernas dela. Ele inalou o doce aroma feminino e passou a ponta da língua pelo clitóris.

Dahlia estremeceu de novo e ofegou, deixando escapar sons desesperados, tentando abafá-los para que ninguém os ouvisse. Ele ficou lá por um tempo, passando a língua pelo seu sexo e enchendo a boca com a sua carne. Ela se contorceu no sofá, com os joelhos dobrados, pernas abertas e a mão na nuca dele.

— Que sabor mais doce — ele suspirou.

Caramba, essa mulher.

Ele a conhecia. Conhecia seu cheiro e o que significava cada gemido: mais, menos, bem aí. Não se esqueceu de um único sinal, nem do quanto era bom senti-la em seus braços. Tudo nela era dolorosamente familiar.

Moveu-se mais para cima, lambeu os lábios dela e a beijou na boca. A ponta da língua se moveu dentro dos limites dos seus lábios. Dahlia gemeu e se esfregou nele como uma leoa no cio. Envolveu os braços no pescoço e afagou os cachos macios na cabeça dele.

A raiva se transformou em uma fome voraz, não mais escondida sob o verniz do discurso civilizado. A necessidade era tão grande que ele mal conseguia pensar. Tudo o que podia fazer era buscar alívio.

— Abra o zíper. — Ele queria sentir as mãos dela: segurando-o, afagando-o, virando-o do avesso.

— Kofi...

— Por favor. — O príncipe guiou a mão dela até a virilha. Nunca implorou por nada na vida, mas todo homem tinha a própria fraqueza, e Dahlia era a dele.

Da primeira vez que fizeram amor, a atração entre os dois se transformou em um calor vulcânico e ele a ergueu contra a parede. Completamente descontrolado, enterrou o rosto em seu pescoço e a agarrou pelas coxas enquanto arremetia em seu corpo úmido e disposto com uma ferocidade nunca experimentada. Queria se perder daquele jeito de novo.

Sugou a lateral do pescoço dela e, movendo a mão para debaixo do vestido de novo, tentou penetrá-la com

o dedo, mas ela deteve a sua mão.

— Não. — A voz tremeu.

— Dahlia...

— Por favor, Kofi. Pare. — Ela pressionou as palmas da mão em seu peito, e ele parou. Afastando-se, ele a fitou. A mulher não olhava para ele.

Com um gemido profundo, ele saiu de cima dela e se sentou no canto do sofá, com a cabeça enterrada nas mãos. Sentiu o cheiro almiscarado de entre as pernas dela e quis voltar para lá, pressionar o rosto no calor úmido e se fartar.

Dahlia se sentou do outro lado do móvel e puxou o vestido para cobrir a nudez.

Nenhum deles falou.

Por fim, Kofi se levantou e foi até a janela, e o olhar dela estava nublado sob a camada de lágrimas.

— Isso não vai dar certo — ela falou.

— Quem disse?

— Eu. Você está pedindo demais.

Ela mal conseguiu detê-lo. O corpo zumbia por causa das mãos do príncipe em seus seios e da língua que afagava entre as pernas dela. Seus instintos de sobrevivência estavam ligados, avisando que não deveria ir para a cama com ele, mas se tivesse insistido um

pouco mais, ela teria sucumbido. Viver com ele já seria tortura o bastante. A intimidade a destruiria.

— Sinto muito por você, Dahlia, mas está presa a mim. Talvez seja a sua punição por roubar do meu povo.

— Eu não roubei aquele dinheiro.

— Não importa mais.

— Importa para mim! Eu sou digna de confiança.

— Sim, você já provou isso, não foi? — Ele se virou para encará-la.

— Errei quando tentei levar Noel, mas não me diga que você não teria feito a mesma coisa se estivesse no meu lugar. Ele é meu filho e meu parente mais próximo. Tenho muito poucos, e são pessoas com quem raramente falo. Ele é tudo o que eu tenho. — *Era tudo o que eu tinha de você.* — Você vai tomá-lo de mim se eu não for com você para a Zâmbia, e não sei o que esperar depois que chegar lá. — Trêmula, ela respirou fundo e secou as lágrimas. — Você precisa acreditar em mim, Kofi.

— As pessoas cometem erros.

— Eu cometi, mas não sou ladra.

Ele a encarou, com as mãos nos quadris.

— Por que quer que eu acredite em você?

— Eu... — Ela fungou. — Não sei.

Seria humilhante demais admitir que queria que o casamento desse certo. Que fosse de verdade. Não conseguia reconhecer que não queria mágoa entre eles o tempo todo e que não queria que Noel os visse brigar. Não podia confessar que queria que ele precisasse dela mais do que apenas como uma máquina de fazer bebês.

— Se não sabe, então a minha confiança não deve ser muito importante. Quanto a se vamos ou não dormir juntos, prometo não te atacar de novo como um animal selvagem, mas não finja que não há mais química entre nós. — A voz dele ficou mais rouca. — Ela está na minha boca e nos meus dedos. Ainda consigo sentir o cheiro do quanto você me deseja.

O calor inundou o rosto dela.

— Querer você não muda a nossa situação. Não entende, não é? Há três anos, você agiu como se eu fosse tudo para você, então foi embora e se casou com outra mulher. Nunca mais tive notícias suas. E aí você aparece, ameaça tirar meu filho de mim, e, ah, a propósito, eu devo ter mais crianças com você para garantir a linhagem Karunzika.

— O que quer que eu diga? — ele questionou, incisivo. Então, deu dois passos para frente. — Quer saber a verdade, Dahlia? Você *era* tudo para mim. É o

que quer ouvir? Eu queria colocar o mundo aos seus pés. Sim, eu ia me casar, mas só no papel. Eu queria v...

Ele soltou um suspiro profundo e passou a mão pela nuca.

— Eu queria me casar com você — ele falou, com a voz embargada. — Quer mesmo saber o que eu teria feito se tivesse te encontrado aqui e o Noel não existisse? Eu teria te pedido em casamento e dado o anel que está no seu dedo. O anel que mandei fazer especialmente para você, antes de saber que manteve meu filho em segredo. — Ele deu uma risada amargurada. — E sabe por quê? Porque sou um trouxa. Porque, por três meses, há três anos, pensei ter encontrado alguém em quem podia confiar. Alguém diferente de qualquer outro homem ou mulher ganancioso e egoísta que conheci e de quem tentei proteger a mim e ao meu povo.

Sentindo quais seriam as últimas palavras dele, Dahlia abaixou a cabeça. Não queria ver a decepção em seus olhos. Ouvir as palavras já seria bem difícil.

— Foi por isso que te procurei, Dahlia. Eu tinha esperança. — A voz dele ficou mais baixa, mais embargada. — Mas eu estava errado. Você é igual a todo mundo. Pode ir para a Zamibia ou ficar aqui. Mas se for,

terá que seguir as regras do meu país e, no meu país, sou eu quem as faz.

Kofi saiu tão silenciosamente que ela só percebeu que ele tinha partido quando ergueu a cabeça e viu vazio o lugar em que ele esteve. A calcinha rasgada no chão e a umidade entre as suas coxas eram indícios do desejo que sentiam um pelo outro, mas jamais ficariam próximos de novo. Via isso agora.

A dor corroeu seu coração.

Disse a si mesma que estava sendo boba.

Disse a si mesma para não chorar.

E chorou mesmo assim.

CAPÍTULO DOZE

ANÚNCIO DO GABINETE DE SUA MAJESTADE REI BABATUNDE FRANCOIS KARUNZIKA

Sua Majestade, o rei Babatunde Francois Karunzika, o mais honrado líder dos nove povos da Zamibia, tem o prazer de anunciar o noivado de seu filho, Sua Alteza Real, o príncipe herdeiro Kofi Francois Karunzika, com a srta. Dahlia Sommers dos Estados Unidos da América. O rei também dá as boas-vindas ao filho do casal, seu neto Noel.

O enlace matrimonial será no sábado, 14 de abril. O casal e o filho viverão nos aposentos do príncipe no Grande Palácio da Zamibia.

Dahlia segurou a versão em inglês do comunicado à imprensa, que incluía o selo real: um leão com uma juba imensa e uma coroa na cabeça. O anúncio foi emitido em várias versões, em cada língua dos povos e em francês.

O casamento ia mesmo acontecer. Ela ia se casar com Kofi e fazer parte da família real. Deixou a vida nos Estados Unidos para trás e embarcou em uma nova, com uma cultura desconhecida e uma rotina que se tornaria mais intimidante por causa das normas sociais que deveria seguir como princesa. O nó imenso em seu estômago só aumentou e se apertou mais enquanto estavam na pista de pouso, esperando autorização para descer do avião.

A aeronave real rivalizava com o *Força Aérea Um* tanto em tamanho quanto em número de comodidades a bordo. Além de ser capaz de acomodar dezoito passageiros confortavelmente em assentos que se inclinavam por completo, também havia uma suíte master com banheiro adjacente, quartos de hóspedes e mais banheiros, escritórios, sala de reuniões e de jantar. Havia uma cozinha e despensa bem abastecidas, e também um bar e lounge. Um dos médicos de Kofi voou com eles e cuidou do aposento médico, uma instalação muito moderna com equipamentos para serem usados em caso de emergência.

A viagem passou sem intercorrências, com arranjos de última hora e conselhos de Kemal, quem preparou Dahlia para o seu novo papel.

Lembre-se de sorrir, sempre.

Acene com os dedos fechados, nunca abertos.

Você pode caminhar ao lado ou atrás do príncipe Kofi, nunca na frente.

O príncipe Kofi vai sair do avião com o príncipe Noel no colo. É importante que o povo veja de imediato o quanto ele é próximo do filho.

Tantas regras, e estavam só começando. Nos últimos dois dias, recebeu várias instruções para preparar a si e ao filho para a nova vida. Ela olhou para Noel, alegremente alheio às mudanças por vir, enquanto brincava com a lousa magnética. Ele não desenhava muito bem, mas o brinquedo o manteve ocupado agora que estava acordado. Ela afagou os cachos dele. O menino se adaptaria, e ela também. Em algum momento.

Uma das comissárias se agachou diante do assento de Dahlia.

— A senhora está bem? — ela perguntou.

Dahlia não soube dizer se a mulher pressentiu seu desconforto. Fazia horas que não via Kofi, mas Kemal falou que ele estava trabalhando em um dos escritórios a bordo, cuidando de assuntos reais e delineando os últimos detalhes para a chegada deles.

Ela colocou um sorriso corajoso no rosto.

— Sim, estou. Obrigada por perguntar.

— Aceita uma bebida enquanto espera?

Dahlia balançou a cabeça.

— Não. — Se bebesse ou comesse qualquer coisa, colocaria para fora. — Sabe o motivo do atraso?

A comissária assentiu.

— A multidão é maior que o esperado. Os cidadãos estão curiosos para ver a noiva do príncipe Kofi e, claro, o filho dele.

— Multidão? — Dahlia olhou para Noel, mais preocupada que antes. — Não é perigoso, é?

— Ah, não, nem um pouco. Mas a multidão precisa ser controlada e organizada para facilitar a passagem para o palácio. Por favor, não se preocupe. Nenhum mal acontecerá à senhora ou ao nosso príncipe. — Assim como os seguranças, ela se referiu ao menino como “nosso” príncipe. A mulher já o reivindicou.

— Não tem como você ter certeza.

A comissária abriu um sorriso tranquilizador.

— Ah, mas eu tenho, senhora. — Ela chegou mais perto. — Jamais precisará se preocupar com sua segurança aqui na Zâmbia. Apenas um tolo machucaria um membro da família real.

Ou ela estava mentindo, ou era ingênua.

— Então por que os guarda-costas? — Dahlia perguntou.

— Bem, prudência nunca é demais. — Ela riu. — Mas, prometo, não há nada a temer. Na Zâmbia, ferir qualquer membro da família real é o único crime punível com a morte. — Ela ficou de pé.

Dahlia piscou.

— Não sabia.

A jovem juntou as mãos em posição de oração.

— A senhora não tem nada a temer.

Dahlia e Noel foram deixados a sós por alguns minutos, e então a porta da cabine abriu e Kofi entrou. Ela respirou fundo sem fazer barulho ao absorver sua magnificência, a lembrança mais recente de seus dedos e sua boca no corpo dela fez a pele aquecer. Os sapatos escuros dele foram engraxados até brilhar, um terno escuro e um cachecol de uma cor vibrante caíam sobre seus ombros e combinavam com a gravata.

— Pronta? — ele perguntou.

— Estou.

Kofi estendeu a mão e a ajudou a sair do assento. Naquele milésimo de segundo, seu coração doeu de saudade do passado, de volta para a época em que ele a olhava com carinho em vez de com suspeita. Cedo

demais, ele a soltou e pegou Noel no assento. O filho choramingou por alguns segundos, porque teve que soltar o brinquedo, mas logo se acomodou no peito do pai.

Saíram do avião com Kofi na frente e Dahlia alguns degraus atrás. Uma rajada de vento soprou por eles, e ela ficou feliz que uma assistente a bordo prendeu seu cabelo em um coque na altura da nuca. Vivas se elevaram da multidão reunida, composta em grande parte pela imprensa. Câmeras dispararam e jornalistas gritaram perguntas para eles em francês, inglês e mbutu.

Dahlia ficou ao lado de Kofi na pista de pouso, sorrindo e acenando, certificando-se de manter os dedos juntos conforme instruído. Noel olhou a multidão com curiosidade e, quando ficou confortável, acenou também. O grupo caiu na risada, e então começaram as perguntas.

— Príncipe Kofi, como se conheceram?

— Srta. Sommers, como foi o pedido de casamento?

— Srta. Sommers, está pronta para o desafio de ser parte da família real?

Kofi ergueu a mão e a multidão se calou.

— Vamos responder às perguntas em um outro momento, por ora, estamos cansados da viagem. Por

favor, nos deem alguns dias para descansarmos, e deem à minha noiva e ao meu filho tempo para se ambientarem ao seu novo lar. — Ele pegou a mão de Dahlia, olhou nos olhos dela e beijou seus dedos.

— Ahhhh — a multidão suspirou, e as câmeras dispararam em rápida sucessão.

O peito de Dahlia se apertou pela suavidade nos olhos e pelo toque de Kofi. Não era páreo para ele assim. Encantador, quase o mesmo homem que conheceu antes. Ela o preferia frio e com raiva, o que tornava mais fácil manter uma parede entre eles e justificar a própria distância.

Ela mordeu o lábio, mas se lembrou de que deveria sorrir, então forçou os cantos trêmulos da boca a se erguerem. Kofi não soltou a sua mão e, depois de um tempo, seus dedos se fecharam ao redor dos dele e ela chegou mais perto, tirando forças da sua presença firme.

Após alguns minutos, Kofi permitiu que eles fossem conduzidos por Kemal e os guarda-costas. Dahlia entrou na limusine com ele. A bandeira vermelha, verde e preta da Zâmbia tremulava ao vento em cima do capô.

O veículo estava no meio de uma caravana, incluindo batedores da polícia na frente e atrás. Saíram da pista e seguiram devagar através das ruas da cidade

de Jouba, a capital. Dahlia olhou pela janela para a variedade de novo e antigo evidente na arquitetura. Arranha-céus se erguiam acima de edifícios coloridos feitos de tijolos ou de algo que parecia ser barro. Placas eram escritas nas três línguas oficiais. Pessoas vendiam comida e bugigangas nas ruas em carrinhos bem em frente a um shopping comprido com o estacionamento abarrotado.

Por causa da película das janelas, Dahlia podia ver tudo sem ser vista. Ao passarem, jovens corriam junto com o carro e acenavam, outros, mais velhos e mais deferentes, se ajoelhavam e abaixavam a cabeça. O trajeto até o palácio não foi muito longo, mas faltando cerca de dois quilômetros, barricadas policiais bloqueavam cada lado da pista para afastar a multidão que esticava o pescoço para captar um vislumbre do príncipe e dos recém-chegados. As pessoas eram um misto de modernas e tradicionais, assim como as construções. Eles usavam roupas com estampas *kente* e tecidos Ankara, além de trajes no estilo ocidental.

Quando finalmente viraram para a pista que levava ao palácio, o queixo de Dahlia caiu. Árvores altas, verdes e cônicas flanqueavam cada lado da pista, chamando a atenção para o palácio ao final. A estrutura de três

andares se espalhava pela paisagem em uma colina acima do nível da rua. Toda a residência real era cor de areia, com o teto verde e o que parecia ser uma porta gigante de metal na frente era da mesma cor do telhado. Dezenas de janelas em forma de arcos e retângulos pontilhavam o exterior.

Os carros se arrastavam adiante, chegando mais perto de um muro decorativo cor de arenito diante da colina, com várias esculturas dispostas na frente, incluindo a cabeça de um leão rugindo logo em cima. A caravana virou à direita e subiu até a entrada circular. Quando pararam na frente do prédio, uma fileira de empregados apareceu. Eles usavam blusa branca e calça cáqui, e dez guardas vestidos com a farda azul permaneceram de cada lado deles. Os guardas estavam perfeitamente imóveis, com a arma presa ao quadril, uma adaga do outro lado e uma mão nas lanças cerimoniais. O olhar deles focava o horizonte.

Kofi saiu primeiro, com Noel no colo. O menino continuou em silêncio enquanto absorvia os arredores. Dahlia seguiu o príncipe e, assim que ele pisou na calçada que levava ao palácio, toda a fila de empregados e guardas ficou sobre um joelho e inclinou a cabeça ao mesmo tempo.

Ao passo que Dahlia ficou encarando boquiaberta o respeito que Kofi impunha, ele nem reconheceu a presença das pessoas. Percebeu, de repente, que um dia o filho receberia a mesma deferência.

CAPÍTULO TREZE

— KOFI! — A PRIMA Imani correu na direção dele e passou os braços em seu pescoço.

Rindo, ele a apertou com força e a ergueu do chão.

— O que está fazendo aqui? — Ele a segurou à distância de um braço, observando os olhos brilhantes e o cabelo curto que estava a poucos centímetros do ombro. — Cortou o cabelo? Foi isso que andou fazendo em Barrakesch?

Barrakesch era um país do Oriente Médio e aliado antigo da Zâmbia. O relacionamento começou quando a nação árabe vendeu armas aos zambianos para ajudá-los na luta contra a Inglaterra há mais de um século. A prima foi estudar em uma universidade de prestígio lá e agora era embaixadora da Zâmbia no país. Seu título era Leoa Abameha, uma honra reservada para as mulheres da família real que não eram princesas.

Imani bateu no braço dele.

— Não gostou do meu cabelo?

— Combina com você. Curto e atrevido.

Ela bateu no braço dele de novo, e seu sorriso se alargou.

— Vim para casa porque queria conhecer seu filho e sua futura esposa.

— Então, vai jantar conosco?

Imani vivia nos aposentos do pai no palácio, com a própria equipe de chefs e empregados para servir à família.

— Vou. Baba e suas esposas estão fora do país, e não quero comer sozinha.

O pai de Kofi entrou no cômodo e pigarreou.

Kofi fechou o punho e o levou ao peito, curvando a cabeça em sinal de respeito.

— *Bawoh*, pai, meu rei.

Imani imitou o gesto de respeito.

— *Bawoh*, tio, meu rei.

O rei Babatunde assentiu e se arrastou até o sofá do outro lado do cômodo. Ele apoiou o cajado em uma mesa sobre a qual havia um único item: uma foto da mãe de Kofi, a rainha Nahla, usando o traje nacional completo.

O pai era um homem muito mais alto e forte que Kofi. Na maior parte dos dias, ele vestia a indumentária tradicional, e hoje o modelo era formado por um agbada

branco com bordados bronze e um filá combinando na cabeça. A pele dele era mais clara que a de Kofi, o tom mais próximo do marrom-dourado.

O ancião se movia com mais lentidão agora, muito mais devagar do que antes de Jafari e a rainha Nahla morrerem. Mas Babatunde tinha mais que o dobro da idade de Kofi e a falta de vigor era esperada. O príncipe agradeceu a Deus e aos ancestrais por terem poupado a vida do pai, pelo menos.

Um empregado se aproximou e entregou ao rei uma taça de *bissap*, bebida feita com folhas secas de hibisco. O pai tomou metade do líquido amarronzado antes de dar um breve aceno, indicando que queria mais. O empregado encheu a taça com o conteúdo da garrafa que trazia na bandeja e se virou para Kofi, que recusou. Mas Imani pegou uma taça e se acomodou ao lado do rei.

— Ele se parece com você quando era menino —
Babatunde disse.

— Sim, parece. — Kofi sorriu.

Não havia como negar que Noel puxou sua aparência, mas herdou o gênio da mãe. O menino era amigável e Kofi já se sentia profundamente ligado a ele. Aofa o adorava, e os poucos empregados com quem ele interagiu se apaixonaram pelo jeito curioso do menino e

por suas risadinhas calorosas. Quando Dahlia e Noel saíram para ir aos aposentos de Kofi na ala leste, a criança foi à frente, como se soubesse o caminho, enquanto todo mundo o seguia, observando-o virar a cabeça de um lado para o outro, examinando o lugar novo.

O avô de Kofi foi quem construiu o castelo quando o rei Babatunde ainda era menino, não muito depois de minas de ouro terem sido descobertas nas montanhas. Alguns cômodos eram abertos para turistas, mas, no todo, o palácio era a residência e os escritórios da família real e equipe.

Caramelo, tons variados de dourado e marrons profundos permeavam as decorações. Assim como azul profundo e roxo. A madeira do assoalho parecia polida o bastante para brilhar no escuro. Os pisos de mármore estavam cobertos por tapetes de lã feitos à mão, a maioria enviada de vilarejos distantes por cidadãos que tiveram a honra de ter o trabalho aceito e utilizado pela família real.

— Como foi o pedido de casamento? Ela disse sim logo? — Os olhos de Imani praticamente brilhavam com corações vermelhos.

Kofi afagou a barba por um tempo antes de responder:

— O pedido foi feito no apartamento dela, na primeira noite em que nos reencontramos. De início, Dahlia estava incerta e duvidou da capacidade de ser uma boa princesa, mas não dei a ela a escolha de recusar o pedido.

— Ahhhh, o amor verdadeiro. Que romântico — Imani suspirou.

— Não há nada errado com casamentos arranjados — Babatunde disse.

— Casamentos arranjados estão fora de moda. Agora, o costume é encontrar a pessoa que ama para construir uma vida com ela. É o que pretendo fazer — Imani respondeu.

— O que seu pai tem a dizer sobre essa sua ideia? — o rei perguntou.

— Ele concorda e vai me deixar encolher — a jovem respondeu, com um traço de desafio na voz.

— Pois escolha com sabedoria. — Babatunde centrou a atenção em Kofi. — Eu gosto de Dahlia. Ela pareceu nervosa de início, mas posso dizer que ela é forte igual à sua mãe. — Um sorriso suave cruzou o semblante dele.

Até hoje, o pai não conseguia falar da mãe sem que um sorriso saudoso lhe tomasse o rosto. Ventos fortes de uma tempestade iminente foram os culpados pelo acidente aéreo que matou o irmão e a ela, mas nenhuma explicação foi o suficiente para diminuir o trauma de perder dois membros da família real de uma só vez. Todo o país ficou em luto.

Infelizmente, o relacionamento dos pais azedou perto do fim porque a mãe dele descobriu que, no início do casamento, Babatunde arranhou uma amante e a engravidou. A rainha Nahla jamais o perdoou pela traição e por ter um filho fora do casamento. O pai nunca desculpou a si mesmo por magoá-la e vivia com a culpa de saber que não chegou a ser perdoado antes da morte dela.

O rei tomou outro gole da bebida e colocou o cálice na mesa de mogno.

— Ela precisa ser forte, porque vai ter muito a aprender e com que se acostumar.

Kofi ficou em silêncio, suspeitando que o pai tinha mais a dizer.

— É melhor falar logo com o conselho.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Por quê?

— Esperavam que você escolhesse outra noiva que fosse de um dos nossos povos. Eles se sentiram desprezados por você ter escolhido uma americana.

Kofi foi abrir a janela atrás do sofá do pai. Até onde a vista alcançava, havia pomares e hortas que forneciam alimentos para o palácio, um testemunho das origens do país como sociedade agrária, antes que o instinto de guerra fosse desenvolvido devido à autopreservação. A voz dos trabalhadores foi trazida pelo vento, e ele os ouviu rir e falar alto um com o outro conforme o dia chegava ao fim.

— Posso me casar com quem eu quiser.

— E eles a aceitarão porque você a escolheu, mas sugiro que dê uma festa de noivado para poder apresentá-la aos membros do conselho. Sei que o tempo é curto, mas isso pode contornar qualquer ofensa à sensibilidade delicada deles.

Para variar, o pai sugeriu uma abordagem calculada. Geralmente, Babatunde fazia o que bem queria sem pensar muito na diplomacia.

— Tudo bem — Kofi concordou.

O rei soltou um suspiro carregado.

— Sei o que você sente por essa mulher. Acha que pode confiar nela?

O príncipe ficou em silêncio. O pai sabia do desvio e Kofi não queria mentir para ele nem revelar as reservas que ainda tinha quanto à Dahlia.

— Você precisa ser sábio, filho. Governe com a cabeça, não com o coração. Certifique-se de que ela está pronta para encará-los. Se não for o caso, a imprensa não será bondosa.

Kofi riu, amargurado.

— Conheço bem a imprensa.

Há onze anos, quando tinha apenas dezenove, cometeu o erro terrível de compartilhar seus pensamentos com uma colega de faculdade em Londres, uma jovem de quem ele gostava e que pensou gostar dele. A verdade era que ela só estava sondando por informações para vender para os tabloides. O reconhecimento das vantagens que recebia por ser da realeza, assim como comentários despreocupados sobre as pressões e limitações de ser um jovem príncipe, foram publicados fora de contexto e o fizeram parecer arrogante e ingrato. Um pesadelo de relações públicas e uma lição aprendida a duras penas. Ele passou anos no dever público, ansioso para mudar a narrativa sobre si mesmo.

— E ainda tem o problema com o petróleo. Um representante da Titanium Oil apareceu quando você não estava. — Há alguns meses, foi descoberto petróleo na costa da Zâmbia, e a empresa marcou uma reunião para oferecer seus serviços como sócio do governo.

— Alistair Davies? O que ele queria?

Kofi deu a volta para encarar o pai.

— Mais do mesmo. Nos convencer de que precisamos de ajuda para extrair o petróleo. Eu o dispensei, mas ele pediu uma reunião.

Imani bufou.

— Eles querem é nos roubar.

— Eles têm sido muito persistentes — Babatunde disse a Kofi. — Talvez precisemos de ajuda, mas não confio neles. Temo que vão encontrar uma forma de provocar conflitos por meio de subornos ou algo do tipo, e ameaçar nosso modo de vida.

A família real se beneficiava de uma riqueza extraordinária, mas ao contrário da realeza de outros países, os Karunzika eram generosos. Ao manter como estatais as empresas que extraíam ouro, deixavam a maior parte das divisas no país, e só contratavam consultores quando necessário. Construíram hospitais, escolas e outros serviços públicos para benefício da

população. Estradas foram melhoradas, assim como o serviço de transporte público. Empregos criados na mineração não foram apenas nos cargos operacionais, mas também executivos e de gestão, que foram preenchidos em grande parte por zambianos qualificados.

Há trinta anos, eles instituíram o sistema de saúde universal e financiaram a educação desde o ensino fundamental até a universidade. Isso tornou os zambianos muito leais. A lealdade significava que jovens física e mentalmente aptos, ao concluir o ensino médio, frequentemente optavam por dedicar um ano ao serviço militar. Como alternativa, outros se voluntariavam para trabalhar por dezoito meses no governo ou em uma organização sem fins lucrativos em sua região antes de ingressar na universidade ou em uma escola técnica.

— Podemos expulsá-los? — Imani perguntou.

— Não é tão simples, e eles podem nos ajudar — Kofi murmurou.

Precisavam lidar com os aspectos delicados de rejeitar forasteiros com diplomacia antes de recorrerem a meios mais agressivos. Por anos, tiveram um relacionamento tênue com os britânicos, porque eles falharam duas vezes em suas tentativas de invadir a

Zamibia. O mbutu era o mais feroz e guerreiro dos povos zamibianos. Com eles na liderança, o país travou uma valente batalha contra seu colonizador. Mas depois de ver os países vizinhos sob o domínio europeu, sabiam que seria apenas questão de tempo até os britânicos voltarem a prestar atenção neles. Foi quando recorreram a Barrakesch, compraram mais armas, treinaram e armaram cada membro do país que estivesse disposto a lutar.

Da segunda vez, os britânicos atacaram pelo mar, mas eles estavam a postos. Derrotaram os invasores e fizeram da Zamibia um dos poucos países africanos, sendo a Libéria e a Etiópia os outros dois, que nunca foram tomados por uma potência europeia.

Com um gemido, Babatunde pegou o cajado e se levantou da cadeira.

— Estou velho. Não tenho mais paciência para lidar com esses estrangeiros. Você sabe qual é o seu trabalho. Mantenha o povo seguro e feliz, governe com justiça e dê continuidade à linhagem. Não será bem-sucedido se não cumprir esses três pontos. — O pai declarou com uma firmeza que exigiu resposta. Falou com Kofi não apenas como pai, mas como rei.

— Entendido — Kofi disse.

— Sei que tem uma reunião ao norte do país daqui a alguns dias, mas quando voltar, cuide do conselho e marque a reunião com o Davies. Veja o que ele quer e tome a decisão sobre o que devemos fazer.

Babatunde, então, saiu do recinto.

CAPÍTULO CATORZE

AO OUVIR VOZES masculinas altas e fortes, Dahlia se afastou das roupas que estava separando e foi até a janela.

Lá embaixo, Kofi e Abdalla praticavam combate corpo a corpo com um bastão longo em uma das mãos. Aquele era o primeiro dia de Kofi ali desde que ele foi para uma reunião em uma cidade ao norte de Jouba há alguns dias.

Ele se movia com agilidade, parecendo tão letal quanto seu título leonino sugeria. Abdalla, grande como era, também era rápido. Os dois estavam sem camisa, os corpos musculosos brilhavam de suor, mas os olhos dela se fixaram em Kofi. Dahlia umedeceu os lábios repentinamente secos.

Os tendões e músculos dos braços do príncipe ficaram rígidos enquanto ele circulava o homem maior, buscando uma oportunidade de atacar primeiro. Três fileiras de pequenos círculos, espaçados de maneira

uniforme, marcavam a parte superior de suas costas. As cicatrizes salientes, feitas em uma cerimônia tradicional de escarificação, em que a pele é cuidadosamente cortada para criar padrões permanentes, eram um símbolo claro de seu status como guerreiro.

Não passou muito tempo a sós com Kofi antes de ele sair da cidade. Eles jantavam com o rei, ocasiões formais que ocorriam em uma sala de jantar opulenta, localizada nos aposentos reais. Depois, quando ela e Noel voltavam para o apartamento, Kofi ficava com o pai. Supôs que eles conversassem até altas horas. O homem nunca bateu na porta de seu quarto para lhe desejar boa noite.

Havia algo que tornava uma parte do casamento deles ainda mais peculiar: quartos separados. Seus aposentos eram conectados por um curto corredor, que incluía uma passagem secreta nos fundos do quarto dela, escondida atrás de uma parede. Um dia, ela precisaria de um mapa para ver todas as outras passagens e quartos secretos escondidos no palácio.

Tal qual o resto do lugar, cores vibrantes adornavam seu aposento, assim como tecidos pintados à mão e toques decorativos como a mobília entalhada de maneira artesanal com padrões intrincados de árvores nativas do país. Perto da cama, havia um tapete bege fofo que ela

gostava de afundar pés e, que no momento, estava ocupado por Noel e seus brinquedos.

Os aposentos deles ficavam no segundo andar da ala leste. O apartamento inteiro tinha o tamanho de uma grande cobertura, e o palácio em si era gigantesco, o que a fez considerar deixar uma trilha de migalhas para se orientar nos primeiros dias.

Se sentiu oprimida por todas as suas responsabilidades, que a deixavam cansada e mal-humorada. A cada dia, alguém precisava de sua atenção para uma coisa ou outra. Queria mudar a cor das paredes do escritório? Estava pronta para escolher o enxoval e a mobília do quarto de Noel? Sem falar nas inúmeras apresentações. Conheceu Imani, prima de Kofi, e outros membros da família que viviam no palácio ou que passaram por lá para conhecê-la e ao “nosso jovem príncipe”, como chamavam Noel.

Dahlia paralisou e prendeu o fôlego quando Abdalla desferiu um golpe na perna de Kofi. Hábil, ele se esquivou e recuou, girou o bastão e atingiu Abdalla no braço.

— A senhora não deveria se preocupar — Mariama, sua criada, parou ao seu lado na janela. Estava tão

entretida na performance lá embaixo, que não ouviu a jovem entrar.

— Parece perigoso — Dahlia murmurou.

— O príncipe Kofi é um boxeador habilidoso, além de especialista em lutas africanas como o dambe e a luta com bastão. Ele vai acertar tantos golpes quanto levar.

Dahlia se afastou da janela porque não tinha equilíbrio suficiente para assistir aos dois se machucando.

Eles posariam para as fotos do noivado no dia seguinte, então repassou os modelos que Lisette, uma de suas estilistas, trouxe para o palácio. A francesa pequena e de cabelos escuros entrou no quarto, carregando uma caixa cheia de lenços.

— Sabia que tinha deixado algo no carro. — Ela largou a caixa transparente no banco diante da cama. — E esse aqui? — Ela ergueu um lenço vermelho e verde e pegou um terninho bege na arara. — Com esse?

Dahlia inclinou a cabeça para o lado.

— O que acha? — ela perguntou a Mariama, que estava sentada na lateral da cama.

— Gosto do que a senhora gostar.

Ela era jovem, com apenas dezenove anos, tinha olhos grandes e cabelo curtinho, e obviamente estava

muito grata por trabalhar para Dahlia. A deferência dela, por vezes, a deixava sem graça, mas a menina se esforçava e ficou claro que foi bem treinada.

— Pode ser sincera comigo, sabe? — Dahlia declarou.

Mariama sorriu com timidez.

A princesa suspirou.

— Acho que o terninho. Sim, o terninho.

— E esse aqui, para um evento noturno? — Lisette pegou outra peça na arara. Era um vestido preto, sem alças, coberto com pedrarias bordadas à mão.

— É lindo — Dahlia disse, em tom inexpressivo. Em algum momento, teria que se reunir com a secretária e marcar eventos, o que incluía acompanhar Kofi em alguns que já estavam na agenda dele. Outra tarefa para sua lista de afazeres.

— É perfeito para um dos jantares formais. A senhora deveria experimentar.

Nem um pouco acostumada a ter pessoas por perto o tempo todo, Dahlia levou a peça para o quarto de vestir, que era do tamanho do seu antigo apartamento, onde só havia roupas e sapatos que trouxe dos Estados Unidos. O trabalho de Lisette era montar o seu guarda-roupa, fazer combinações e encher aquele armário com

peças de grife, algumas das quais nem chegaram às passarelas.

Dahlia colocou o vestido e foi para o quarto.

— Bem, o que acham? — ela perguntou e deu uma voltinha.

— Linda, mamãe — Noel disse.

Dahlia soprou um beijo para ele.

— Noel tem bom gosto. A senhora está linda. — Lisette se ajoelhou na frente dela e dobrou a bainha. — Acho que podemos subir um pouco a barra.

— Acho que sim.

Lisette prendeu a bainha com os alfinetes da almofadinha presa em seu pulso e ficou de pé.

— *Bon*. Vamos ver mais o que encontramos.

Repassaram todas as peças, tirando as indispensáveis e deixando as outras na arara. Acessórios e sapatos foram separados. Quando chegaram aos dois últimos vestidos, o pobrezinho do Noel tinha dormido no tapete.

— Estou em dúvida quanto a esse aqui. — Dahlia saiu do quarto de vestir usando um vestido azul e deu as costas para Lisette. Antes de a mulher puxar o zíper, a voz profunda de Kofi disse:

— Eu cuido disso.

Seu estômago revirou. Ela olhou por cima do ombro e o notou vir do outro lado do quarto. Como sempre, ele exalava poder e confiança, dessa vez usando uma camisa dashiki e calça combinando.

Lisette saiu da frente dele, e Mariama se posicionou perto da parede, com as mãos cruzadas diante do corpo.

— Esse vestido é magnífico — Kofi disse baixinho. Ele havia tomado banho, porque ela sentiu o aroma do sabonete de pinho, e o cheiro inigualável de seu perfume, criado exclusivamente para ele. O mesmo que usava anos atrás.

A mão descansou no zíper na base da sua coluna. Dahlia prendeu o fôlego, muito ciente da intimidade do momento, e manteve a mão pressionada no corpete do vestido caro, para segurá-lo no lugar.

— Acho que está um pouco justo — ela falou.

Ele não se moveu imediatamente para fechar o zíper. Em vez disso, roçou os nós dos dedos na pele de sua lombar.

Dahlia tentou se esquivar sem ser óbvia demais, mas Kofi a segurou ao apertar o vestido com mais força. Por sorte. As pernas trêmulas não a teriam levado longe.

— O que está fazendo? — ela murmurou baixinho, assegurando que nem Mariama nem a estilista a

ouvissem.

— Fechando o vestido — Kofi respondeu com calma.

— Tem certeza?

Ele continuou a mover os nós dos dedos por sua coluna, fazendo a pele das costas formigar e cada pelo do seu corpo se arrepiar.

— Paciência — ele sussurrou.

O corpo batalhava consigo mesmo. Parte dela queria se afastar, a outra queria sucumbir às sensações que ele evocava.

Por fim, o homem fez o que disse. Devagar, puxou o zíper para o lugar, fechando o vestido. A peça abraçava suas curvas, era justa no traseiro e não deixava nada à imaginação. Dahlia se virou para olhá-lo, passando as mãos pelos quadris quando notou o desejo nos olhos dele.

— Gostei muito — o príncipe falou alto, virando-se para a estilista.

— Eu também. Quer ver o último, Vossa Alteza? — Lisette colocou o vestido vermelho sobre o antebraço. O modelo em estilo grego era de um ombro só.

— Claro — Kofi disse, e sua voz ficou mais profunda.

— Posso te mostrar mais tarde — Dahlia disse.

— Eu gostaria de ver agora.

Eles se encararam, meio que em um impasse.

— Posso te ajudar a vestir — Lisette disse, o olhar indo de um para o outro, cheio de incerteza.

Dahlia não poderia continuar discutindo sem fazer uma cena.

— Vou levá-lo para o quarto de vestir.

Lisette a ajudou com o zíper, e Dahlia voltou para o outro cômodo. Respirou fundo e vestiu a peça.

Quando saiu, Kofi estava sentado em uma cadeira, com o tornozelo direito cruzado sobre o joelho, falando em um dos seus celulares. Quando a viu, disse algo rápido em sua língua nativa e desligou.

Dahlia sabia que precisava dar uma voltinha para mostrar o vestido e a forma como ele ficava de todos os ângulos, mas não conseguiu se mover. Os olhos dele a mantiveram cativa, demonstrando desejo enquanto observava o modo como o tecido se moldava em seus seios fartos, ajustado mais abaixo em um bordado complexo, e então caía solto até os tornozelos. O vermelho realçava os ombros e braços expostos, e quando Lisette puxou e prendeu seu cabelo, ela se sentiu majestosa e elegante.

— *Voilà!* — a francesa disse, animada. — Vermelho é a cor dela, não? Está deslumbrante.

Sem tirar os olhos de Dahlia, Kofi ordenou:

— Deixem-nos a sós.

Sem proferir uma palavra, Mariama pegou Noel, que estava adormecido, e ela e Lisette saíram depressa do quarto. Os lábios da estilista exibiam um sorriso de quem entendeu tudo.

CAPÍTULO QUINZE

A TENSÃO FEZ o estômago de Dahlia revirar.

— Acho que você gostou desse modelo também. —
Ela preencheu o silêncio com a primeira coisa que surgiu em sua cabeça.

— Gostei. — O olhar ardente quase a queimou, mesmo vindo do outro lado do quarto.

Nervosa, Dahlia passou as mãos pelos quadris, alisando, desnecessariamente, o tecido. Os olhos dele seguiram o movimento das suas curvas.

— Bem, agora que já viu, vou me trocar.

Ele curvou a boca em um sorriso resignado.

— Não se preocupe, Dahlia. Pretendo manter a promessa que te fiz. — Kofi olhou o relógio e se levantou. — Falei com o conselho hoje, e eles aprovaram o anúncio de que Noel será o próximo na linha de sucessão ao trono.

— Que boa notícia.

— Você está bem acomodada?

— Trabalhando nisso. — Foi a resposta evasiva.

— Falei com a Daisy. Ela disse que vocês não conversaram muito.

— Você conversou com a chefe da minha equipe pelas minhas costas?

— Apenas porque não vi nenhuma movimentação para te estabelecer em seu novo papel.

— Não é tão fácil assim.

— E o que faz ser tão difícil? — Kofi cruzou os braços.

— Tudo. A língua, para começar. O inglês não é problema, mas há poucas pessoas que falam o idioma. Só sei duas palavras em francês: *au revoir* e *bonjour*. Pode esquecer o mbutu. E tem também a comida, é muito... diferente.

— Experimentou alguma coisa?

— Um ou dois pratos — ela admitiu, um pouco envergonhada. — O que provei era condimentado demais. Tentei cozinhar para mim mesma outro dia, e acho que insultei o chef. Eu mataria por um hambúrguer nesse momento. Ou por frango e waffle.

— Você parece infeliz.

— Talvez eu esteja um pouco — ela disse, esperando um pouco de simpatia.

— E a culpa é de quem?

— Não é minha. Não é culpa minha eu não falar o idioma e a comida ser desconhecida para mim. Essa é a sua vida. Você está acostumado a ela.

— Você tem uma equipe completa, o que inclui a pessoa responsável para cuidar de todo esse pessoal por você.

— Deixa pra lá. Você espera que eu seja perfeita, mas não me ajudou em nada. Mas por que eu deveria esperar ajuda ou qualquer coisa de sua parte? — Sentiu vergonha de dizer que se sentia sozinha e que estava com saudade das amigas, em especial de Angela. — Engraçado, você não para de me dizer o que eu deveria fazer, mas e quanto a você? Vamos nos casar. Você vai ser meu marido. Talvez devesse começar a agir mais como um, a menos que tenha alguém para cumprir o papel em seu lugar. Ou devo apenas aceitar que estou sozinha nessa?

— Você nunca está sozinha, Dahlia.

— Ah, é mesmo, porque tenho uma equipe completa e a guarda real na porta.

Ela se sentia um peixe fora d'água, igualzinho se sentiu quando os pais faleceram. Sozinha e perdida, sem ninguém a quem recorrer. Morar com os avós não ajudou

muito. Eram amorosos, mas idosos, e não tinham tempo nem energia para uma criança da idade dela. Da mesma forma que Kofi não tinha tempo para ela.

Ela deveria ter tentado escapar daquela situação com mais afinco. Desejou nunca ter vindo e odiava tudo naquele lugar: o calor, a constante vigilância sobre sua vida e as regras absurdas que precisou aprender para se adaptar. As demandas por seu tempo. Mesmo ouvir as outras línguas lhe dava nos nervos, porque às vezes as pessoas falavam e ela não fazia ideia do que estavam dizendo. Era uma forasteira e isso a deixava frustrada.

Ela encarou as mãos.

— Longe de mim te afastar dos seus deveres.

Kofi a observou.

— Você está sobrecarregada.

— Talvez — ela confessou, e olhou para longe.

— Onde está o seu fichário?

Dahlia o observou por um instante, tentando adivinhar aonde ele queria chegar com aquilo, mas acabou cedendo. Foi até a mesa de cabeceira e abriu a gaveta. Tirou de lá o encadernado grosso que Daisy lhe deu quando ela chegou.

— Sente-se — Kofi ordenou.

A voz de comando a irritou, mas Dahlia obedeceu. Eles se sentaram lado a lado na cama, e Kofi folheou até chegar à página em que havia uma longa lista de organizações com as quais ela podia trabalhar.

— O que você vê? — o príncipe perguntou.

Era difícil se concentrar com ele tão perto, cheirando tão bem, e com a voz tão rica e profunda.

— Minhas opções são: conservação da vida selvagem, construir um estádio de futebol, trabalhar com órfãos, promover empreendedorismo feminino... — Ela arquejou.

— Por que você parou?

— Uma das opções é a reabilitação de dependentes químicos. — Dahlia traçou as palavras com o indicador. Não viu antes porque não prestou atenção na lista.

— O programa é novo — Kofi falou, com a expressão inescrutável.

— Pensei que a Zâmbia não investisse em reabilitação.

— E não investíamos. Há alguns anos, pedi às autoridades para encaminhar as pessoas para tratamento em vez de para a prisão. Estamos nos estágios iniciais ainda, mas temos tido resultados positivos até então.

Ele implementou a mudança por causa das conversas que tiveram? Por motivos pessoais, ela se voluntariou na central de atendimento para dependentes químicos, mesmo quando morava em Nova York e trabalhava no mercado imobiliário. Atendia aos telefonemas para informar as pessoas quanto aos recursos disponíveis para prevenção, tratamento e apoio. Não apenas para os viciados, mas também para as famílias. Conversou algumas vezes com Kofi sobre a forma como a Zâmbia lidava com os viciados. Na opinião dela, eles prendiam pessoas que deveriam estar sendo tratadas.

— Você mudou a política?

— Está em andamento — ele respondeu.

— Eu poderia ajudar — Dahlia disse, se animando. Aprendeu muita coisa depois de anos como voluntária e ao trabalhar no centro para dependentes químicos em Atlanta.

— Preciso te mostrar uma coisa. Algo que não tive chance de fazer porque estava fora da cidade.

Ela o seguiu para fora do aposento e percorreram o corredor até outro cômodo. Kofi abriu a porta e a deixou entrar. O queixo de Dahlia caiu. Era uma câmara escura,

que contava com um ampliador e outros aparatos para fotografia.

Ela se virou e o viu apoiado no batente da porta.

— Por quê? — perguntou baixinho.

Ele deu de ombros com elegância.

— Talvez eu não seja o monstro que pensa que sou.

Houve uma época em que ele não era, quando cobri-la de presentes era a norma: jantares em restaurantes caros, roupas elegantes e o colar com pingente de diamante que ela vendeu para ajudar na mudança para a Georgia. Kofi podia ser bastante generoso.

— Obrigada.

Ele se aproximou e afastou do ombro de Dahlia o cabelo que escapou de seu penteado. Como se não pudesse se impedir de tocá-la, desceu a mão pelo seu braço. Ela sentiu a pele arrepiar no rastro do seu toque.

Dahlia inclinou-se na direção do príncipe e roçou os dedos no peito forte.

Olharam nos olhos um do outro, e então... o telefone dele tocou.

Ela piscou e Kofi deu um passo para trás. O momento foi perdido.

O príncipe atendeu a ligação.

— *Bawoh*. — Ele ouviu e disse mais algumas palavras em mbutu. Então, desligou. — Tenho que ir.

— É claro. Vá.

— Você está bem?

— Sim. Estou bem agora.

O olhar de Kofi se demorou nela.

— Você não está sozinha — ele afirmou. Então, se virou e saiu.

Dahlia voltou para seu quarto, com a pele formigando onde ele a tocou e com o aroma do perfume do homem ainda em suas narinas.

Com a mente girando em uma espiral de possibilidades, ela trocou de roupa e pegou o fichário. Segurando-o junto ao peito, saiu dos aposentos e desceu os degraus até o primeiro andar, acenando para todos que encontrava no corredor.

Entrou no cômodo que disseram ser seu e avaliou o espaço por inteiro. No gabinete externo havia uma escrivaninha para um assistente administrativo e uma área de espera com cadeiras e mesa de centro. Na salinha de reuniões mais à esquerda, havia uma mesa longa e cadeiras para doze pessoas. Dentro do escritório maior, que era seu, as paredes eram branquíssimas, e a mobília, elegante e moderna. Queria algo mais feminino,

mas também gostava do estilo tradicional, o que significava que aquelas peças não ficariam ali e as paredes precisavam de um toque de cor.

Respirou fundo, colocou o fichário na mesa, saiu e seguiu corredor abaixo até chegar à sala da chefe de equipe.

Daisy, uma mulher magra, cujo laço roxo de cabelo combinava com a saia e a blusa, se levantou na mesma hora.

— Sim, srta. Sommers?

— Você poderia... — A voz falhou um pouquinho, mas Dahlia respirou fundo, para se fortalecer, endireitou os ombros e se aproximou com passos decididos.

Daisy trabalhava para ela. Já havia lidado com funcionários antes, quando era sócia de Melanie. Nada nessa escala, mas tinha experiência com supervisão de pessoal. Só precisaria aplicar o que aprendeu ao novo ambiente.

— Marque uma reunião com a minha secretária de assuntos sociais para repassarmos os eventos em que precisarei ir depois do casamento. Também preciso que você redija as qualificações para contratarmos um assistente administrativo e descubra em quanto tempo a

equipe de manutenção do palácio pode pintar o meu escritório.

Daisy afastou o olhar do bloquinho em que fazia as anotações.

— Eles podem começar agora mesmo, é só dizer as cores que deseja.

— Nesse caso, mande alguém para o meu escritório daqui a uma hora, para discutirmos as opções.

— Sim, senhora.

Dahlia começou a sair, mas então se lembrou de ser educada e voltou para a porta.

— Obrigada, Daisy.

— Não foi nada, srta. Sommers.

O sorriso que iluminou o rosto da chefe de equipe foi tão grande, que seria de se pensar que Dahlia a elogiou profusamente. Pensou no que Kofi disse, que as pessoas consideravam um privilégio trabalhar no palácio. Saiu com um novo senso de propósito.

Antes de se reunir com a equipe de manutenção, precisava ir até o andar de cima. Estava na hora de conversar com o chef.

CAPÍTULO DEZESSEIS

ASSIM COMO NAIRÓBI, Joanesburgo e outras cidades africanas, Jوبا era uma metrópole moderna. Mas, em meio aos arranha-céus e outros prédios contemporâneos, havia estruturas tradicionais que representavam a arquitetura dos séculos passados. Pelo bem da posteridade, a monarquia gastou milhões para preservar um forte em ruínas e as casas de pau a pique que sobreviveram ao decorrer dos anos.

O desejo de preservar a história enquanto seguia com avanços influenciava as decisões diárias de Kofi. Ele trabalhava com afinco para proteger o modo como viviam, e a reunião com Alistair Davies era um meio de continuar nesse curso.

Flanqueado pela segurança, o príncipe atravessou o saguão do Jوبا National Hotel, um prédio de vidro e aço, construído para imitar as torres altas da arquitetura saheliana. Conforme passava, alguns cidadãos paravam

e se curvavam em respeito, enquanto outros, assim como os turistas, tiravam fotos.

Pegou o elevador até o piso designado e seguiu pelo corredor até a sala reservada, onde um dos seus guardas entrou primeiro e ele foi logo atrás.

Embora usasse ternos de estilistas famosos com frequência, Kofi se sentia mais confortável no traje tradicional da África Ocidental. O agbada azul-royal de hoje incluía bordados dourados na frente e ele usava um filá combinando na cabeça.

Enquanto a segurança se posicionava perto da porta da varanda, Kofi avançou e se juntou a Kemal e Imani, que já estavam acomodados à mesa. Queria que mais alguém estivesse presente e confiava nos dois. Kemal era seu braço direito e Imani era inteligente, e se importava tanto quanto ele com o país e o seu povo.

— Está preparado para oferecer alguma coisa a eles? — Kemal perguntou.

Kofi se sentou à cabeceira da mesa.

— Hoje viemos ouvir. Não faremos nem aceitaremos ofertas. Meu pai tem preocupações quanto a fazer negócios com a Titanium Oil, e tenho as minhas também, mas ouvir não machuca.

Minutos depois, Alistair chegou. Era um homem de altura mediana, com cabelo castanho-claro e sorriso sociável. Na mesma hora, ele estendeu a mão.

— Obrigado por se reunir comigo.

Kofi ergueu uma sobrancelha quando viu a embaixatriz Stephens, do Reino Unido, logo atrás do homem. Com o cabelo loiro-dourado afastado do rosto, ela também se aproximou com a mão estendida.

— Príncipe Kofi, como está? Parabéns pelo noivado.

— Obrigado.

— Permita-me parabenizá-lo também — Alistair adicionou. — Acabei de saber que vai sair do mercado em algumas semanas.

Todos riram e, depois que as apresentações foram feitas, sentaram-se ao redor da mesa.

— Devo dizer, embaixatriz, que não esperava vê-la aqui hoje — Kofi comentou.

Ela cruzou as pernas.

— O responsável pela Titanium Oil pediu que nos envolvêssemos, devido ao nosso longo relacionamento com a família real, e pensou que eu poderia ajudar com as negociações. Meu objetivo é contribuir para chegarmos a um acordo que beneficie ambas as partes.

Um sorriso largo permaneceu no rosto da mulher enquanto ela falava, algo que Kofi achou intrigante e irritante ao mesmo tempo.

A conversa começou com cordialidades e, enquanto dialogavam, um garçom trouxe jarros de água e bissap, e encheu os copos. A seguir, trouxe um prato com biltong, uma carne seca curada, importada da África do Sul.

— Hoje temos bife, antílope e linguiça — o garçom informou.

— Isso é tudo. Obrigado — Kofi disse.

— Acho que vou passar. — Alistair encarou o prato com suspeita.

— É bem gostoso. Comecei a gostar muito de biltong. É um ótimo petisco. — A embaixatriz pegou um pedaço de carne.

— Que tal irmos direto ao ponto, já que não quero desperdiçar o tempo de vocês? — Alistair cruzou as mãos sobre a mesa. — Primeiro, tenho uma pergunta a fazer. Por que seu país tem problemas com investimentos externos?

— Não temos problemas com investimentos externos. Você está hospedado em um Hotel Hilton, que fica a poucos quilômetros daqui, se não estou enganado — Kofi pontuou.

— É claro, os americanos — Alistair respondeu, mordaz.

— E os chineses, os franceses e nossos vizinhos da África Ocidental — Imani contribuiu.

Kofi ouviu a irritação na voz dela e sorriu.

— Assim como Imani disse, não somos uma sociedade fechada. Os negócios são uma parte importante da nossa vida por séculos. É por isso que, apesar dos muitos dialetos falados aqui, escolhemos incluir o inglês e o francês como línguas oficiais, o que nos permite fazer negócios com mais facilidade com nossos amigos do Senegal, Costa do Marfim, Gana, Nigéria e muitos outros.

— Se não se opõe às transações, por que não faz negócios conosco? Extrair petróleo é um empreendimento e tanto. Consegue imaginar perfurar no oceano? — Alistair fez uma pausa, como se esperasse uma resposta para a pergunta retórica. — É desafiador, para dizer o mínimo. Temos boa reputação, excelente, na verdade. Temos uma embaixada aqui na capital e também experiência. Não há nenhuma razão para não ajudarmos vocês com a perfuração *offshore*.

— E que tipos de garantias vocês podem fazer quanto à proteção do meio ambiente?

— As que vocês precisarem. Não queremos estressar o belo ecossistema que vimos na Zâmbia. A água é de um tom lindo de turquesa que nunca vi na vida, e tenho certeza de que as vilas de pescadores ao longo da costa ficariam chateadas se eliminássemos a vida vegetal e animal das quais tanto dependem. — Ele riu.

— Queremos ver a proposta, é claro, e nosso procedimento normal envolve receber projetos de várias empresas. E há a questão do Altíssimo Conselho. Antes de tomarmos quaisquer decisões ou assinarmos documentos, eles precisam aprovar.

A embaixadora Stephens pigarreou.

— Permita-me intervir. O senhor está me insultando, Vossa Alteza. Vivo aqui há tempo suficiente para saber que o verdadeiro poder é da família real. A palavra de vocês é lei, e o conselho é consultado apenas por cortesia.

Kofi riu, mas não negou a declaração dela. Ele bebeu um pouco de água.

— Sei que querem averiguar outras opções, mas acredito que trabalhar com a Titanium Oil será benéfico para vocês e para o seu povo. Eles são os melhores nesse campo. Imagine o custo de ter que adquirir toda a tecnologia necessária para construir a sonda e fazer a

perfuração, e ainda há o que o dinheiro *não* pode comprar. — Ela bateu na lateral da cabeça. — Conhecimento. Levaria tempo até vocês chegarem ao ponto de conseguir fazer o que essa empresa é capaz. Estamos falando de anos e de quase um bilhão de dólares. Por que esperar? Cada dia que passa significa que vocês não serão capazes de extrair o petróleo que está lá, o que os permitiria investir em mais projetos sociais, em melhoria da infraestrutura e tudo o mais que considerarem importante. Por que arcar com o peso do investimento sozinho, se pode dividir os custos e continuar financiando os projetos atuais?

— Agradeço sua consideração por nossas necessidades — Kofi falou devagar. — Mas, já que mora aqui há bastante tempo, sabe que fazemos as coisas no nosso próprio ritmo. Além do mais, o petróleo está no solo há milhões de anos. Mesmo que nos leve anos para começar a extração, uns poucos a mais não farão diferença.

— Está dizendo que estou perdendo meu tempo, sr. Karunzika? — Alistair perguntou, com a voz soando muito mais irritada.

— *Príncipe* Karunzika — Imani corrigiu.

Alistair olhou para ela e endireitou os ombros.

— Príncipe Karunzika.

Kofi riu por dentro. A prima era cabeça quente.

— Não. Mas me sinto na obrigação de avisá-lo que não estamos com pressa de decidir. Vamos avaliar cada alternativa, no nosso próprio ritmo, e qualquer decisão que tomarmos será para o bem do povo zamibiano, não de uma empresa multibilionária. Eu o aconselho a aprender o que puder sobre o país e, então, nos apresentar uma proposta que demonstre porque seria melhor trabalharmos com vocês em vez de com outras pessoas, ou fazermos a extração por conta própria.

— Estamos dispostos a nos esforçar, mas encontramos obstáculos no tempo em que estou aqui — Alistair replicou.

— Como?

— Bem, esperei que pudéssemos tratar diretamente com o rei Babatunde, mas essa reunião foi marcada com o senhor. — Ele quase soou ofendido, como se estivesse sendo descartado.

— Poderíamos ter passado a tarefa para um dos ministros, ainda assim, estão sentados aqui com o príncipe — Kofi disse sem elevar a voz, deixando-o saber que deveria se sentir honrado por esse privilégio.

Alistair se remexeu na cadeira.

— Não quis ofendê-lo.

— Geralmente, é o rei que lida com um empreendimento dessa magnitude, mas meu pai tem me pedido para cuidar da maior parte dos projetos comerciais. Falar comigo é o mesmo que falar com ele, e qualquer contrato que eu assine tem ligação com o reino. Eu o aconselho a começar as pesquisas. A pessoa perfeita para isso é a mulher que está sentada ao seu lado.

A embaixatriz Stephens ergueu os lábios em um leve sorriso.

— Não se preocupe, vou garantir que eles façam o dever de casa. Na próxima vez que os procurarmos, estaremos preparados.

— Foi um prazer falar com o senhor. — Alistair empurrou a cadeira e se levantou.

Todos ao redor da mesa se levantaram também.

— Tenham um bom dia — Kofi desejou. Em silêncio, os observou sair. Então, ele, Imani e Kemal se sentaram. O príncipe pegou um pedaço de biltong de antílope e mordeu. Mastigando devagar, ele repassou a reunião.

— O que está pensando? — Imani perguntou.

— O que *você* achou da conversa? — Kofi rebateu.

Ela balançou uma perna cruzada sobre a outra.

— Não sei. Eles abordaram pontos interessantes sobre a costa e a espera. Poderíamos usar a tecnologia e o conhecimento deles, porque essa área é nova para nós.

— Mineração de ouro era uma área nova para nós, mas nos saímos muito bem.

Quando descobriram ouro nas montanhas, o rei tomou a decisão de não deixar forasteiros controlarem as minas. Ele fez parcerias, mas manteve a maior parte, e nas décadas seguintes, os zambianos aprenderam o bastante para não precisar de uma empresa estrangeira. A monarquia empregou homens e mulheres bem treinados para supervisionar e gerenciar o processo. Assim, mantiveram a maior parte do dinheiro no país e evitaram que oficiais do governo recebessem propina em troca de tratamento preferencial.

Kemal falou:

— Eram outros tempos. Hoje vivemos em um mundo que muda rápido.

— Você desistiu das alternativas de energia limpa?
— Imani perguntou.

— Não, estão em andamento — Kofi falou.

O gabinete do ministro de energia pesquisou o aproveitamento da potência do vento e do sol para

fornecer energia. Alcançaram um sucesso modesto em algumas das regiões rurais.

— Há outra alternativa — Imani disse devagar. — Vou verificar com meus contatos em Barrakesch. São nossos amigos e têm muita experiência com extração de petróleo. Como nós, fundaram estatais em vez de fazer parceria com empresas estrangeiras.

Com uma careta, Kemal disse:

— Trabalhar com eles é melhor? Qualquer parceria corre o risco de se tornar corrupta.

— A diferença é que eles são nossos aliados há muito tempo. Podemos fazer dar certo. — Imani olhou para Kofi, cheia de expectativa.

Ele coçou o queixo, pesando as opções.

— Pode sondar — Kofi falou para a prima. — Veja o que o governo está disposto a oferecer. Também vou conversar com Wasim — ele disse, se referindo a um dos seus melhores amigos e príncipe de Barrakesch. — Enquanto isso, Kemal, envie alguém para monitorar Davies e a embaixatriz Stephens. Especialmente ela.

— Por que especialmente ela? — Kemal perguntou.

— Porque esperamos que o inimigo venha de fora, quando na realidade, ele, ou ela, pode estar entre nós.

CAPÍTULO DEZESSETE

TRÊS DIAS ANTES do casamento, Dahlia usou o vestido vermelho de inspiração grega para comparecer a uma recepção formal oferecida pelo rei Babatunde em sua honra e de Kofi. Antes do evento, ela passou por uma transformação completa: uma designer de sobrancelhas redefiniu o formato dos fios, os cílios foram alongados, as unhas das mãos e dos pés cuidadosamente feitas, e um tratamento capilar deixou seus cachos brilhantes e macios, presos em um elegante penteado. Sua pele, agora radiante, parecia tão suave quanto a de Noel. Ela era, sem dúvida, uma nova mulher.

O propósito do evento era apresentar Dahlia aos nove membros do conselho, à esposa de cada um e a outros convidados. Um homem, com a voz alta e profunda, anunciou a chegada do rei na Sala do Sol, um salão decorado em tons diferentes de amarelo e ouro. Babatunde usava uma coroa cravejada de joias e vestes pesadas debruadas com tecido kente. Em vez do cajado

de madeira, ele segurava um cetro de pedras preciosas e se apoiava em um assistente.

Logo após a entrada dele, o homem anunciou Kofi e Dahlia. Eles entraram de braços dados e fizeram uma pausa à porta enquanto os convidados aplaudiam.

— Relaxe — Kofi disse pelo canto da boca, enquanto mantinha um sorriso no rosto. Ele decidiu não usar a coroa para o evento, optando por demonstrar a soberania com um broche dourado em forma de cabeça de leão preso na lapela do smoking.

Dahlia apertou seu braço com mais força, sem perceber o que estava fazendo. Ela respirou fundo e afrouxou a mão.

— Você está se casando com um membro da família real. Essas pessoas estão ansiosas para conhecê-la e causar boa impressão. Não precisa se preocupar em impressioná-las.

As palavras foram um grande conforto e, quando ele a conduziu à frente, seu coração começou a bater de forma mais regular, e seu sorriso se tornou mais genuíno.

À medida que a noite avançava, eles se separaram, pois alguns dos convidados estavam ansiosos para falar com Kofi sobre uma variedade de assuntos. Ela ouviu um dos membros do conselho mencionar a necessidade de

financiar uma nova biblioteca, enquanto um líder do povo mbutu perguntava se algum membro da família real estaria presente na cerimônia ritual dos novos leões guerreiros.

Dahlia circulou entre os convidados e, a cada interação, sua confiança crescia. A secretária de assuntos sociais a preparou bem, fornecendo um resumo sobre cada pessoa presente e destacando alguns fatos relevantes sobre os quais ela poderia perguntar: filhos, passatempos ou cônjuges. Para sua sorte, ninguém riu de suas tentativas de cumprimentar em mbutu e francês. As duas horas passadas com cada professor estavam valendo a pena.

Sedenta, depois de horas falando e sorrindo sem parar, afastou-se da esposa de um dos conselheiros e procurou um garçom pelo salão.

Um homem bonito, de ascendência do Oriente Médio, apareceu em seu campo de visão.

— Srta. Sommers, é um prazer finalmente te conhecer. Sou o príncipe Wasim ibn Khalid al-Hassan, de Barrakesch, e um bom amigo do príncipe Kofi. — Ele usava as tradicionais túnicas esvoaçantes e o turbante dos homens daquela parte do mundo.

— É um prazer conhecê-lo, príncipe Wasim.

— Wasim, por favor.

— Wasim — Dahlia concordou. Ela estendeu a mão e, com uma mesura graciosa, ele pressionou um beijo ali. Com a bela aparência e o brilho no olhar, o homem podia ser bastante sedutor.

— É um prazer enfim conhecê-la depois de ouvir tanto a seu respeito. É mais bonita do que me disseram

— Wasim declarou.

Sedutor, sem dúvida nenhuma.

— Minha nossa, por favor, me diga que você não está flertando com a noiva do meu primo. — Imani, com seu belo vestido tomara que caia, se aproximou de Wasim e o olhou ao fazer beicinho.

Com a atenção em Dahlia, ele respondeu:

— Ouviu alguma coisa? Parece um mosquito zumbindo. — Ele deu um tapa na direção da orelha.

— Há. Há. Que engraçado — Imani comentou, enquanto fitava o homem. — E, veja, ele está interpretando o papel de xeque do Oriente Médio essa noite. Enquanto todos estão usando roupas ocidentais, ele está vestindo *ghuthrain* e *dishdasha*. — Ela puxou a manga da túnica dele.

— Usar as roupas da minha cultura não é interpretar um papel, *habibti*. Não mais do que você está

interpretando ao usar sua estampa colorida. — O olhar dele percorreu os ombros expostos da mulher e ele fez um aceno com a cabeça para o vestido.

Imani soltou um suspiro dramático.

— É estampa ankara. Há quanto tempo você conhece Kofi e a mim, diga-se de passagem, e ainda não sabe disso? Talvez seja hora de cortarmos relações com Barrakesch.

— Vocês jamais fariam isso. Estão em dívida conosco desde a época em que salvamos seu país ao lhes fornecer armas. Se não fosse por nós, teriam caído nas garras dos britânicos. De nada. — Ele abriu um sorriso excessivamente doce.

— Muito obrigada pela parte que nos toca, mas nós *compramos* essas armas. A propósito, tenho certeza de que vocês gostam muito dos descontos altíssimos que damos no ouro e nos produtos agrícolas que exportamos para o seu país. *De nada.*

Dahlia pigarreou. Estava certa de que os dois se esqueceram de que ela estava ali.

O rubor tingiu as bochechas de Wasim.

— Desculpe, nos deixamos levar. — Imani trocou o peso de um pé para o outro e olhou para baixo, envergonhada.

— Está tudo bem. Vou deixá-los a sós e circular um pouco.

Dahlia pediu licença e encontrou Kofi, que havia acabado de falar com um dos conselheiros e se aproximava dela.

— Aceita uma bebida? — ele perguntou.

Ela não pôde deixar de se lembrar da última vez que ele lhe ofereceu uma bebida ao fazer aquela mesma pergunta, sob circunstâncias bastante distintas.

— Sim, por favor.

Ele acenou para um garçom e entregou a ela uma taça de champanhe.

— Eu a vi falar com Wasim. Por favor, me diga que ele não estava flertando com você.

— Não muito. Imani pôs um ponto final nisso — Dahlia respondeu.

— Sorte a dele, ou eu teria arrancado seu coração. — Kofi bebericou da taça.

— Bastante violento — a mulher comentou, embora tenha ficado um pouco animada.

— Por que acha que me chamam de leão conquistador? — Com tanto ardor nos olhos, ele parecia querer conquistá-la, bem ali no piso de mármore.

O calor subiu pelo pescoço de Dahlia e ela desviou o olhar para Babatunde, que estava sentado do outro lado do salão, conversando com um dos membros do conselho.

— Revelei algumas fotos hoje.

— Fotos de quê?

— Antes e depois do meu escritório, e das rosas da estufa. As minhas preferidas são as de Noel, é claro, mas tem uma dos trabalhadores colhendo morango, cantando enquanto trabalham... ficou incrível.

— Fico feliz por você estar usando o cômodo. Talvez possamos te nomear como a fotógrafa oficial do palácio.

— A diversão alegrou a voz dele.

— Eu não gostaria de tirar o trabalho de alguém — ela respondeu, chegando um pouco mais perto. Não conseguia evitar a aproximação. O bom humor dele convidava ao contato.

— Verdade. Você vai ter muito o que fazer depois que nos casarmos, incluindo mais desses eventos, onde encontraremos os membros do conselho e ouviremos as preocupações deles.

— Posso fazer uma pergunta?

— É claro.

— Por que todos os membros do conselho são homens?

Ele não respondeu de imediato, e seu olhar abrangeu todo o salão.

— Velhas tradições costumam a morrer.

— Incluindo a que apenas herdeiros do sexo masculino podem assumir o trono? E se Noel fosse menina? Você teria lutado com tanto afincio para ela vir para a Zamibia?

Ele virou a cabeça para olhá-la.

— Eu ia querer que qualquer criança do meu sangue vivesse sob o meu teto e sob a minha proteção, fosse menino ou menina.

Satisfeita com a resposta, Dahlia ficou em silêncio.

Kofi apoiou uma mão nas costas dela, e o toque quente quase a fez ronronar.

— Venha, há mais pessoas para você conhecer.

Dahlia deu uma olhadinha em Noel dormindo profundamente com dois travesseiros de cada lado do corpo. Ele estava esparramado na cama, com a minhoquinha roxa debaixo do seu torso. Aofa dormia em

uma cama ali perto e Dahlia conseguia ouvir os roncos baixinhos da entrada do quarto.

Sem fazer barulho, fechou a porta e olhou para Kofi, que esteve observando tudo por cima do seu ombro. Eles percorreram o corredor e pararam do lado de fora do quarto dela.

— Não vou vê-la de novo antes do casamento. Tenho que fazer uma viagem curta, e no dia anterior à cerimônia, não podemos nos ver. Traz má sorte.

Ela assentiu. Tanto a assistente quanto a secretária explicaram essa parte da tradição. Também falaram que na noite de núpcias o costume ditava que a noiva esperasse o marido ir ao seu quarto para seduzi-la, iniciando-a na arte de fazer amor.

Dahlia girou o anel de diamante no dedo.

— Você se saiu bem hoje.

— Mesmo? — Ela olhou para ele, afoita por sua aprovação.

— Bem, menos quando chamou a esposa do chefe Ode de Amai em vez de Ama.

Dahlia estremeceu e cobriu o rosto.

— Não posso acreditar que errei o nome dela, mas minha secretária deve ter me passado a informação errada.

— Você está culpando quem te ajudou, uma mulher que viveu a vida toda no país e que conhece cada membro do conselho?

Dahlia riu.

— Acha que Ama ficou chateada?

— Não. É um erro fácil de cometer, e vou aplacar as coisas enviando mais vacas ou construindo outro poço na cidade deles.

— Sério?

— Não. — Ele riu.

— Kofi! — Dahlia o empurrou e encontrou o peito forte por debaixo do smoking. Ela levou um tempo olhando para onde o tocou e respirou fundo por entre os lábios repentinamente secos.

— Tenha uma boa noite — Kofi desejou. Ele não se moveu.

Dahlia assentiu, porque não pôde proferir uma única palavra. Pensou que talvez o príncipe fosse se aproximar, mas, em vez disso, ele balançou a cabeça de leve, como se estivesse se convencendo a não fazer algo, e recuou.

— Boa noite — ele repetiu.

— Boa noite — Dahlia sussurrou ao observá-lo se afastar.

Ela entrou no quarto e se apoiou na porta. Fechou os olhos e pressionou a mão no peito, logo acima do coração acelerado.

A decepção a atingiu. Quis que ele a beijasse ou correspondesse ao toque.

Tanta coisa mudou entre eles desde a sua chegada. Primeiro, o homem lhe deu a câmara escura, depois a ajudou a relaxar em seu papel de parceira e futura princesa. Não enjoava de vê-lo interagir com Noel, brincar de luta, dar comida para ele e ensinar algumas palavras em mbutu ao menino. Ele era tão paciente e bondoso com o filho e, por vezes, ela se via encarando os dois.

Noel estava se divertindo demais, como se sempre tivesse morado no Grande Palácio. Ele amava passar tempo com os animais da propriedade, mas seu lugar favorito era os estábulos, onde podia oferecer cenouras aos cavalos. Ele percorria o terreno conforme queria, conversava com os jardineiros e “ajudava” os trabalhadores que cuidavam das frutas e dos vegetais. Ninguém o tratava como um estorvo. Noel era o seu príncipe e futuro rei.

Dahlia suspirou e mordeu o lábio inferior. Em mais alguns, estaria casada. Será que... estava mesmo

ansiosa para isso?

CAPÍTULO DEZOITO

DAHLIA EXAMINOU A aparência no espelho oval de moldura dourada no quarto de vestir.

— Você está maravilhosa — Angela afirmou, sentada no banquinho acolchoado. Ela chegou na quinta-feira. A presença da amiga a acalmou, assim como a deixou muito bem-humorada.

— É difícil ficar feia com tudo isso. — Dahlia virou para se olhar de lado.

O vestido branco era de seda com detalhes dourados. Ele se acomodava ao corpo com um caimento elegante que ia até o chão. As mangas curtas e o decote arredondado permitiam que uma quantidade excessiva de ouro estivesse à mostra: nas orelhas, no pescoço, nos pulsos e na parte superior dos braços. Mesmo o cabelo, torcido em mechas grossas e preso, estava totalmente entrelaçado com fios de ouro.

— Você vai se casar. — Angela se levantou do assento e foi até Dahlia. Pegou-a pela mão e falou: — O

que está passando pela sua cabeça agora?

Ela olhou dentro dos olhos da amiga.

— Que eu devo tentar tirar o melhor da situação. Além do mais, ser princesa não deve ser tão ruim quando se tem dezenas de pessoas à sua disposição, não é?

— Bem, pelo que me disse, você e Kofi estão se dando melhor, não é mesmo? — Além de comer e beber demais, ela e Angela passaram os últimos dias colocando a conversa em dia.

— Estamos bem um com o outro.

— Amiga, sou eu. Estão apenas bem ou ótimos? O que está acontecendo de verdade?

Dahlia passou a mão por um longo trançado.

— Sinto que ele está se segurando. Ou sendo paciente. Como se... eu não sei. Acho que ele está esperando por um sinal de minha parte. — Não era exatamente o homem arrogante e insistente que ela conhecia.

Angela inclinou a cabeça e sua expressão ficou pensativa.

— Você está se apaixonando por ele de novo, não é?

Dahlia abriu a boca, mas logo a fechou. Qual era o sentido de negar? Estava se apaixonando de novo

porque ele estava se transformando no Kofi por quem se apaixonou há três anos.

— Estava fadado a acontecer. Talvez ele tenha sentimentos por você também — Angela disse baixinho.

— Pode ser. Mas, se for o caso, a qualquer momento ele pode arranjar outra esposa ou amantes, e não há muito que eu possa fazer quanto a isso. Caramba, eu até disse a ele que deveria fazer isso. — A raiva e a sensação horrível que sentiu no reencontro deles, nos Estados Unidos, parecia ter ocorrido há muito tempo, mas nem dois meses se passaram.

— Isso foi antes, quando havia muita animosidade entre vocês dois. Mas, olha, não perguntei para te deixar chateada. Vem cá. — Angela a puxou para um abraço. — Já te falei que estava com saudade?

— Não. Mas eu já sabia. Também senti muita saudade sua — Dahlia falou, com a voz embargada. Ela se afastou e olhou para a amiga. — Estou feliz por você ter vindo.

— Está brincando? — Os olhos de Angela estavam super brilhantes por causa das lágrimas. — Você vai se casar e está prestes a se tornar princesa. Nem mesmo aqueles tiranos dos meus chefes poderiam me fazer

perder o dia de hoje. — Ela conseguiu abrir um sorriso emocionado.

Quando uma leve batida soou à porta, as duas viraram a cabeça. Mariama estava parada lá.

— Está na hora — ela disse baixinho.

Dahlia respirou fundo e endireitou os ombros. Deixou a assistente adicionar a última peça: um véu de seda do mesmo tom de branco, com detalhes em ouro combinando com o vestido. Ela, então, aplicou o batom dourado e adicionou pontinhos de tinta da mesma cor ao redor dos olhos.

A noiva deu uma última olhada na própria transformação e encarou a melhor amiga. Angela abriu um sorriso tranquilizador e apertou sua mão. Em seguida, as três saíram do quarto.

Carrinhos de golfe levaram Dahlia e mais dez convidados até o outro lado do palácio, onde a cerimônia aconteceria em um salão de eventos. Um tapete longo e roxo atravessava o comprimento do cômodo. Angela foi se sentar e, na hora marcada, as portas se abriram e o som de mãos batendo de leve em tambores pôde ser ouvido.

Então, dez mulheres, usando vestidos e lenços dourados combinando na cabeça, jogaram pétalas de

rosas brancas e avançavam pelo tapete roxo. Dahlia foi atrás, mantendo os olhos fixos no chão, de maneira recatada, conforme ditava o costume. Quando chegou ao altar, olhou para cima. Kofi estava ao seu lado usando túnica esvoaçante também branca e com detalhes em ouro. O rosto dele permaneceu inexpressivo, mas os olhos estavam vivos, com emoções ocultas.

Ele sentia isso também? A gravidade dessa ocasião monumental? Que, independentemente do motivo que os levava a estar diante dessas pessoas hoje, em breve embarcariam em um caminho onde suas vidas estariam inexoravelmente ligadas por anos a fio?

O sacerdote falou tanto em inglês quanto em mbutu, com a voz alta e confiante. A cerimônia incluía reconhecer os ancestrais, repetir promessas um ao outro e orar pelo casal. No fim, o oficiante amarrou o pulso dos dois para representá-los como um só e usou um fio de búzios para simbolizar fertilidade e prosperidade. Depois da última oração, apresentou o casal aos presentes.

Como a coroação de Dahlia seria apenas mais tarde, em uma cerimônia privada, o celebrante fez a introdução dizendo:

— Agora lhes apresento o príncipe Kofi Karunzika e sua esposa, a futura princesa Dahlia Karunzika!

Vivas e aplausos partiram do grupo, e os percussionistas tocaram em um ritmo mais rápido, acompanhados pelo som das cornetas de marfim, enquanto o casal percorria o longo tapete até o outro cômodo, vazio, exceto pelos funcionários que esperavam por eles. Depois que a maquiadora a retocou, Dahlia e Kofi posaram para várias fotos: juntos, com os padrinhos e madrinhas, e com Noel. As fotos com o rei a deixaram um pouco triste, porque seus próprios pais não estavam lá, mas Dahlia não passou muito tempo sofrendo com aquilo.

O último passo envolvia sair à luz do sol e apresentar a nova família aos milhares de cidadãos reunidos nos terrenos. Quando foram para a varanda, Dahlia, Kofi com Noel nos braços, e o rei Babatunde, algumas pessoas se abaixaram sobre um joelho e inclinaram a cabeça, mas muitas outras soltaram vivas e brandiram bandeiras da Zâmbia em alegre união. Dançarinos em trajes tradicionais e com o rosto pintado celebravam e giravam o corpo em movimentos agitados. Os percussionistas, cujo instrumento em tempos passados servia para enviar mensagens por quilômetros, batiam em um ritmo frenético que se juntou ao coro de vozes.

Tomada pela emoção, Dahlia sentiu os olhos marejarem. Então, ela se lembrou das regras. Colocou um sorriso no rosto e acenou com os dedos unidos.

Ela desviou o olhar para Kofi. Noel, animado com a multidão, riu e acenou de maneira vigorosa, empoleirado no braço do pai, e a multidão gritou ainda mais. Kofi sorriu e acenou também. Seu perfil estava tão iluminado que ele parecia outra pessoa. Nada se comparava a esse homem sorrindo. Queria se jogar nos braços dele. O homem estava muito sensual.

Na manhã seguinte, partiriam para a lua de mel: uma semana em Tofo, Moçambique, no oceano Índico. Mas, essa noite, consumariam o casamento. Seu coração acelerou com a perspectiva, e Dahlia voltou a olhar para as pessoas lá embaixo.

Uma parte do grupo gritava mais alto que o resto:

— *Eyeh-kabo! Eyeh-kabo!* — eles entoaram.

— Sabe o que estão dizendo? — o rei Babatunde murmurou pelo canto da boca.

Dahlia ouviu com atenção.

— Não — admitiu, embora estivesse certa de que estavam falando mbutu.

— É mbutu — o rei confirmou. — Significa *bem-vinda*.

A emoção deu um nó em sua garganta. O sorriso se alargou e ela prometeu a si mesma que faria o seu melhor para ser digna de uma aceitação tão entusiasmada.

Do balcão do salão principal, Kofi fez um balanço dos convidados do casamento.

Apesar de ter sido organizado de última hora, centenas de dignatários, chefes de estado e embaixadores compareceram à cerimônia e trouxeram presentes luxuosos de seus países: diamantes primorosos selecionados nas minas da África do Sul e suntuosas tapeçarias da Etiópia. A delegação marroquina trouxe dançarinas do ventre para se apresentarem para o casal e os convidados. Os ganeses cantaram e apresentaram a dança *nmane*, ao som de tambores, em honra da noiva.

Bodes, ovelhas e vacas foram sacrificados e frutas e vegetais colhidos nas hortas do palácio para a celebração de três dias. Câmeras e jornalistas de toda a África cobriram o evento em vídeo e impressos.

Wasim e outro amigo dos tempos da faculdade se aproximaram, um de cada lado do noivo. Wasim estendeu um prato de carne de bode grelhada, e Kofi levou um pedaço do preparado saboroso à boca.

— Qual é a história verdadeira entre você e a Dahlia? — Andres, príncipe de um pequeno principado europeu, perguntou. Ele passou os dedos pelos cabelos escuros e apoiou as costas em uma coluna, com os braços cruzados.

Kofi apoiou as mãos na mureta de pedra, e seu olhar vagou até onde Dahlia estava em uma cadeira estofada com um desenho intrincado em ouro. Estava imersa na conversa com a melhor amiga, Angela. Em pouco tempo, deixariam os convidados e a atmosfera festiva, e entrariam na sala de coroação, onde o pai concederia o novo título a Dahlia.

Sentiu o estômago revirar e o peito apertar, mas não foi como a sensação sufocante que ocorreu em seu primeiro casamento, como se houvesse uma corda em volta de seu pescoço. Kofi se sentia surpreendentemente livre.

— Não há uma história.

— E agora ele começou a mentir para nós — Wasim disse.

Esses homens eram seus amigos, tão próximos quanto irmãos, e o conheciam melhor do que seu irmão mais velho jamais chegou a conhecer. Jafari foi consumido por seu papel como príncipe e herdeiro, e pelas restrições com que foi forçado a viver. Kofi teve uma vida mais animada tendo esses dois ao seu lado.

Wasim desviou o olhar de Kofi e o dirigiu a Andres.

— Você se lembra de que ele disse o quanto desprezava a mulher, mas não contou a razão? E que não queria saber dela, porque ela o traiu, mas também não contou como?

— E então, dois minutos depois, proclamou que ela era o amor da vida dele — Andres contribuiu aos risos.

— Me lembrem de nunca ficar bêbado perto de vocês dois de novo — Kofi disse, mordaz. — Tudo o que precisam saber é que ela é a mãe do meu filho, o herdeiro do trono.

Os amigos ficaram em silêncio porque entendiam. Carregavam o mesmo fardo de responsabilidade que ele. E foi por isso que se tornaram próximos na época da faculdade. Os três socializavam com algumas das pessoas mais ricas do mundo, mas riqueza e privilégio estavam entre as poucas coisas que tinham em comum com os filhos dos oficiais de governo e empresários.

Nenhum daqueles jovens entendia a tensão resultante de assumir um legado do qual um país inteiro dependeria.

— Obrigado por me ajudar a marcar a reunião com o chefe do Ministério do Petróleo. Se tudo der certo, nossos países poderão trabalhar juntos no projeto — Kofi falou a Wasim.

Nada foi finalizado, mas Barrakesch e Zamibia fizeram um acordo de exploração conjunta, e o escritório de Kofi notificou a embaixatriz e Alistair Davies. Nenhum dos dois ficou satisfeito com a notícia.

— Não me agradeça. Agradeça a Imani. Ela é bastante persistente. A propósito, quem é a amiga da Dahlia? — Wasim perguntou, observando Angela.

— Ei, estou de olho nela — Andres retrucou.

Kofi lançou um olhar de advertência aos dois.

— Sosseguem, rapazes. Guardem seus encantos para outra pessoa. A Angela vai embora amanhã.

— Amanhã? Que pena — Wasim disse.

— Angela. Nome bonito — Andres murmurou.

— Hora do brinde. — Wasim chamou um garçom e deu instruções a ele. Depois de alguns minutos, o homem voltou com duas taças de champanhe e uma de suco para Wasim.

— Eu começo — Andres disse. — Desejo o melhor para você, meu amigo. Você merece a felicidade.

Andres, assim como Wasim, foi ao primeiro casamento de Kofi e aos funerais da mãe, do irmão e da esposa.

Andres ergueu a taça.

— Que vocês tenham uma vida longa e feliz juntos.

— E, pela graça de Alá, que o lar de vocês seja repleto de amor e do som de risadas de crianças — Wasim adicionou.

Eles brindaram.

Kofi bebeu o champanhe de uma vez só e fixou o olhar em Dahlia. Ele pretendia ter tudo o que os amigos lhe desejaram, com ela ao seu lado.

CAPÍTULO DEZENOVE

MARIAMA ENTROU NO QUARTO.

— O banho está pronto, Vossa Alteza.

Vossa Alteza.

Levaria um tempo para se acostumar a ouvir os outros se referirem a ela como “Vossa Alteza” em vez de apenas “srta. Sommers” ou “senhora”. A cerimônia privada aconteceu naquela mesma noite, na sala da coroação, onde recebeu uma coroa de ouro cravejada de diamantes. Era uma das cinco coroas distintamente adornadas e ela aprendeu que cada uma servia a um propósito em particular, e só eram usadas em eventos formais, cerimônias ou quando dignatários faziam visitas oficiais. O rei Babatunde lhe deu o título honorífico de Grande Esposa, que significava que seria por ela que a linhagem real passaria.

— Obrigada, Mariama.

A criada a ajudou a tirar as joias, e Dahlia removeu os sapatos e o vestido que usou durante a coroação.

Embora Mariama tivesse ficado por perto, ela se despiu sem recato. Acostumou-se com a moça e entendia que parte de sua responsabilidade era assegurar que, mesmo as coisas mais corriqueiras, como um banho, fossem prazerosas e relaxantes.

Ela afundou na banheira cheia de água quente e pétalas de rosas brancas e vermelhas. Recostando-se na almofada, deixou a água quente com cheiro de flores relaxar seu corpo e mente conforme cobria a sua pele. As pétalas suaves faziam cócegas e dissipavam os resquícios de estresse do longo dia. Ela estava no paraíso.

Dahlia cochilou e acordou com Mariama tocando em seu ombro e lhe estendendo uma toalha grande.

— Obrigada.

No quarto, vestiu uma camisola branca e a criada soltou seu cabelo até que todas as mechas grossas caíssem sobre seus ombros. Uma artista foi chamada e cobriu suas mãos e pulsos com desenhos intrincados em henna. Ao terminar, as duas a deixaram sozinha, à espera de Kofi.

Dahlia se sentou na beirada da cama, aguardando. Notou o jeito como ele a olhou mais cedo, e sabia que o marido chegaria a qualquer minuto. Esperava que o

homem ficasse satisfeito. A expectativa fez seu coração acelerar.

Ficou lá e esperou por muito tempo, até que o silêncio do quarto pareceu ficar mais alto conforme o tempo passava. Engolindo em seco, olhou o relógio. Entendeu errado o costume nupcial? Era ela que deveria ir até ele?

Não, não era. Era ele que deveria vir. De acordo com a tradição, o noivo procurava a noiva na noite de núpcias.

Checou as horas de novo. Mais dois minutos se passaram, mas era como se fossem duas horas.

Por fim, percebeu que ele não viria, porque pensou que ela não o desejava. Tinha sentido que ele estava se segurando, contendo o “javali selvagem”. Se ele não ia procurá-la, então iria até ele. Ela daria o próximo passo.

Dahlia se levantou da cama e respirou fundo, então foi até o painel na parede. Abriu a porta e escapuliu para o corredor, que era iluminado por luzinhas alinhadas de ambos os lados do chão. De pés descalços, moveu-se sem fazer barulho, então girou a maçaneta do outro lado e empurrou a porta.

Com o peito nu, Kofi estava deitado de costas na cama, encarando o teto. Ele se sentou logo que ela

entrou, olhando-a como se tivesse visto um fantasma.

Dahlia deixou a porta fechar sem fazer barulho e se aproximou com as mãos entrelaçadas para que não tremessem.

— Hoje é a nossa noite de núpcias. Eu sou sua esposa.

— Sim, você é.

— Você não foi até mim.

— Então você veio. — Alguns segundos se passaram. — Venha cá, esposa.

Ela atravessou o resto do caminho e parou diante dele. Os olhares ficaram presos um no outro enquanto Kofi serpenteava as mãos por debaixo da camisola e puxava a calcinha de renda até os tornozelos. Ela deu um passo para longe da peça, sem afastar o olhar do dele.

Devagar, o príncipe ergueu a bainha da camisola transparente até passar dos quadris dela, e Dahlia terminou de se despir ao tirar a peça e jogá-la no chão.

O ritmo da respiração dele mudou quando olhou o corpo nu da esposa e resmungou algo na língua do seu povo, umedecendo os lábios ao encarar seus seios. Um dedo traçou o desenho de henna nas costas da mão até o pulso, e aquele toque brando fez o calor disparar pelas veias dela. Deu um passo mais perto e parou entre as

pernas dele. Mãos grandes seguraram seus quadris e alisaram a curva da sua cintura, subindo mais até chegar na lateral dos seios.

— Minha esposa — ele disse baixinho. Dilatou as narinas e entreabriu os olhos.

O pulso dela acelerou e a virilha latejou as palavras ditas com tanta delicadeza.

— Meu marido.

Ele beijou sua barriga e a língua deixou uma trilha úmida que ia do umbigo até o meio do peito. O toque familiar dos lábios e da barba desencadeou um chiado em sua pele, o que a fez se pressionar ainda mais nele. Como se um interruptor tivesse sido ligado, Kofi se levantou, pegou-a no colo e a deitou na cama.

Os lábios se uniram em um beijo ardente e feroz, que emaranhou suas línguas. Ele se pressionou nela, beijando-a profunda e completamente. Os dentes do marido mordiscaram o interior da sua boca e ela se lançou também, mergulhando no sabor dele. Ele a beijou com um desejo brutal e descontrolado. Seus lábios se agarraram aos dele conforme Kofi a puxava para si, movendo a língua por sua boca quente e úmida. Ela gemeu de desejo enquanto o marido lhe beijava e

sugava os lábios, aceitando o que ela estava disposta a oferecer.

Há muito tempo não tinha esse tipo de intimidade. Esteve sozinha, lutando, se esforçando. Mas o ímpeto do toque de Kofi fez a espera valer a pena.

Os mamilos enrijeceram em pontos dolorosos contra o calor do peito nu dele e o arrastar dos pelos espalhados em seu peito. Afagando as costas dele, ela explorou os músculos fortes e as cicatrizes que eram indícios do guerreiro formidável que ele era.

Ele a puxou para cima de si e ela deslizou ao longo de seu corpo. Suavidade contrastando com a dureza. Macio em contraste com o áspero. As mãos do marido seguravam seus quadris conforme ele se movia contra ela.

Com dedos apressados e atrapalhados, ela abriu o nó das cordinhas da calça dele e o ajudou a tirar a peça. O homem era maravilhoso. Ombros largos e cintura fina, complementados com uma bela visão dos braços musculosos e da barriga firme. Ela lambeu aquele abdômen e encheu a boca com a doçura do sabor de sua pele.

Levando a mão mais abaixo, passou o dedo nos pelos de sua virilha e, provocadora, massageou ao redor

do seu pênis, observando o rosto dele se contorcer no que só podia ser descrito como uma expressão de prazer agonizante.

— Dahlia... — Murmúrios ininteligíveis escaparam dos lábios do homem.

Ela sugou os mamilos e mordicou o peitoral forte.

— Você é lindo — disse, com a voz baixa e rouca. O corpo pulsava pelo marido. Uma necessidade familiar e natural que fervilhava abaixo da superfície sempre que ele estava por perto.

Agarrou o pênis ereto, espalhando o fluido da ponta para cima e para baixo do comprimento duro.

Com um gemido que veio do fundo do peito, Kofi encheu a mão com os cabelos dela e usou as madeixas como apoio para puxá-la de costas para o meio da cama. A outra mão agarrou o traseiro nu e apertou, e ela moveu o corpo para perto dele.

Dahlia passou a língua pela orelha do marido e, como um míssil teleguiado, os dedos dele encontraram o desejo que pulsava entre as suas pernas. A mulher abriu as de bom grado, afastando-se ao redor dos quadris de Kofi e dando a ele facilidade irrestrita para segurar e deslizar um dedo em seu calor úmido. Ela gemeu quando

o dedo se moveu dentro dela, mas não foi o suficiente. Era agonizante.

Ela moveu os quadris ao encontro da mão dele, arfante, faminta e desesperada, para aliviar a pressão intensa abaixo da cintura. A sensação era tão profunda que mal podia esperar para que ele a penetrasse. Só ficaria satisfeita quando o corpo de Kofi reivindicasse o seu.

— Dahlia — ele gemeu, ofegante. — Você está pronta para o seu marido? — Kofi deu um tapa na bunda dela e em seguida curvou os dedos na carne, apertando com firmeza. O movimento ecoou no calor latejante do seu sexo e foi tão intenso que ela quase gozou.

— Sim, Kofi, sim — a mulher sussurrou.

Ele capturou um mamilo com os dentes, torturando a pele escura até se tornar intumescida. Um roçar suave de língua seguia cada mordiscada. Ele deu mordidinhas pelos picos macios até ela não aguentar mais e segurar a cabeça dele, arqueando as costas e empurrando o rosto para o vale dos seus seios.

O sugar daquela boca a forçou a fechar os olhos, e Dahlia inclinou a cabeça sobre os travesseiros. As mãos e boca de Kofi continuaram a viajar pelo corpo da esposa, e ele não parou de pressionar beijos por toda a parte:

nas palmas das mãos, cotovelos, cintura e parte interna das coxas.

Dahlia esticou os braços acima da cabeça, entregando-se ao calor que lhe percorria as veias. Amoroso, ele moveu a mão bem devagar sobre a barriga lisa, movendo-se devagar em direção aos seios doloridos, e ela se contorceu, com mais e mais dificuldade de respirar.

— Kofi...

— Estou aqui, *olufeh mi*.

Ele segurou a ereção e a guiou entre sua umidade. Dahlia se abriu, permitindo que o corpo poderoso a conduzisse por aquele caminho familiar até chegar ao ápice do êxtase sensual. O marido grunhiu quando a penetrou, e a esposa agarrou seus ombros conforme as mãos dele se moviam por suas coxas, colocando-a na posição que desejava.

Kofi envolveu uma das pernas dela por cima do braço que o apoiava no colchão e a virou até ela estar curvada ao redor da sua cintura, como se fosse um cinto. Ela ficou aberta para ele, que entrou e saiu do seu corpo sem parar, criando uma sobrecarga sensorial.

Dahlia envolveu os braços no pescoço dele para se segurar quando o marido passou a apertá-la e arremeter

mais rápido dentro dela. Um tremor de satisfação e alívio percorreu sua pele e ecoou no corpo masculino. Ao mesmo tempo, Kofi roçava a boca na sua em um beijo afoito: ardente, entorpecente e tão intenso que ela perdeu o rumo. Os corpos fundidos se moviam em perfeita harmonia.

Ao passo que a paixão entre eles se elevava, Kofi cerrou os dentes e a penetrou com mais força. O prazer intenso o forçou a enterrar o rosto em seu pescoço. Dentro e fora, tão fundo quanto podia ir, ele moveu os quadris e forçou os gemidos roucos dela a encherem o ar enquanto mantinha o ritmo.

Gozaram juntos, com o corpo em perfeita sintonia um com o outro, recebendo o lampejo de calor que espiralou em um êxtase inimaginável. Todo o seu corpo tremia com a força do vendaval que varria as planícies. A respiração de Kofi falhou de encontro à sua clavícula conforme ele estocava com uma selvageria que a forçou a cravar as unhas na pele dele.

Quando acabou, o homem soltou um longo suspiro e todo o seu peso desabou sobre ela antes de ele rolar de lado e a puxar para si. Dahlia apoiou o rosto em seu ombro, sentindo o cheiro incomparável da pele do marido combinado ao aroma fascinante de suor e sexo.

Não podia mais negar a verdade. Uma dor cega lhe preencheu o peito. Os sentimentos intensos por Kofi jamais morreram. Ela o amava tanto, senão mais que antes. Não sabia o rumo que o relacionamento estava tomando, mas, em pouco tempo, ele se tornou uma parte vital de sua vida, e ela não queria deixar de sentir isso por ele.

Kofi saiu nu do banheiro da suíte. Ele se deitou em meio aos lençóis, tendo o cuidado de não se movimentar demais e acordar Dahlia, que estava deitada de lado com as costas para ele.

Quando finalmente se acomodou em uma posição confortável, ela pressionou o traseiro em seu quadril. Ele olhou para a esposa. A mulher estava dormindo ou acordada?

Momentos depois, ela recuou um pouquinho mais e pressionou o traseiro contra ele com insistência.

Acordada, sem dúvida nenhuma.

Kofi se virou e ficou de conchinha com ela.

— Dahlia?

— Humm?

— O que está fazendo?

Ele traçou uma linha pelo meio das costas dela e a esposa se moveu como uma cobra. O dedo seguiu até chegar na fenda das nádegas de Dahlia, que gemeu, erguendo-se em sua mão.

— Não me diga que você precisa de mais — ele murmurou. Kofi já estava tendo uma ereção só de pensar em se unir a ela de novo.

— Talvez. É nossa noite de núpcias, não é?

— Sim, é. — Ele não conseguia acreditar que a esposa foi até ele. — E o que tem em mente, *binriya mi*? — Ele empurrou o lençol para longe do corpo dela e passou a mão pelas curvas da pele escura, parando logo abaixo do seio.

— O que isso quer dizer? — Ela se virou de costas e olhou para ele.

Maravilhosa. Dahlia parecia uma deusa com os fios dourados descendo por seus cabelos e os lábios inchados dos seus beijos.

— Minha princesa.

— E como é “meu príncipe”? — ela perguntou.

— *Aremoh mi*.

Ela repetiu as palavras, mas a pronúncia soou estranha. Ele tornou a dizer, mais devagar dessa vez.

— *Aremoh mi* — ela repetiu, com mais confiança.

Duas palavras simples, e ele sentiu como se um novo mundo se abrisse, como se houvesse uma nova compreensão entre eles.

— Quero que você me toque, *aremoh mi* — Dahlia sussurrou.

— Onde?

Ela levou a mão dele ao seio. O mamilo escuro enrijeceu sob seu toque. Ele apertou a carne macia e ela arqueou em sua mão.

— Você é tão sexy — ele murmurou, levando o mamilo à boca. Traçou ao redor com a língua e o sugou.

Dahlia arquejou e o segurou pela nuca, passou a mão pelo pescoço dele e pelas marcas que cobriam a parte superior das suas costas. Ele amava aquelas mãos em seu corpo. As coisas deliciosas que ela fazia sem esforço acendiam sua pele e deixavam sua carne ainda mais rígida.

Passou tempo demais tentando esquecer. Esquecer a risada dela e o roçar do cabelo em seu peito. Esquecer o jeito com que ela escondia as risadinhas por trás da mão. A sinceridade e o otimismo, tudo foi relegado ao passado. Mas, na realidade, ele não se esqueceu de nada. Cada nuance, cada sentimento, cada sensação

permaneceu em seu subconsciente o tempo todo, esperando pela oportunidade perfeita de vir à tona.

Agora, não havia mais como se esconder, nada mais de sufocar os sentimentos para se proteger da manifestação viva de todo seu amor e desejo. Sim, amor. Ele aceitou o que sentia quando o oficiante atou as mãos dos dois para exprimir sua união como marido e mulher. Jamais experimentou tal euforia com nenhuma outra.

Ela abriu as coxas e ele se acomodou lá. Pressionou a boca na curva de seu pescoço, sentiu o cheiro de rosas em sua pele. Ouviu os gemidos suaves e os apelos desesperados, e riu baixinho enquanto a ereção deslizava entre as pernas dela. A cada estocada, ela apertava mais, cravando os dedos nos ombros dele, enquanto o corpo o prendia com muita força.

Quando estava quase chegando ao limite, ele se retirou. Frustrada, ela sugou o ar entre os dentes.

— De costas — Kofi murmurou. Dahlia virou o rosto para baixo e ergueu o traseiro no ar. Ele quase não aguentou vê-la naquela posição. — É assim que eu te quero. Quero ver essa bunda bonita. — Ele passou a mão pela lombar dela e seguiu para as nádegas suaves.

Quando penetrou a cabeça do pênis na entrada dela, a mulher se impulsionou para trás. A ereção entrou,

deslizando com facilidade. Kofi estendeu os dedos e brincou com um seio macio e exuberante, que lhe encheu a mão. Ela arqueou ainda mais as costas e, a cada vez que os quadris dele batiam em seu traseiro, ela gritava. Dahlia abaixou a cabeça e os cachos caíram para frente, em uma exibição de mechas pretas e ouro brilhante. Ele segurou algumas mechas e puxou, assumindo controle até os dedos dela agarrarem os travesseiros.

Não demorou muito, e ela desmoronou, então os gritos ecoaram pelas paredes. A mulher tremia de forma descontrolada e ele se esvaziava dentro dela, segurando firme seus quadris, enquanto espasmos de prazer o atravessavam como uma represa estourada.

Quando conseguiram recuperar um pouco do fôlego, ele a puxou para si e pressionou o rosto em seu pescoço.

Ele ficou nessa posição por um longo tempo, segurando-a junto a si, com a mão entrelaçada na suavidade de seus cabelos, silenciosamente tomado pela emoção.

CAPÍTULO VINTE

DAHLIA E KOFI chegaram ao aeroporto de Inhambane, em Moçambique, às dez da noite, depois de um longo voo de doze horas. De lá, uma caravana de carros alugados, que incluía um séquito de funcionários, seguiu por quase trinta quilômetros até a tranquila cidade costeira de Tofo. Embora conhecida ao redor do mundo por seus pontos de mergulho, que ofereciam vislumbres de arraias, golfinhos e tubarões-baleia, o local ainda conseguia passar uma sensação de isolamento. Kofi alugou uma casa, o que significava que teriam uma faixa enorme da praia só para si.

Depois de uma refeição de três pratos no avião oficial, Dahlia estava sem fome, mas comeu um bolinho de coco que encontrou na bandeja cheia de delícias em seu quarto. Foi até a imensa porta deslizante de vidro e a abriu. O som do oceano invadiu seus ouvidos e, ao longe, viu o mar escuro bater nas areias brancas.

Angela pegou o voo para os Estados Unidos antes de Dahlia e Kofi partirem da Zâmbia. A despedida agrídoce consistiu em um café da manhã bem cedinho antes de Dahlia instruir o motorista para levar a amiga ao aeroporto. Já estava com saudade. Lá, no fundo, sentiu que passaria bastante tempo até que se vissem de novo, e aquilo a encheu de tristeza.

Kofi apareceu às suas costas e passou um braço ao redor da cintura da esposa.

— Está tarde.

Dahlia assentiu.

— O que foi? — Ele a fez se virar em sua direção e inclinar a cabeça até conseguir ver seus olhos.

— Estou sendo boba.

Ele franziu a testa.

— Me conte.

— Estou com saudade da Angie. — Ela deu de ombros.

— Não é bobagem. É compreensível. Vocês se conhecem desde a faculdade, e tenho certeza de que ela te apoiou quando o Noel nasceu.

Ela assentiu e a emoção ficou presa em sua garganta. Nenhuma amiga era tão confiável quanto Angela. Ela organizou seu chá de bebê e segurou sua

mão na sala de parto, quando Dahlia não tinha mais ninguém.

— É melhor eu ir ver como o Noel está — ela disse.

— Ele está dormindo, e a Aofa está lá. Estaremos com ele pela manhã.

Kofi fechou a porta de correr e a conduziu até a cama, onde Mariama espalhou pétalas de rosas vermelhas nos lençóis. Eles se despiram e entraram debaixo das cobertas, envolvendo-se nos braços um do outro. Kofi afagou as costas dela de leve, para cima e para baixo. Ele sabia do que ela precisava, e lhe daria. Nada de sexo essa noite. Agora, era hora de Dahlia ser abraçada.

A luz fraca da aurora lançava um brilho esmaecido através do mosquiteiro que cobria a cama, permitindo que Kofi desse uma boa olhada na esposa que estava enrodilhada nele, totalmente adormecida. Um braço estava sobre seu peito, a respiração firme fazia cócegas em sua clavícula, enquanto a bochecha macia usava seu ombro como travesseiro.

Kofi ergueu um dos cachos e, com cuidado, enrolou-o ao redor do dedo. Parou quando ela se moveu, ainda

dormindo, roçando o corpo suave no seu e se aconchegando. Queria passar o resto da vida assim: acordando com ela pressionada nele, com o cheiro doce agarrado à sua pele e aos lençóis. Ele não a levou para lá do melhor jeito, admitiu com um sorriso pesaroso, mas estavam juntos agora. Fariam o casamento dar certo.

O príncipe passou um braço por trás da cabeça e pensou nos dias que estavam por vir, equilibrando a nova família e os assuntos do palácio.

Ao sentir o olhar de Dahlia nele, virou-se e sorriu.

— Você acordou. Bom dia. — Ele a apertou, puxando-a para mais perto. Moveu a mão por debaixo da cabeleira dela e afagou seu braço.

— Bom dia. — Ela sorriu e se espreguiçou como um gato satisfeito, deixando escapar um gemido baixo. A esposa se apoiou em um cotovelo e olhou para ele, e o cabelo caiu para o lado. Ela mordeu o lábio, parecia quase tímida. Foi muito fofo. — Algo errado? Por alguns instantes, você pareceu imerso em pensamentos.

— Estava pensando nos assuntos do palácio e em todo o trabalho que deixei para trás.

— Não deveria estar pensando nisso agora. Desligue essa parte do seu cérebro e me conte o que está programado para hoje.

Kofi ergueu uma pétala de rosa amassada.

— Primeiro, descobrir para onde elas foram. Acho que tem uma no meu traseiro.

Cobrindo a boca, Dahlia soltou uma gargalhada sincera, que preencheu o quarto e vibrou por todo o seu corpo.

— Achei as rosas um lindo toque. Mariama as trouxe lá da Zamibia.

— Verdade — ele concordou.

— Mas, sério, Vossa Alteza, o que planejou para depois do café da manhã? Uma caminhada na praia e um banho de mar? Ou passar o dia relaxando na rede?

— Relaxando? Não, não. Vamos fazer algo muito mais divertido.

— O que você tem em mente?

— Essas águas são famosas por sua vida marinha. Vamos mergulhar.

Ela semicerrou os olhos.

— Você quer dizer que *você* vai mergulhar?

— Eu disse que *nós* vamos.

— Nunca fiz isso na vida.

— Sabe nadar? — Eles tinham muito a aprender um sobre o outro.

— Sei.

— Então, entre mim e um dos instrutores do centro de mergulho, você vai ficar bem. Há muita vida marinha por aqui: arraias, tubarões-baleia...

— Opa. — Dahlia segurou o lençol junto ao peito e se sentou com os olhos arregalados. — Você falou tubarões?

Ele riu. Como a mulher era expressiva. Noel, sem dúvida nenhuma, puxou a personalidade extrovertida da mãe.

— Eu disse tubarões-baleia.

— Qual é a diferença?

Kofi também se sentou e falou calmamente para aliviar seus medos.

— Eles não estão interessados em humanos. São filtradores. Suas gargantas têm o tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos americana e, por isso, comem pequenos organismos chamados plâncton.

Ela fez careta e o olhou de rabo de olho.

— Não vamos levar o Noel. — Eles não desejaram deixar o menino, então o trouxeram na viagem, e Aofa estava lá para ajudar a cuidar dele.

— Não, ele é pequeno demais. Só vamos eu e você.
Dahlia mordiscou o lábio.

— Acha mesmo que eu colocaria sua vida em perigo?

Ela fez um bico pensativo que o fez querer beijá-la.

— É que eu nunca mergulhei.

— E tem hora melhor para aprender do que essa? Vou estar ao seu lado o tempo todo. — Kofi passou a mão por baixo do cabelo dela, segurou sua nuca e deu um beijo suave.

— Se eu morrer, vou voltar como um fantasma para puxar o seu pé.

— Confie em mim. Jamais deixaria algo acontecer com você.

Tomaram o café da manhã na varanda do quarto com vista para o mar. Um banquete cobria a mesa e tinha comida demais para apenas duas pessoas. Dahlia jamais provou mangas tão doces, embora Kofi tenha jurado que as da Zâmbia eram ainda mais deliciosas.

— Você precisa experimentar isso aqui — ela falou ao pegar um pedaço de abacaxi com a ponta dos dedos e levar à boca do marido.

Ele lambeu seu dedo e um arrepio de prazer disparou pelo seu braço. Dahlia riu e balançou a cabeça para Kofi.

— Gostoso, mas não tanto quanto os...

— Sim, sim. Não tanto quanto os da Zâmbia.

Ele sorriu e espetou um ovo poché com o garfo.

O velho Kofi estava quase de volta... ainda sentia reservas nele, como se o marido estivesse guardando algo para si. Um pensamento que ela desejava que ele compartilhasse. Talvez ainda tivesse suas dúvidas sobre ela, sobre eles. Dahlia faria o seu melhor para eliminar qualquer desconfiança que ainda restasse, porque gostava dessa trégua tácita entre os dois, um momento em que se permitiram relaxar e desfrutar da companhia um do outro.

Ele ergueu uma sobrancelha para a esposa.

— O que houve? — ela perguntou.

— Estava prestes a te fazer a mesma pergunta. Você está me encarando.

— Estou?

— Aham. — Então, ele abriu um sorriso sensual, e as partes íntimas dela entraram em frenesi.

Os seios, em especial, se acostumaram com o toque da boca do marido. Arrependeu-se de não ter

aproveitado para fazer amor quando acordaram. Desejou saber qual era a sensação daquela barba por fazer na sua pele. O pensamento deixou os seios doloridos.

— Não estava encarando. — Ela passou geleia de batata-doce na torrada e fingiu ignorá-lo.

Kofi cruzou os braços.

— Sabe o que acho? Que...

— Com licença, Altezas. O príncipe Noel estava pedindo pelos senhores. — Aofa se aproximou com o menino, que caminhava de mãos dadas com ela.

— Mamãe! — ele gritou e saiu em disparada, puxando a babá junto.

— Bom dia, tesouro. — Dahlia o pegou no colo e o encheu de beijos. — Dormiu bem?

— Sim. Você dormiu bem também, mamãe? — Noel perguntou.

— Sim, dormi.

— Vou deixá-los a sós — Aofa disse.

Quando ela se virou, Kofi a chamou.

— Vamos mergulhar hoje, mais tarde. Precisaremos que cuide do Noel quando estivermos fora. Volte em cerca de quarenta e cinco minutos.

Dahlia observou o filho pegar um pedaço de manga em seu prato.

— Vou amar passar mais tempo com ele. O menino me faz lembrar do meu neto mais novo. — A expressão de Aofa se alargou em um sorriso feliz. Ela falava muito dos netos. Trabalhar no palácio era uma honra, mas Dahlia podia dizer que a mulher odiava ficar longe deles.

Noel colocou a fruta na boca.

— Humm — ele murmurou, mastigando.

— Não é a melhor manga que você já comeu? — Dahlia perguntou.

Noel assentiu ao lamber o sumo que escorria do queixo.

— Viu, eu falei — Dahlia disse a Kofi.

— Você treinou o garoto — ele acusou.

A esposa riu e puxou o filho para perto.

Kofi se inclinou sobre a mesa.

— Filho, você terá que melhorar no quesito lealdade.

Noel o encarou por um minuto, então soltou várias risadinhas.

Dahlia beijou o topo da cabeça do menino e olhou para Kofi.

Esse seria um dia excelente.

CAPÍTULO VINTE E UM

APÓS SUPERAR A onda inicial de nervosismo, Dahlia seguiu as instruções de mergulho, relaxou e aproveitou a grandiosidade da natureza no oceano. Ela, Kofi, o instrutor e um ajudante viram não só tubarões-baleia e arraias, mas encontraram golfinhos também. Conforme instruído, ficaram a uma distância apropriada dos tubarões-baleia para evitar levar esbarrões acidentais. As criaturas gigantescas nadavam devagar, quase como se não se importassem por ela e Kofi estarem ali perto.

A arraia circulava com a mesma elegância vagarosa e as barbatanas, que se pareciam com asas, as levavam com suavidade através da água. No fim, ela e Kofi alimentaram os golfinhos com peixe e foram recompensados com acrobacias enquanto os bichos nadavam acima e abaixo das ondas, fazendo um espetáculo em troca de comida.

Horas depois, eles voltaram para o hotel e encontraram Aofa cochilando em uma rede na praia.

Noel dormia em cima dela.

Dahlia deu um tapinha no ombro da mulher, que acordou assustada.

— Não quis assustá-la. — Ela manteve a voz baixinha para não acordar Noel. — Só queria avisar que voltamos.

Aofa segurou um bocejo.

— Como foi?

— Emocionante. Inacreditável. Melhor do que imaginei. — Do lado dela, Kofi riu. — Bem, é verdade. Não posso acreditar que nunca na vida fui nadar com tubarões-baleia e golfinhos.

Kofi apertou seu ombro.

— E pensar que você não queria nem ir.

— Eu estava errada. — Ela não conseguia parar de sorrir. Estavam agindo como... um casal.

— Estou muito feliz pela senhora. — Aofa pisou na areia, e Dahlia segurou a rede para que a mulher saísse, impressionada pela babá ter mantido Noel o tempo todo na segurança de seus braços.

— Há quanto tempo ele está dormindo? — Dahlia perguntou.

— Não sei bem, já que eu mesma acabei adormecendo — Aofa confessou, tímida. — Que horas

são?

— Pouco depois de duas horas — Kofi respondeu.

— Quando verifiquei, passava um pouco do meio-dia, então não faz muito tempo. Não mais de duas horas.

Dahlia passou as juntas dos dedos pela bochecha do filho.

— Amanhã darei plena atenção a ele. Vamos brincar no mar.

— O que planejaram para o resto do dia? — Aofa perguntou.

— Comer e depois fazer alguma coisa com o meu cabelo. — A mulher passou a mão sobre os cachos úmidos. — Vamos sair essa noite. E, ao que parece, a vida noturna da cidade é agitada, e os donos da casa sugeriram que visitássemos alguns bares na praia, tomássemos cerveja e dançássemos.

— Que sugestão maravilhosa. Se me permite dizer, Vossa Alteza, os dois parecem muito felizes e relaxados.

Kofi pegou a mão dela e seus olhos se encheram de carinho.

— É porque estamos.

Dahlia segurou a mão livre de Aofa.

— Não disse antes, mas agradeço por ajudar com ele. Você tornou a transição muito mais fácil para mim, e

ele te adora.

— A honra é minha. — A babá fez uma breve
mesura.

Algumas horas depois, Dahlia estava sentada aos
pés da cama, calçando as sandálias, e Kofi apareceu à
porta. Ela já tinha dispensado Mariama, então os dois
estavam sozinhos. O homem não pronunciou uma única
palavra.

— Vai ficar parado aí? — Dahlia perguntou.

— Talvez.

Ela calçou a outra sandália e foi até o marido.

— O que acha? — Dahlia apoiou as mãos nos
quadris.

— Linda, como sempre. — Ele entrelaçou os dedos
na massa de cachos que caíam por suas costas. — Ainda
tem reservas quanto a ter vindo para a África?

— Nenhuma — respondeu sem pensar, sem nem
hesitar. Era o que o amor fazia. Dava fim a dúvidas.
Sempre quis estar perto de Kofi. Tocá-lo. Ouvir sua voz.
Era loucura, perigoso, doloroso... e a melhor sensação do
mundo, tudo de uma vez.

— Sem arrependimentos? — ele repetiu a pergunta.

— Nenhum. — Que diferença de semanas antes, quando lamentava ter entrado no avião e desejou ter resistido bravamente a ir para o outro continente.

Kofi a beijou de leve, a boca não foi mais que um sussurro contra a sua. Dahlia desfrutou do sabor dele, mantendo os braços ao redor do torso e pressionando os seios no peito forte.

Ele sorriu contra seus lábios, e um brilho sedutor invadiu os olhos dele e aqueceu a pele dela.

— Prometi que sairíamos para dançar. Embora eu prefira fazer outra coisa, vou manter a minha promessa. Vamos.

O motorista os levou até a cidade, e o bar da praia estava lotado quando chegaram. A música ecoava dos alto-falantes, enquanto uma quantidade surpreendente de pessoas, muitas delas de vinte e poucos anos, dançava na areia.

Os proprietários da casa disseram que muitos mochileiros costumavam ir a Tofo e ficar em acomodações mais baratas. Quase todos africanos, europeus e americanos. Abdalla e Yasir ficaram perto do bar, vestidos de forma discreta, com camiseta e jeans,

cada um segurando uma cerveja que ela sabia que não beberiam por estarem trabalhando.

Ela e Kofi se espremeram entre as pessoas e pediram duas cervejas da região, que beberam enquanto assistiam às pessoas dançarem na areia.

— Quer se juntar a eles? — Kofi perguntou.

— Você consegue se mover daquele jeito? — Dahlia perguntou, provocando-o.

— Levando em conta que você já viu muito dos meus movimentos, não consigo acreditar que fez essa pergunta.

Ele deixou a cerveja dos dois no balcão e a pegou pela mão, conduzindo-a até o meio do grupo. Ao passar um braço em sua cintura, ele a puxou para perto e moveu o corpo deles em um ritmo em que moviam os quadris um contra o do outro.

Dahlia levou os lábios à orelha dele, que inclinou a cabeça.

— Isso não parece nada com uma dança, é mais como fazer amor — ela disse.

— Fazer amor é um tipo de dança.

A mulher pressionou o rosto na curva do pescoço do marido e sentiu o cheiro da fragrância, o aroma de sua pele. Um perfume do qual jamais se cansaria.

Enganchou o braço ao redor do pescoço dele e sussurrou:

— Não quero ir embora nunca mais.

Ele a beijou na têmpora e apoiou a testa na dela.

O coração se encheu de emoção, e Dahlia queria ser imprudente essa noite. Viver o momento. Dizer o quanto o amava, que nunca deixou de amá-lo, embora tenha tentado com afinco. Confessar que o amaria até o fim dos tempos.

No meio da música e do som quase inaudível do mar, Kofi a olhou nos olhos. Os quadris roçavam os dela, o ritmo sexy da música os fez se mover com a batida.

— Senti saudade. — Ele a beijou na bochecha, debaixo do maxilar e no pescoço. — Senti saudade de você todos os dias desses três anos que ficamos afastados.

— Sentiu? — Não tinha certeza se ouviu direito por causa do barulho da música e das pessoas.

— Nunca parei de pensar em você. — Ele soltou um suspiro pesado, e os olhos escureceram de arrependimento. — Eu jamais deveria tê-la deixado nos Estados Unidos.

Dahlia afagou o maxilar dele. Ansiou ouvir essas palavras vindas da boca de Kofi, e agora que as ouviu,

ficou sem saber o que dizer, pois descobriu que ele experimentou a mesma mágoa que a atormentou dia após dia.

— Fui um idiota. Um tolo.

Ela riu. Achar graça da situação mostrava o quanto haviam superado.

Kofi parou de se mover e o olhar do homem ficou mais intenso.

— Eu amo você, Dahlia. Deveria ter dito isso há muito tempo, mas não conseguia admitir nem para mim mesmo.

Ela fechou os olhos, reunindo coragem suficiente para sussurrar as palavras que tremiam em seus lábios.

— Kofi... — Ela entrelaçou as mãos na nuca dele. O rosto dos dois estava próximo, como se não houvesse ninguém ali perto. — Sinto como se tivesse esperado a vida toda para te ouvir dizer isso. Eu também te amo. Meu coração se partiu quando você foi embora. Morri naquele dia.

Olhando dentro dos olhos dela, ele disse:

— Eu morri também. Deus, queria nunca ter te deixado.

O lábio inferior da mulher tremeu.

— Sinto muito pelo Noel. Eu queria...

— Shh.

Ela balançou a cabeça para que ele não a interrompesse. Precisava dizer a ele. Precisava que soubesse.

— Eu não o mantive em segredo por despeito. Tentei entrar em contato. Juro. Você estava em lua de mel e, quando descobri que estava casado, eu... eu pensei que você não se importaria. Você tem que acreditar em mim.

O olhar se fixou no dela, como se tentasse ver a parte mais escondida de seu ser.

— Acredito. — Ele a beijou de leve. — E também não acredito que você foi cúmplice na fraude nas nossas contas. Eu deveria ter confiado quando você me disse que não teve nada a ver com o roubo. Desculpa, *olufeh mi*.

Finalmente! Dahlia sorriu quando ele pressionou o rosto em seu pescoço. A barba fez a sua pele formigar. Ela virou os lábios para a bochecha dele e o apertou firme enquanto as mãos do marido desciam e lhe agarravam o traseiro. Eles ficaram bem ali, e ela não se importou com quem visse. Os dois se abraçaram e começaram a dançar lentamente, apesar de a música ser mais animada.

O coração se encheu de amor por ele e quis mostrar o quanto, pele a pele. Não queria mais dançar. Queria ficar sozinha com ele.

— Kofi, vamos...

— Vossa Alteza.

Relutantes, eles se afastaram. Abdalla estava atrás de Kofi. Pela expressão séria dele, Dahlia soube que havia algo errado.

— O que foi? — o príncipe perguntou. O corpo dele ficou imóvel, e o tom rouco de sua voz foi substituído por um firme e autoritário.

— Recebemos uma ligação do palácio. Houve um acidente.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

SEMPRE QUE OS membros da família real viajavam, os assistentes empacotavam o equivalente a um pequeno guarda-roupa completo, o que incluía trajes de luto. Dessa forma, caso alguém falecesse enquanto estavam fora, estariam vestidos de forma apropriada quando saíssem do avião.

Foi o caso quando Kofi, Dahlia e Noel chegaram. O voo durou a noite toda, e eles dormiram a bordo. Quando desembarcaram, usavam vestes pretas. Dahlia usava um lenço da mesma cor sobre a cabeça, debruado em dourado devido ao seu status como princesa. Kofi usava um filá preto e dourado.

Pisaram na pista de pouso com o rosto solene. Noel, caminhando ao lado da mãe, reparou no comportamento dos pais e não acenou nem sorriu como da última vez.

— Vossa Alteza, sabe o que causou o desmoronamento? — um repórter perguntou de trás da barricada.

Uma das minas desmoronou, prendendo os mineiros lá dentro. As autoridades não tinham certeza do número de mortos, mas o resgate que se estendeu pela noite tirou várias vítimas dos escombros.

Kofi parou para se dirigir brevemente aos jornalistas.

— Assim que soubermos a causa, faremos uma declaração. Até lá, nossos pensamentos e orações estarão com os homens e mulheres que estão presos, com a família deles e com a dos falecidos.

Ele colocou uma mão na lombar de Dahlia, e os três seguiram até a limusine que os aguardava, enquanto jornalistas gritavam perguntas às suas costas.

Ao se apropriar das mineradoras, o governo também era responsável pela tragédia. Segurança era sempre uma preocupação no setor, mas acidentes aconteciam. Pela primeira vez, um resultou em mortes no território zamibiano.

Ninguém disse uma única palavra no caminho até o palácio. Assim que chegaram, Kofi parou no vestíbulo de mármore.

— Vou para o meu escritório buscar mais informações sobre o que está acontecendo.

— Devo ir com você? — Dahlia perguntou, com o olhar cheio de preocupação.

Kofi balançou a cabeça.

— Pode subir. Eu já vou.

Ela hesitou, como se quisesse dizer algo mais, e ele também sentiu como se palavras permanecessem na ponta da língua, palavras que não conseguiu dizer por causa da interrupção de Abdalla há menos de vinte e quatro horas.

— Nos vemos depois, então. — Dahlia levou Noel pela mão até o elevador, mas o garotinho olhou para trás.

Kofi sorriu para tranquilizá-lo. Crianças eram criaturas muito sensíveis, capazes de captar o humor dos adultos ao seu redor. Não queria que o estresse dos próprios pensamentos incomodasse o filho. O menino sorriu e apertou o passo para acompanhar a mãe.

O príncipe seguiu na direção do escritório. Lá dentro, tirou a veste e a capa, revelando a camisa simples de algodão e calça que usava por baixo.

Minutos depois, a chefe de segurança, Oriyeh, chegou. Sua pele clara era resultado de um pai francês e

uma mãe zambiana. Pouco acima dos quarenta anos, ela era uma mulher discreta que usava o cabelo espesso em um coque na nuca. Oriyeh ingressou no serviço militar após concluir os estudos e era não apenas uma combatente incrível, mas também muito inteligente. Depois de completar seu primeiro período nas forças armadas, ela se alistou novamente e, ao concluir a carreira militar, já havia se formado em engenharia. Além de estrategista brilhante, ela era uma pessoa em quem Kofi confiava sua vida. O rei não expressou qualquer objeção quando o filho a nomeou chefe de segurança do palácio.

— Vossa Alteza. — Levando a mão ao peito, ela fez uma reverência.

— Entre, Oriyeh. Alguma informação? — Pela breve ligação de antes, Kofi deduziu que havia mais na história do que um simples desmoronamento. Ele se sentou na cadeira atrás da mesa.

A chefe da segurança se sentou de frente para ele.

— As notícias não são boas, Vossa Alteza.

Os ombros de Kofi ficaram tensos quando ele se preparou para ouvir.

— Estive em contato com a polícia e a equipe de resgate e, depois de investigações preliminares, o

desabamento não parece ter sido acidente ou falha no protocolo de segurança. Acreditam que foi proposital, usando dinamite ou alguma bomba.

Uma onda de calor se espalhou pelo seu corpo.

— Bomba? Por que alguém colocaria uma bomba em uma mina? O que aqueles homens e mulheres fizeram para merecer um ataque desses?

— A motivação não está clara.

Kofi riu com amargura.

— Creio que sei o motivo.

Oriyeh arqueou uma sobrancelha.

Recostando-se na cadeira, ele disse:

— Antes de eu viajar em lua de mel, recusamos a proposta da Titanium Oil. Esse pode ser um jeito de nos encurralar e mostrar que precisamos de ajuda externa com o projeto.

Oriyeh franziu a testa enquanto refletia.

— Talvez, mas então, como explicaria isso? — Ela tirou de dentro do paletó uma folha que estava protegida por plástico e a entregou ao príncipe.

Kofi virou o documento.

Você deve pagar por seus pecados.

— O que é isso?

— O rei Babatunde encontrou esse bilhete no banco do seu jardim privado quando saiu para caminhar à tarde.

Kofi ficou de pé no mesmo instante.

— Você está dizendo que alguém violou a segurança do palácio? — O ultraje em sua voz era tenso e vívido.

Oriyeh estremeceu. Ela se levantou também.

— Não sei, mas parece...

— *Parece?* Temos câmeras por toda a parte.

— Sim, Vossa Alteza. Mas o responsável aproveitou os pontos cegos para entregar a mensagem.

— Isso é inaceitável! — Kofi trovejou. Oriyeh estremeceu de novo e ele respirou fundo. — O que está fazendo para impedir que isso volte a acontecer?

— Mais câmeras estão sendo instaladas, coloquei mais guardas para o rei e alteramos a rotina dele.

O pai odiava mudanças. Ele era um homem de rotina, que tomava café da manhã na mesma hora, todos os dias, e caminhava para meditar em seu jardim na mesma hora, todas as tardes. Mas, com a segurança em risco, ele teria que se adaptar.

— O que mais você sabe?

— Nada. A pessoa que fez isso foi bastante competente.

Kofi foi até a janela e voltou.

— Será que estão mirando em mais alguém da monarquia?

— Não tenho nada que embase isso, mas creio que sim.

O pânico embargou sua garganta quando pensou em Noel e Dahlia.

— Então, precisamos nos certificar de que minha esposa e meu filho estejam protegidos, custe o que custar. Meu tio, as esposas dele, os filhos. Todo mundo.

— Incluindo o senhor, Vossa Alteza.

— Eu vou ficar bem.

— Até descobrirmos quem são os responsáveis, todos terão mais guarda-costas e mudarão a própria rotina.

— Tudo bem. Agora, me deixe sozinho.

Ela leu a ameaça nas entrelinhas e foi em direção à porta.

— Oriyeh. — Ela se virou para o príncipe. — Nenhuma palavra sobre isso para ninguém.

— Sim, Vossa Alteza.

Sem fazer barulho, ela saiu do escritório.

Kofi se sentou e ligou para a assistente. Ele pediu a ela que reunisse os currículos e todas as informações

disponíveis sobre cada pessoa responsável pela segurança nas minas. Apesar do que Oriyeh disse, o príncipe queria eliminar a possibilidade de que uma falha humana tivesse sido responsável pelo desmoronamento. Também falou a ela para fazer uma lista com os nomes e os povos dos mortos e dos feridos. O governo pagaria por funerais de três dias, e ele queria que o Ministério das Finanças estimasse a perda de salários para as famílias afetadas para que pacotes de compensações pudessem ser preparados.

Quando ele desligou, Kemal entrou e parou no meio da sala.

— O que houve? — Kofi perguntou, irritado.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Como foi a lua de mel?

— Curta.

Kemal se aproximou.

— Você não vai querer ouvir isso, mas recebi uma ligação de Alistair Davies. Ele quer saber se vai reconsiderar trabalhar com a Titanium Oil.

Uma risada amargurada deixou a garganta de Kofi.

— E por que eu faria isso? — Kofi apoiou os braços na poltrona e o tornozelo no joelho oposto.

— Creio que ele pense que, devido ao desabamento da mina, agora seja uma boa hora para mencionar a experiência deles em garantir que situações como essa não aconteçam quando formos fazer a extração de petróleo.

Kofi bateu os dedos na poltrona.

— Você ficou de olho neles como eu pedi?

— Sim.

— E?

— Nenhum comportamento incomum nem atividades suspeitas foram relatados a mim em relação à embaixatriz Stephens ou ao sr. Davies.

Kofi avaliou o outro homem.

— Bem, é uma boa notícia, não é?

— Sim, é.

— O que acha que devemos fazer?

— A decisão é sua.

— Sim, é. Sempre.

Um silêncio desconfortável preencheu o cômodo.

Kofi passou a mão pelo queixo barbado.

— Por ora, vamos nos ater ao plano que já está em execução. Vamos trabalhar com Barrakesch na perfuração marítima.

— Alistair e a embaixatriz não vão gostar.

— Já está usando o primeiro nome de Davies? — Kofi perguntou, erguendo as sobrancelhas.

— Eu... eu falei algumas vezes com ele, que insistiu que eu usasse seu primeiro nome.

— Bem, fico feliz por você ter desenvolvido um relacionamento tão bom com ele. — O príncipe abriu um sorriso tenso. — Por favor, diga a ele que não me importo nem um pouco se ele vai gostar ou não. Não trabalho para satisfazê-lo.

— Passarei a mensagem.

A expressão dele continuou neutra, mas a voz tinha um tom de... alguma coisa. Tensão? Raiva? Kofi não tinha certeza.

— A propósito, Dahlia me contou algo que preciso te perguntar. Ela comentou que, quando descobriu estar grávida, ligou, mas não conseguiu falar comigo. Ela disse que falou com você. Você se lembra dessa conversa?

Em Tofo, quando ela mencionou ter tentado encontrá-lo para falar da gravidez, algo desencadeou uma lembrança. Ainda em Atlanta, Dahlia disse que falou com Kemal, mas a raiva e o sentimento de ter sido traído o fizeram ignorar seu comentário, e ele não chegou a verificar com o assistente.

O primeiro sinal de desconforto apareceu quando Kemal engoliu em seco.

— Eu me lembro da conversa — ele disse em tom calmo.

— Por que não me contou que ela ligou? — Kofi ficou muito imóvel.

— Você estava em lua de mel.

— E depois que voltei?

— Pensei que não fosse querer ter nada com ela. A mulher roubou do reino, e você não deu qualquer indício de que ainda estava interessado nela.

Ele tinha razão, menos por um pequeno detalhe.

— Não acredito que ela tenha roubado de nós e, além do mais, confiei a você o que sentia por ela. Então, por favor, me explique isso de eu não ter dado indícios do meu interesse.

Kemal moveu os ombros.

— Ela não era certa para você.

Kofi se levantou da poltrona em um pulo e marchou até o homem. Ele observou o corpo do outro se retesar quando ficaram frente a frente.

— A decisão não era sua.

Kemal enrijeceu a mandíbula e baixou o olhar para o chão.

— Seis meses depois de Azireh morrer, pedi para você encontrar Dahlia. E, nem assim, você me contou que ela ligou.

Kemal disse que não conseguiu encontrar qualquer rastro dela em Nova York, o que fazia sentido. Àquela altura, ela já tinha ido para Atlanta. Mas será que o homem se esforçou para encontrá-la? Quando o próprio Kofi contratou um investigador, a esposa foi localizada em questão de semanas.

— O período de luto não tinha passado — Kemal disse baixinho.

— Mais uma vez, a decisão não era sua. — O príncipe bateu uma mão no peito. — Sou *eu* quem determina quanto tempo devo ficar de luto. Não a tradição. Talvez devêssemos reavaliar o seu trabalho.

Kemal ergueu a cabeça de supetão.

— Tenho sido leal a você há mais de cinco anos.

— Tem mesmo? — A pergunta pairou no ar como fumaça pútrida.

Muito da raiva que sentia era direcionada a si mesmo por não acreditar em Dahlia quando ela lhe disse que não tinha nada a ver com o desvio de fundos e que ela tentou entrar em contato para falar de Noel. Reconhecer a inocência dela o fazia se sentir desprezível

ao pensar na forma como a tratou e nas acusações que fez.

Os lábios de Kemal se comprimiram e o desafio brilhou em seus olhos.

— Você está cansado e estressado por causa do problema na mina. Vou ligar para Alistair, para o sr. Davies, e avisar que nada mudou. — Ele deu meia-volta.

— Na verdade, vou tratar com Davies por conta própria de agora em diante.

Kemal parou à porta.

— Se é assim que prefere.

— É sim.

— Muito bem. — Ele saiu do escritório.

Kofi não desviou os olhos da porta fechada. Depois de uns poucos minutos, ele deu a volta na mesa e afundou em uma poltrona de couro, com a mente em disparada. Precisava de tempo para pensar. Seu relacionamento com Kemal era sensível e complicado, e em todo esse tempo jamais questionou a lealdade do homem. Teria cometido um erro ao contratá-lo?

Estava começando a achar que sim.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

DAHLIA ACORDOU SOBRESSALTADA e se sentou. A imagem de uma figura familiar estava parada ao lado de sua cama.

Ela levou a mão ao peito.

— Kofi, que susto. O que está fazendo? — sussurrou. Não queria acordar Noel, que dormia ao seu lado com a minhoquinha de pelúcia espremida entre o colchão e a perna dele.

— Pensando.

Ela o olhou na semiescuridão e piscou para ajustar as vistas.

— Você está bem?

— Não conseguia dormir.

Dahlia puxou os lençóis, um convite tácito para que ele se deitasse na cama. O marido se acomodou ao seu lado, passando um braço por sua cintura e deslizando um

joelho entre as suas coxas. Eles se encaixavam como ímãs, deitados juntos pela primeira vez desde que voltaram de Moçambique, há uma semana. Kofi passava os dias em reuniões e visitou a mina do acidente, tudo para chegar ao cerne da catástrofe e se certificar de que os afetados fossem devidamente recompensados.

A imprensa foi impiedosa, questionando se a família Karunzika foi descuidada e se contrataram os funcionários certos. Cinco pessoas morreram, e ela viu o preço que as notícias ruins e as mortes cobraram de Kofi. O homem parecia distraído na maioria dos dias e, ao se encontrarem no café da manhã de hoje, percebeu que havia olheiras em seu rosto.

Ela fez a sua parte para tentar mudar a narrativa, ao passar um dia inteiro visitando os feridos no hospital e almoçando com médicos e enfermeiras que tratavam deles. As fotos apresentaram a família real sob uma luz diferente e permitiu que eles parecessem mais solidários. A visita não impactou apenas os pacientes. Ela mesma ficou satisfeita por saber que iluminou o dia deles e fez uma pequena diferença.

No dia seguinte, encontrou-se com a secretária de assuntos sociais e marcou outra visita, dessa vez em um hospital infantil, sem câmeras. Crianças sofrendo de

ferimentos e doenças de risco se animaram quando ela apareceu. Ela e os assistentes distribuíram brinquedos que compraram com os fundos do seu orçamento. A princesa assinou gessos, beijou e abraçou várias crianças. As bochechas doíam quando partiu, mas nunca se sentiu tão revigorada, e decidiu que visitar o hospital infantil faria parte dos seus deveres.

— Oriyeh ou a polícia já descobriram como o bilhete acabou no jardim do rei Babatunde?

Kofi falou por alto sobre a ameaça contida no bilhete. Desde então, mais seguranças foram destacados para estar com Dahlia e Noel o tempo todo. Ela se sentia sufocada com tantas pessoas, mas não tinha escolha, já que ninguém sabia quem fez a ameaça.

— Não estão mais perto de descobrir do que estavam antes. Oriyeh está trabalhando em parceria com a polícia e os contatos deles.

— É possível que o culpado seja alguém que já esteja no palácio? Não alguém de fora?

Kofi permaneceu em silêncio.

— Não estou errada, estou? — Dahlia perguntou baixinho.

— Passou pela minha cabeça — Kofi admitiu.

— Já conversou sobre isso com a Oriyeh?

— Sim, entre outras coisas. — Ele se mexeu. — O que eu detesto é a espera, como se tivéssemos que aguardar o próximo ataque antes de ter ideia da identidade do responsável.

Dahlia passou as juntas dos dedos de leve pela bochecha de Noel. Ele tinha cílios surpreendentemente longos, que não herdou nem dela nem de Kofi. Vieram da avó, a rainha Nahla, quem, pelas fotos que ela viu, tinha cílios longos, cheios e curvados.

Ele dormia em paz e sossegado ao seu lado, com o travesseiro por trás das costas para que não caísse da cama no meio da noite. Vinha passando mais tempo com o filho esses dias, com medo de deixá-lo fora de vista. Não saber de onde o perigo podia vir a enchia de temor, mas não dividiu as preocupações com o marido, pois não queria sobrecarregá-lo ainda mais.

— Não vou deixar nada acontecer com nenhum de vocês — Kofi disse.

Ela não respondeu. Ele falou uma vez que ninguém se atreveria a causar mal a eles. Agora, se perguntava se o marido estava errado.

— Ai! Para — Dahlia gritou quando Kofi bateu nela com o travesseiro.

A mulher caiu de costas em um emaranhado de lençóis e riu até a barriga doer. A camisola lilás subiu por suas coxas.

O marido caiu por cima dela, prendendo seus braços de cada lado da cabeça.

— Ah, agora você quer parar? Como acha que me senti quando você me emboscou assim que saí do banheiro? Você começou a guerra, e eu vou dar fim a ela.

— Isso foi há mais de uma hora.

— E estou dando o troco.

— Ah, quer saber? Eu te peguei de jeito. Que guerreiro maravilhoso você é. Nem viu o travesseiro.

— Acha que é engraçado questionar as minhas habilidades? — Ele prendeu os punhos dela em uma mão e fez cócegas em sua barriga com a outra.

Dahlia caiu na gargalhada.

— Para. Para.

Ela estava deliciosa, se contorcendo debaixo dele. Kofi a beijou, não conseguiu se conter. A boca macia não opôs resistência, mas então ela retaliou com uma mordidinha em seu lábio superior.

Ele ergueu a cabeça na hora.

— É melhor você se comportar — avisou.

— *Você se comporte e me solte* — Dahlia disse.

Os olhos dele se fixaram nos da esposa.

— Nunca.

Ambos pararam de rir e ele mordeu o lábio inferior, fitando-a como se ela fosse a mulher mais linda que já viu na vida. Uma fagulha de desejo iluminou seus olhos e ele a beijou de leve na boca.

— Não, baba. Chega.

Noel empurrou o rosto do pai e subiu em cima de Dahlia, apoiando a cabeça no peito da mãe. A expressão de espanto de Kofi a fez cair na gargalhada.

— Não quer que o baba me beije?

Noel fez beicinho e balançou a cabeça.

— Ele vai ficar muito decepcionado, então — Kofi disse, achando graça, e caiu de costas.

— Vamos pegá-lo — Dahlia disse a Noel, em um sussurro alto.

Noel pulou em cima do pai e deu socos com aquelas mãozinhas minúsculas na barriga dele, que fingiu sentir dor, grunhindo a cada golpe. Nesse meio tempo, Dahlia pegou outro travesseiro e o ergueu acima da cabeça para atingi-lo.

— Com licença, Vossa Alteza.

Um funcionário trouxe o almoço que Kofi pediu. O homem manteve os olhos desviados dos três, fazendo guerrinha ainda de pijama, e colocou a bandeja de prata com as bebidas e os pratos cobertos sobre a mesa na área de estar. Com os olhos fixos no chão e as mãos cruzadas diante do corpo, ele perguntou:

— Algo mais?

— Isso é tudo — o príncipe respondeu.

Quando a porta se fechou, Dahlia bufou.

— O que ele deve ter pensado?

— Que minha esposa exerce uma péssima influência em mim.

Ela jogou o travesseiro para a cabeceira da cama.

— Estou falando sério.

— Eu também. — Ele deu uma risadinha. — Vamos lá, não podemos ficar o dia inteiro na cama. — Kofi se sentou e levou Noel junto, jogando-o sobre o ombro. Ele se contorcia e esperneava.

Dahlia resmungou e o seguiu até a mesa. Eles se sentaram, com Noel no colo do pai.

Kofi repassou as duas semanas desde o acidente na mina. A tragédia parou de ser transmitida repetidamente no noticiário, e Dahlia ajudou a iniciar a mudança. Ao visitar os feridos e a família deles, a mulher suavizou o

rumo das narrativas e deu a ele mais tempo para trabalhar com a polícia na captura pelos responsáveis.

O relacionamento dos dois estava florescendo. Na maioria das noites, ela dormia no quarto do marido, como aconteceu na anterior, e de manhã Aofa levava Noel. Tiraram proveito do fim de semana para ficar de preguiça, assistir televisão e brincar com o filho e seus blocos de montar, que ficavam em uma caixa inteira que apareceu no quarto de Kofi sem que ele visse, e brincar de luta. A vida familiar feliz era quase boa demais. Uma parte sua esperava que algo atropelasse tudo e acabasse com a paz deles. Ou, talvez, estivesse sendo pessimista.

— O que é tudo isso? — Dahlia perguntou. Ela respirou fundo, atenta ao prato descoberto à sua frente.

— Pedi ao chef para criar um prato sul-africano para você. É frango peri-peri com arroz basmati e legumes. — O homem tirou a cloche do outro prato. — Aqui têm bifés de avestruz para você provar. — Ele destampou o próprio prato. — Costeletas de antílope assadas em molho de manteiga de ervas. — A carne dele estava acompanhada por uma porção generosa de cogumelos e legumes.

— Comi hambúrguer de avestruz uma vez e gostei bastante, então vou dar uma chance ao bife.

— Nada de antílope?

— Um pedacinho, no caso de eu não gostar.

— Não se preocupe, é delicioso. Eu já te enganei antes?

Ela vinha sendo bastante aventureira com a comida. Agora, amava biltong e devorou de forma memorável uma tigela inteira de ensopado de amendoim depois de torcer o nariz e dizer que não queria.

— Ainda não — ela admitiu.

Kofi cortou um pedacinho da carne macia e colocou no prato dela, em seguida cortou outro pedaço e o dividiu com Noel.

O filho mastigou rápido e engoliu.

— Pronto. — Ele abriu bem a boca para mostrar que estava vazia.

Kofi riu.

— Você gostou?

Noel assentiu com vigor.

— Aqui vai mais um pedaço, mas o baba precisa comer também. — Kofi dividiu outro pedaço com o menino e depois cortou mais fatias. Do outro lado da mesa, Dahlia os observava.

— Ele se encaixou bem, não foi? — ela perguntou, com a voz embargada.

— Aqui é seu lar. É o local a que ele pertence — Kofi disse. Ele beijou o topo da cabeça do filho.

— Mais, baba!

Os pais riram.

— Tudo bem, tudo bem. — Kofi deu um pouco mais de comida para ele. — E como se diz?

— *Ese-gani* — Noel falou, usando mbutu para dizer *obrigado*.

— *Odi*. Muito bem. Você vai ser bilíngue, filho. Diferente da mamãe, que só sabe inglês. — Ele lançou um olhar incisivo para Dahlia, que o fulminou com os olhos.

— Obrigada pela parte que me toca, mas vou fazer aulas. Eu não conseguia decidir entre francês ou mbutu, mas já falei com o professor. Vou começar com o mbutu.

A decisão dela de começar com a língua do seu povo o deixou muito satisfeito.

— Eu não sabia disso.

— Eu não te conto tudo, *aremoh mi*. — Com um sorriso torto, ela bebericou o bissap.

Ele riu e deu um pouco de cogumelo a Noel.

— Então me diga, o que você comprou para a esposa do meu tio para que eu não fique tão surpreso quando ela abrir o presente? — Kofi perguntou.

O príncipe Kehinde, irmão mais novo do seu pai e pai de Imani, ofereceria uma festa de aniversário para a esposa mais jovem hoje, que estava fazendo cinquenta anos. De início, planejaram uma comemoração cheia de pompa, mas por causa do desastre na mina, o rei Babatunde pediu para não exagerar com os festejos. Em vez de fazer uma festança no hotel da cidade, optaram por um evento íntimo, lá mesmo no palácio, com a família, amigos próximos e os empregados.

— Kehinde disse que ela gostaria de joias, e minha secretária encontrou um belo bracelete de diamante. Está com os outros presentes.

— Está tudo resolvido para essa noite, então?

— Sim, e podemos ficar de preguiça pelo resto do dia.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

COM AS COLINAS verdes ao longe, contornando os limites das centenas de hectares ocupados pela família real, o terreno nos fundos do palácio era o lugar ideal para uma festa de aniversário. Funcionários instalaram luzes e postes com luzes de fada suspensos sobre as mesas cheias de comida e presentes, criando um ambiente festivo e encantador.

— Gostaria de agradecer a todos por terem vindo essa noite para celebrar comigo o aniversário da minha esposa. Os cinquenta anos são uma marca que muitas pessoas não alcançam, e sou um homem de sorte por ter passado os últimos trinta com essa mulher maravilhosa. Obrigado pelos meus belos filhos. Você é uma bênção para mim e para a minha família. Feliz aniversário, meu amor.

Dahlia aplaudiu e deu vivas junto com os outros. Ela observou a esposa de Kehinde soprar as velas e todos voltaram a comemorar e assoviar, incluindo as outras duas esposas do homem.

Ela podia não ter entendido aquele tipo de arranjo antes de chegar ao país, mas aceitava o relacionamento deles agora. Não era o tipo de casamento no qual se via, mas eles eram uma família feliz e unida. As três mulheres conviviam como irmãs, e seus filhos eram próximos.

Imani deu um beijo e um abraço na mãe. Então a música começou, uma batida tradicional zamibiana, que contava com tambores e outros instrumentos de percussão, que lhe dava vontade de balançar os ombros e se levantar para dançar. Procurou por Kofi em meio ao pequeno grupo. Ele e o pai estavam sentados lado a lado, com a cabeça próxima, como se falassem de algo importante. Ela não queria interromper.

— Amei a sua roupa — Imani disse.

— Obrigada.

Ela mesma escolheu o vestido, já que Mariama estava de folga. A peça azul-royal caía por seu corpo de uma maneira que a favorecia. Dahlia usava poucas joias,

mas adicionou um toque africano com miçangas coloridas atadas aos brincos de cobre feitos à mão.

— Kofi me disse que você vai aprender mbutu — Imani comentou.

— Vou *tentar*. Estou temerosa porque não conheço nada da língua, mas vou dar uma chance a ela em vez de ao francês.

Imani assentiu.

— Mesmo que aprenda apenas algumas frases, as pessoas vão ficar felizes por você estar tentando. Acho que fez a escolha certa.

Ela sabia disso. Estava começando a se sentir mais próxima da cultura do povo, menos uma estrangeira e mais uma cidadã. Aprender a língua lhe traria mais afinidade com eles, que era o que queria, particularmente porque ela e Kofi estavam mais próximos agora. Às vezes, quando ele olhava para ela, Dahlia via o amor correspondido nos olhos do marido, e não conseguia nem cogitar perder aquilo ou ser separada dele de novo.

Ela teve um vislumbre de Aofa um pouco mais afastada do grupo, sentada com Noel no colo. Pediu à mulher para ir à festa e ficar de olho no menino, o que daria a Dahlia tempo para ficar com os adultos.

Ela olhou de novo. Noel parecia estranho. Quase letárgico.

Foi até eles e, quando estava quase chegando, o menino se curvou e vomitou na grama. Dahlia correu o resto do caminho e se agachou na frente do filho.

— Ele não está se sentindo bem desde que chegamos — Aofa disse.

— Ele estava bem na parte da tarde. — Dahlia afagou as costas dele.

— Mamãe — Noel murmurou, erguendo os bracinhos para ela. Dahlia pegou o menino no colo e usou o lenço que Aofa ofereceu para limpar a boca dele.

— Deixe-me levá-lo lá para cima. Assim, a senhora pode ficar e aproveitar a festa — a babá sugeriu.

— Não, mas você pode ficar. Vou entrar com ele.

Pela forma como Noel se agarrava a ela, sabia que o menino não a largaria. Ela se ergueu e o ajeitou melhor no colo. Seu filho estava ganhando peso e ficando muito grande.

— Não me importo — Aofa falou.

— Eu insisto. Pode ficar, vou para o apartamento.

— Tem certeza, Vossa Alteza? A senhora sabe o que fazer? — Aofa ficou de pé, estendo os braços como se quisesse pegá-lo.

Dahlia deu um passo para trás.

— Sou perfeitamente capaz de cuidar do meu próprio filho.

A mulher mais velha abaixou as mãos.

— Sinto muito. Peço perdão. Não quis insinuar que a senhora não sabia cuidar dele.

Aofa passava quase todos os dias com Noel, durante horas a cada vez. É claro que ela se apegaria à criança. Dahlia se acalmou.

— Não quis ser grossa. Vamos ficar bem. Se precisar de ajuda, peço alguém para vir te chamar.

— Tudo bem. Tenho um chá de ervas que talvez o faça se sentir melhor. Está na terceira prateleira da despensa, em um pote de vidro. É bom para náusea e o ajudará a dormir.

— Obrigada.

Saiu da festa com Noel no colo, e um guarda a levou no carrinho de golfe até uma das portas dos fundos do palácio. Devido as novas regras de segurança, ele a acompanhou enquanto atravessavam o primeiro piso e subiram juntos no elevador.

Dahlia afagou as costas de Noel, que resmungou baixinho.

— Você está com dor?

Ele não respondeu. O almoço de hoje foi pesado. Talvez ele fosse alérgico a algo que o cozinheiro serviu.

— A barriguinha está doendo?

— Está — ele respondeu, com uma voz de partir o coração.

— Vou tentar te fazer se sentir melhor, tudo bem?

Ele assentiu e apoiou a cabeça no ombro da mãe.

Dahlia pressionou o polegar no leitor biométrico que permitia a entrada na ala leste, onde eles viviam. A porta se abriu sem fazer barulho e ela percorreu o corredor com o guarda logo atrás.

De repente, ela parou, sentindo os pelinhos da nuca se eriçarem.

O guarda, um homem robusto de altura mediana, parou também.

— Há algo errado, Vossa Alteza?

— Eu... — A princesa pressentiu algo, mas o quê? O corredor e os recantos estavam vazios. — Olá? Tem alguém aqui?

O guarda deu uma volta completa e então se afastou alguns passos, espiando de uma ponta do corredor à outra.

— Olá? — ele chamou, e sua voz repercutiu pelas paredes.

Ela deixou para lá.

— Deve ser só a minha imaginação.

Prosseguiu até os aposentos dela e de Kofi e pressionou o polegar em outro leitor biométrico, o que permitiu a entrada na residência privativa. Antes de fechar a porta, ela sorriu para o guarda.

— Pode voltar para a festa. Vou ficar aqui pelo resto da noite.

Ele fez uma medida e voltou pelo caminho por onde vieram.

Dahlia colocou Noel na cama e o cobriu. Foi ver se o menino estava com febre, mas ele não estava quente, o que era bom sinal. Ele não estava lutando contra uma infecção.

Prepararia para ele o chá que Aofa sugeriu, já que a mulher sabia bastante sobre ervas medicinais.

— Vou lá na cozinha preparar um chá para você. Já volto, certo? — Não queria deixar a criança sozinha, mas só ficaria longe por alguns minutos.

— Mamãe, a minhoquinha.

— Ah, é claro. — Dahlia pegou o brinquedo na cadeira do outro lado do cômodo e entregou a ele. — Me dê alguns minutos, e vou voltar com algo gostoso e

quentinho para fazer sua barriguinha melhorar, está bem? — Ela esfregou o abdômen dele.

— Sim — Noel respondeu com um fio de voz. Se ele não melhorasse até uma hora depois de tomar o chá, chamaria um médico.

Dahlia saiu do quarto e deixou a porta entreaberta, no caso de o filho chamar por ela. Assim como Aofa disse, encontrou o pote com as ervas na terceira prateleira da despensa. Colocou a chaleira no fogo e, minutos mais tarde, misturou um pouco de mel na água quente e colocou lá um saquinho com as ervas dentro.

Ela voltou pelo corredor.

— Aqui est...

O quarto estava vazio. Noel sumiu, mas a minhoquinha ainda estava no colchão.

— Noel? — Dahlia franziu a testa ao dar a volta na cama. — Noel, querido, onde você está? — Ela entrou no quarto de vestir. Ele também não estava lá.

O banheiro também estava vazio. Seus dedos ficaram dormentes e ela deixou a caneca cair no piso de ladrilho, mal notando as gotas quentes que atingiram seus tornozelos.

Correu para fora do cômodo e gritou por ele.

— Noel!

Ela se abaixou até o chão e olhou debaixo da cama. Nada.

Lembrou-se do desconforto do lado de fora dos aposentos e entrou em pânico. Dahlia ficou de pé em um pulo e correu para o corredor.

— Noel! — ela gritou. Foi de quarto em quarto, gritando por ele, abrindo as portas. — Noel! — ela soltou um grito gutural cheio de terror.

Voltou correndo pelo corredor e ouviu um movimento no quarto. Ela empurrou a porta, mas não era Noel. Era Kofi.

Ele franziu a testa.

— O que está acontecendo? Aofa me disse que Noel estava doente e que você subiu com ele. Onde ele está?

O cômodo começou a girar e Dahlia estendeu a mão para ele, buscando equilíbrio. O príncipe se moveu na mesma hora e segurou suas mãos para lhe dar apoio.

— Dahlia, onde ele está? — Kofi perguntou de novo, mais alto dessa vez.

— Não sei. — Um tremor incontrolável tomou o seu corpo. — Ele não está aqui.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

QUANDO FINALMENTE PAROU de hiperventilar, Dahlia se desligou. O tempo perdeu todo o significado. Em seu estupor, ouviu Abdalla, Kofi e Oriyeh conversando, mas não entendeu uma palavra do que disseram. Só conseguia imaginar o seu garotinho, doente e com medo, sem ela ou seu bichinho de pelúcia para reconfortá-lo.

Quem o levaria? A pessoa queria dinheiro? Iriam machucá-lo, cortar uma orelha ou um dedo para enviar uma mensagem? A náusea se formou em seu estômago e, apoiando os cotovelos nos joelhos, cobriu o rosto com as mãos.

Meu bebê, meu bebê. Estava tão perto de desabar.

— Como alguém pôde entrar aqui sem ser visto? —
Kofi gritou.

— Não sabemos com certeza, mas temos uma ideia — Oriyeh respondeu. — Verifiquei as gravações do painel do lado de fora da sua porta. Ninguém entrou depois da princesa Dahlia, exceto o senhor. Devem ter tido acesso pela sala de fuga atrás do seu quarto e escapado de lá para o quarto da princesa através do corredor que o conecta ao seu.

Um quarto secreto atrás de uma parede no quarto de Kofi poderia ser usado como rota de fuga no caso de o palácio ficar sitiado. Ele e a família poderiam ser levados em segurança através de uma rota subterrânea.

— Muito poucas pessoas sabem dele — o príncipe argumentou.

— Creio ser essa a única forma para o sequestrador ter entrado sem ser detectado, o que significa que ele ou ela o conheciam também. Só podemos esperar para ver quem vai se responsabilizar pelo sequestro.

— Esperar! Precisamos de respostas e precisamos agora. Nosso filho sumiu.

— Desde que o bilhete foi deixado para o rei Babatunde, temos trabalhado com a polícia para identificar qualquer um que poderia se ressentir da monarquia. Ninguém se comunicou com o palácio. Nenhum pedido de resgate. Nada mesmo.

— Ele é uma criança. Quem faria algo assim? — Dahlia perguntou, surpresa com a própria rouquidão.

Todos os olhos se viraram para ela.

— É possível que ele tenha saído vagando por aí, princesa Dahlia? — Oriyeh perguntou com gentileza.

— Saiu vagando? Ele está doente.

— Tem passagens secretas...

— Você está sugerindo... — Kofi se intrometeu, franzindo as sobrancelhas.

— Ele não atravessou uma passagem secreta! — Dahlia perdeu o controle. — Eu o deixei na cama com o bichinho de pelúcia. Mesmo se tivesse se levantado e ido para algum lugar por conta própria, teria levado a porcaria da minhoca. Noel ama aquele brinquedo. Ele está doente e ela o reconforta. Alguém o levou. — Ela bufou e secou as lágrimas que escorriam por suas bochechas. — Fiquei fora por pouquíssimos minutos.

— Não se culpe — Kofi disse com carinho.

Ela se sentou com as costas eretas.

— *Não* estou *me* culpando. Culpo o homem que me prometeu que nada aconteceria com o meu filho, que me prometeu que ele estaria em segurança.

Abdalla e Yasir encararam o tapete.

— Dahlia...

Ela ficou de pé em um salto e apontou para ele.

— Não diga uma única palavra para mim.

— Nós o encontraremos, princesa Dahlia — Oriyeh disse baixinho.

Dahlia não prestou atenção à mulher. Manteve o olhar em Kofi.

— Você disse que ninguém se atreveria a tocar nele. Você estava errado. — A voz dela tremia e seus olhos se encheram de lágrimas. — Não me importo com o que você vai fazer nem como vai conseguir, mas você vai encontrar o meu filho e o deixar em segurança. Ou eu jamais vou te perdoar.

Ela saiu do quarto como um furacão e bateu a porta.

Kofi encontrou Dahlia no Grande Salão Sagrado, uma área do palácio que servia como altar, para onde as pessoas podiam ir e orar para os deuses, para o único Deus verdadeiro, para os ancestrais ou qualquer entidade da crença que tinham. Sacerdotes mantinham incensos e velas acesos o tempo todo.

Ele engoliu a própria dor e o medo, e foi até onde ela estava prostrada em um tapete de oração, com a

cabeça curvada e os braços estendidos no chão. Conforme se aproximava, conseguiu ouvir os soluços discretos e se abaixou ao lado dela.

— Nós o encontraremos. — Ela não respondeu e continuou a chorar.

Kofi a ajudou a ficar de pé sem muita resistência. Ela apoiou a bochecha úmida de lágrimas no peito dele e o deixou pegá-la no colo e levá-la de volta ao apartamento. No quarto, ele tirou suas roupas, a vestiu com uma camisola de algodão e a colocou na cama.

Então, se despiu até ficar só de boxer e se acomodou ao lado dela, puxando-a para seus braços.

— É esperado que os pais protejam os filhos — Dahlia sussurrou. — Eu não deveria ter trazido o Noel para cá.

Passando os dedos pelo cabelo macio da esposa, Kofi a abraçou até ela dormir.

Quando esse pesadelo acabasse, ele sabia o que teria que fazer.

Dahlia acordou. Piscando, ela encarou a semiescuridão.

Virou-se. A cama estava vazia e os lençóis, frios. Kofi já tinha se levantado há um tempo. Ela estremeceu quando se lembrou do que disse a ele. Foi terrível culpá-lo. Precisava dizer que estavam juntos nessa situação e deixá-lo saber que sentia muito pelo que falou.

Saiu da cama e foi até o painel na parede. O quarto dele estava vazio. Onde o homem estaria a essa hora da noite?

Voltou até a passagem secreta e vestiu o roupão, então saiu em busca do marido. Talvez ele estivesse no escritório no primeiro andar. Caminhou em silêncio através dos cômodos mal iluminados, quando ouviu vozes exaltadas.

Dahlia se virou. Inclinou a cabeça e ouviu. As vozes vinham dos fundos do apartamento. Se apressando, foi em direção ao cômodo onde uma luz brilhava debaixo da porta. Ao se aproximar, uma voz ficou mais alta.

— Diga o que sabe! — Oriyeh gritou.

Dahlia avançou correndo e empurrou a porta. Cinco pares de olhos se viraram na sua direção.

— O que está acontecendo? — perguntou, embora tenha visto o bastante para saber o que se passava.

Aofa estava com os pulsos algemados aos braços de uma cadeira, enquanto dois membros da guarda do

palácio estavam postados ali perto, os dois armados e usando o uniforme azul.

— Aofa está sendo interrogada — Kofi respondeu.

— Ela sabe algo de Noel? Sabe onde ele está?

Kofi enviou uma mensagem silenciosa para Oriyeh do outro lado da sala, e Dahlia se virou na direção da mulher.

— Me diga! O que está acontecendo?

— Minha investigação me levou a acreditar que Aofa sabe onde o príncipe Noel está. Estamos tentando conseguir a informação para descobrir quem mais está envolvido.

Tentando conseguir a informação? Por que ela não contaria a eles?

Dahlia abriu a boca para perguntar, mas parou quando viu as lágrimas nos olhos da mulher. Ela estava aterrorizada. A babá com certeza sabia de alguma coisa.

— Onde está o Noel? — Dahlia perguntou.

Aofa desviou o olhar.

— Onde está o meu filho? — ela exigiu, com um leve tremor na voz.

— Vossa Alteza, por favor, nos deixe lidar com a situação — Oriyeh disse com gentileza.

A cabeça de Dahlia latejou de nervosismo, preocupação e medo.

— Ele está vivo? — ela perguntou.

Com certeza, a babá lhe diria algo. Qualquer coisa, para acalmar seus pensamentos caóticos.

Ela não proferiu uma única palavra e continuou a encarar a parede.

— Responda à pergunta — Oriyeh mandou.

Nada. Nada mesmo da mulher que banhou e brincou com seu filho por semanas, dormiu no mesmo quarto que ele, o beijou, o alimentou e o tratou da forma como Dahlia imaginou que ela trataria os próprios netos. Confiou a Aofa o bem mais precioso que possuía, e ela ficou ali sem dizer *nada*.

Não podia mais suportar não saber. Os olhos se fixaram na adaga presa ao quadril do guarda mais próximo. Em um arroubo de raiva, arrancou a arma do coldre e partiu para cima de Aofa.

— *Ne touche pas!* — Kofi ladrou a ordem quando o guarda avançou para ir atrás dela.

Os olhos de Aofa se arregalaram de pânico. Os pulsos repuxaram as algemas.

Dahlia a segurou pela garganta.

— Onde está o meu filho?

Aofa balbuciou em sua língua nativa, arregalando os olhos até chegar ao tamanho de uma moeda zamibiana de cinquenta centavos, disparando de um lado para o outro entre as pessoas ali.

— Me diga! — Dahlia gritou.

— Eu não sei!

— Me fale onde ele está! — A princesa ergueu a adaga acima da cabeça.

— Cape Ndugu! — Aofa gritou, deixando escapar um gemido de revirar o estômago ao final.

A mão de Dahlia apertou o cabo da adaga com força e lágrimas lhe inundaram os olhos quando o alívio verteu através das suas veias.

— Ele está vivo?

— Sim. Creio que sim, Vossa Alteza.

O filho estava vivo!

— Por que ele foi levado?

— Vingança. Ele queria v-vingança.

— Quem queria vingança? — Oriyeh perguntou.

— Por favor, se eu contar, ele vai cortar a garganta dos meus netos.

— Se não nos disser, *eu* vou cortar a sua garganta bem aqui. — Dahlia apertou a mão ao redor do punho da adaga.

Aofa começou a chorar, o corpo dela tremia por inteiro.

— Kemal. Kemal está com o príncipe.

Arquejos preencheram a sala.

A mulher inclinou a cabeça para frente e os ombros tremeram com a força dos soluços.

— Eu não queria fazer isso.

Dahlia encarou a pessoa responsável por cuidar do seu filho. A mente voltou para todas as vezes em que ela embalou o menino nos braços. Ficou destruída por saber que a babá estava envolvida nesse crime.

— Você deveria ter me procurado — ela disse.

— Tenha piedade de mim, princesa. — Os olhos da mulher rogavam por perdão.

Dedos firmes envolveram o pulso de Dahlia. Ela se virou e viu Kofi de pé atrás dela. Com carinho, ele pressionou e os dedos dela se abriram. A adaga caiu tilintando no chão.

Dahlia desabou nos braços do marido, se sentindo fraca de repente. Parecia que Noel estava sumido há semanas em vez de horas.

Ela ouviu enquanto a voz calmante de Kofi dava ordens, e Oriyeh respondia. Depois de vários minutos, a

conversa acabou e o marido a acompanhou para fora do cômodo, aninhada ao seu lado.

Kofi levou o telefone ao ouvido, conversando em mbutu. Dahlia o observou da cama, reclinada nos travesseiros.

Quando desligou, ele soltou um suspiro profundo.

— Cape Ndugu fica muito longe? — ela perguntou. Tinha uma vaga ideia da localização da aldeia de pescadores, mas sabia pouco além do fato de que ela pertencia ao povo ndenga.

— Longe. — O tom solene de sua voz e dos olhos a perturbaram.

— O que você não está me contando? — a mulher perguntou. Um nó se alojou em sua garganta, quando o medo a atingiu.

— Ele tem vantagem sobre nós. Teremos que voar até lá.

— Quem vai com você?

— Abdalla, Yasir e Oriyeh. Nos encontraremos com as autoridades de Cape.

Dahlia se sentou.

— Eu vou junto.

— Não. — Ele balançou a cabeça.

— Kofi, por favor.

— Não é uma boa ideia.

— Noel deve estar apavorado. Ele precisa de mim.

— Não.

— Por que não? — Ela saltou da cama. — Eu não vou atrapalhar, eu...

— Não!

— Por que não? — Dahlia repetiu.

— Porque não posso correr o risco de perder você também!

Ela o encarou, surpresa.

— Você não... você não acha que ele vai voltar — ela sussurrou com a voz trêmula.

Kofi expirou ruidosamente.

— Não sabemos se tem alguém trabalhando com Kemal nem o que eles vão fazer se forem encurralados.

Ela foi até o marido e agarrou sua camisa.

— Kofi, por favor, me deixe ir com vocês.

Ele segurou os seus punhos.

— É perigoso demais.

— Mas você vai.

— Sou um soldado treinado. Se só eu for, a segurança terá que se preocupar apenas com a minha

segurança e a do nosso filho. Não deveríamos incluir a sua também.

— Preciso ver o Noel. Preciso segurá-lo no colo. Por favor.

— Dahlia. — Ele fechou os olhos.

— *Por favor*. Eu te imploro.

Kofi suspirou e abriu os olhos. Bem baixinho, ele disse:

— Você não vai atrapalhar e fará exatamente o que eu disser.

Dahlia assentiu com vigor.

— Sim, prometo.

Ele balançou a cabeça, como se não acreditasse no que diria a seguir.

— Vista-se. Você tem cinco minutos.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

DAHLIA NUNCA SE vestiu tão rápido na vida. Colocou uma roupa toda preta e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. Quando saiu do quarto de vestir, Kofi estava desligando o telefone.

— Oriyeh confirmou que já está no helicóptero. — Ele olhou para o relógio de ouro em seu pulso. — Chegaremos a Cape em cerca de duas horas. Supondo que Kemal partiu assim que sequestrou Noel, vamos chegar antes dele, com tempo suficiente para pegar o SUV que Oriyeh providenciou e ir até a casa dele para ficar à espera.

— Perfeito. — Mais esperança começou a se avivar em seu peito.

— Vamos.

Dahlia pegou a mão dele e os dois saíram em disparada do apartamento.

— Você tem ideia do motivo de Kemal para fazer isso? — ela perguntou. Aofa tinha mencionado vingança, mas vingança pelo quê?

— Tenho um palpite — Kofi respondeu, sério.

Obviamente, ele não queria dizer em voz alta, então ela falou por ele.

— Acho que ele não queria que você se casasse comigo. O homem me odeia, já sei disso há muito tempo.

— Você está certa, ele não queria que nos casássemos. Há três anos, quando você ligou para contar que estava grávida, ele não me comunicou de propósito, porque sabia o que eu sentia por você. Ele não te odeia. É a mim. — Ele abriu a porta e a atravessaram apressados.

— Por que ele te odiaria? — A porta se fechou assim que saíram.

— É uma história longa e complicada. — Ele a puxou atrás de si e as passadas longas a obrigaram a dar uma corridinha para acompanhá-lo.

— Se ele te odeia tanto, então por que levou o Noel? Por que não foi atrás de você?

— Pela mesma razão que você deve ter cogitado para ele ter tomado Noel de você. O homem sabia que isso me acertaria com mais força. — O maxilar dele

formou uma linha rígida. — Foi idiotice de Kemal voltar para Cape Ndugu. Ele deveria saber que lá seria o primeiro lugar em que o procuraria assim que descobríssemos que ele partiu.

Abdalla e Yasir esperavam no alto das escadas, e eles se apressaram até o primeiro andar. A essa hora da noite, os corredores estavam vazios, os passos mal faziam barulho enquanto corriam pelo piso de mármore.

Estava se dirigindo para a saída quando Kofi, na dianteira do grupo, de repente se virou e franziu a testa para Dahlia.

— Você está certa. Ele contava que Aofa abriria o bico e nos mandaria para lá. Ou, pelo menos, sabia que interrogaríamos a todos, incluindo ele. Se não o encontrássemos, sabia que o primeiro lugar em que procuraríamos seria o vilarejo. O que significa que ele não voltou para Cape Ndugu. — Kofi desviou o olhar para o teto. — Ele está no palácio.

— Mas, Vossa Alteza, se ele está aqui, como o encontraremos? O homem pode estar em qualquer lugar — Yasir pontuou.

— Não em qualquer lugar. — O príncipe arregalou os olhos. — *Você deve pagar por seus pecados.* Ele está com o rei!

Os três homens saíram em disparada, e Dahlia foi atrás. Os aposentos do rei ficavam no terceiro andar. Os homens tinham pernas mais longas e estavam em melhor forma, disparando dois degraus por vez, com Kofi na liderança.

No caminho, Abdalla falou em mbutu no dispositivo preso ao pulso. Dahlia não sabia o que estava sendo dito nem para quem, mas a voz dele passava a mensagem de urgência para a outra parte.

Do lado de fora dos aposentos do pai, Kofi levou o dedo ao leitor biométrico e a porta se abriu. Quando Dahlia enfim os alcançou, estava sem fôlego, mas seguiu adiante e os encontrou do lado de fora do quarto de Babatunde.

O príncipe bateu na porta e sacudiu a maçaneta.

— Pai, é o Kofi. Você está bem?

Ele sacudiu a maçaneta de novo.

Nem uma única palavra veio lá de dentro.

— Preciso entrar. — Ele recuou e olhou para Abdalla.

— Abra.

O homenzarrão chutou a porta com seu pé enorme. O batente lascou do lado de dentro e a porta bateu na parede interior. Abdalla deu um passo para trás e deixou Kofi ir à frente.

— Estou armado. Não entre! — A voz era de Kemal.

— Estou desarmado. — Com os braços erguidos, Kofi adentrou o quarto.

— Kofi, não — Dahlia sussurrou.

Ele seguiu adiante, com as mãos para cima, até avançar vários passos para dentro do cômodo. A mulher ficou do lado de fora, cobrindo a boca com ambas as mãos e observando a cena que se desdobrava.

— Baba!

Ao som da voz do filho, ela foi atrás de Kofi e parou, derrapando. Para seu horror, Kemal estava aos pés da cama do rei, com uma arma apontada para ele e para Noel. A criança, aninhada ao lado do avô, ergueu a cabeça e os bracinhos.

— Mamãe.

— Controle-o ou vou explodir os miolos dele — Kemal disse ao rei.

Babatunde apertou o neto com mais força.

— Mamãe. — Noel começou a chorar. Lágrimas grossas rolavam por suas bochechas.

— Kemal, por favor. Me deixe acalmá-lo — Dahlia pediu.

Kemal virou a arma para ela.

— Cala a boca. — E voltou a mirá-la para o rei. — Mexa-se e eu o matarei.

Dahlia manteve os olhos no filho que estava a poucos passos de distância, mas não podia tocá-lo.

— Está tudo bem, Noel. — Ela levou um dedo aos lábios.

— Faça-o calar a boca — Kemal falou.

Babatunde não pareceu estar nem um pouco aflito com a situação.

— Ele é uma criança e está com medo. Deixe a mãe acalmá-lo.

Kemal riu sem achar a mínima graça e, usando a ponta da arma, falou:

— Não consegue resistir, não é? Tem que estar no controle de tudo. Tem que falar fora de hora, como se estivesse no controle da situação. Coloque na sua cabeça, velho: sou eu quem está no controle agora!

Enquanto Kemal estava distraído com o rei, Kofi tirou vantagem e avançou mais alguns centímetros no quarto.

— Sim, você está no controle. Está com o nosso pai. Tem a mim. Deixe Noel e Dahlia irem.

O homem bufou.

— E por que eu faria isso? Tenho o último herdeiro Karunzika bem aqui. Eu poderia acabar com a linhagem e

alterar a linha de sucessão ao trono.

Cada músculo do corpo de Dahlia paralisou. Ele não mataria todos eles.

— Você criaria um caos em todo o reino — Kofi disse.

— Mas quando a poeira baixasse, o povo não teria escolha senão aceitar o novo rei.

— Que seria Kehinde ou o outro irmão do rei.

Kemal riu com tanta força que a arma sacudiu em sua mão.

— Vamos lá, você sabe que não é verdade. O príncipe Kehinde é inadequado e não tem interesse em reinar. Isso vale para o outro irmão de Babatunde, que está ocupado demais vagando pelo mundo, correndo atrás de mulher e de bebida. Nós dois sabemos quem tem o direito de ascender ao trono depois que o velho morrer. O único qualificado e com o temperamento certo para liderar.

Do que ele estava falando? E por que Kofi disse *nosso* pai há alguns segundos, em vez de *meu* pai? Ela arquejou quando percebeu a razão de ele ter escolhido aquele pronome específico.

Kemal deu um sorrisinho debochado.

— Ela não sabe, não é? Mas algo me diz que está começando a entender. Devo contar, Kofi, ou você fará as

honras? Quem vai dizer à bela princesa que o título do marido pertence, por direito, a outra pessoa?

— Você não tem nenhum direito à coroa. Ela não é sua — Babatunde disse.

— Eu deveria ter sido o príncipe herdeiro depois que Jafari morreu — Kemal retrucou com desgosto e o rosto retorcido em uma careta. — Eu deveria ser o próximo na sucessão, não Kofi. Diga a ela. Diga por que eu deveria ser o próximo da linhagem e não você.

Quando o príncipe não disse nada, Kemal apontou a arma e mirou no meio do peito dele. Dahlia deu um passo para trás, o temor apertando sua garganta com força.

Kofi ergueu a cabeça em um ângulo altivo e falou:

— Kemal acredita que ele deveria ser o príncipe herdeiro porque o meu pai teve um caso com a mãe dele e, como o segundo filho mais velho, ele acredita que deveria ser o próximo da linhagem. Mas a linha de sucessão passa através da Grande Esposa, minha mãe, a rainha Nahla.

— Eu não *acredito* que deveria ser o príncipe herdeiro. Se houvesse justiça, eu teria sido. Teria sido criado no palácio, não deixado em uma cidade litorânea com a minha mãe, que viveu na desonra até a sua

morte. Por quê? Porque teve o azar de se apaixonar por um homem que não tinha coração e não entendia o que era o amor. Um homem que não conseguia ser fiel à esposa, sua rainha, e que se recusou a cuidar da mulher de quem afirmava gostar. Nunca a trouxe para o palácio nem fez dela sua legítima esposa.

— Eu gostava da sua mãe. Construí a maior casa da aldeia para ela, e enviava dinheiro... — Babatunde disse.

— Você não gostava da minha mãe! — Kemal secou a saliva do canto da boca com as costas da mão. — Você não se importava comigo, nem com o fato de que não tive pai enquanto crescia. Não recebi tratamento diferenciado, embora eu tenha sangue real correndo por minhas veias. Fui considerado uma vergonha, uma inconveniência, e acabei escondido como um segredo sujo. Bem, não sou mais um segredo. Levante-se.

Dahlia cobriu a boca com a mão. O que ele ia fazer? Ela olhou para trás, mas não viu nem rastro de Abdalla nem de Yasir. Onde eles estavam?

— Sou um velho. Não me importo comigo mesmo. Deixe-os ir e lide comigo como bem entender.

— Eu disse para se levantar — Kemal falou devagar.

Noel não emitia nenhum som, a cabeça estava enterrada na axila do avô. Mas quando Babatunde pegou

o cajado ao lado da cama e se levantou com cautela, o menino pressionou o rosto em um travesseiro, colocou as mãos sobre a nuca e começou a chorar.

— Por favor, me deixe ir até ele — Dahlia rogou.

Kemal revirou os olhos.

— Tudo bem. Vá e o faça calar a boca. Ou eu mesmo farei isso.

Dahlia atravessou o quarto e subiu na cama. Ela puxou Noel para o colo, esmagando o rosto do filho em seu pescoço, e o embalou com gentileza, falando com um tom tranquilo, encorajando-o a se acalmar.

— Agora, oh, grande rei, você me dará o respeito que mereço.

— Kemal, não é por esse caminho — Kofi disse.

— Cale a boca. Você me trouxe aqui depois que Jafari e sua mãe morreram, como se eu fosse ficar feliz por servir a você.

— Eu te dei um trabalho porque somos irmãos.

Kemal fez pouco.

— Como é possível sermos irmãos se não estamos em pé de igualdade? Você me queria aqui só porque Jafari se foi.

— Não é verdade. Eu te pedi para vir porque queria formar laços com você.

— Então, por que não me trouxe e tentou formar esses laços antes de ele morrer?

— Eu não poderia magoar a minha mãe desse jeito.

— É esse o motivo verdadeiro ou é porque você é tão egoísta quanto o nosso maravilhoso pai? Tão indiferente e insensível quanto ele?

— O que você quer? — Babatunde perguntou.

— O que eu quero? Sei que não vou conseguir seu amor, então me satisfarei com o seu respeito. Quero que você se curve e demonstre a deferência que mereço.

— Curvar-me? — O rei repetiu a palavra como se nunca a tivesse ouvido antes.

A fúria tomou os olhos de Kemal, e o ar saiu de seu nariz com um sopro alto.

— Curve-se!

Babatunde ergueu a cabeça e olhou dentro dos olhos do filho.

— Um rei não se curva para ninguém que não à sua rainha.

Kemal ergueu a arma até o peito do pai e o cômodo irrompeu em caos. Uma porta do outro lado do quarto foi arrombada e caiu com tudo no chão. Oriyeh entrou rolando e se protegeu atrás de um móvel. Kemal disparou duas vezes na direção dela antes de ser

derrubado por Kofi. O golpe forçou o ar para fora de seus pulmões e fez a arma deslizar pelo chão, fora de seu alcance.

Abdalla e Yasir vieram da mesma entrada. Enquanto Yasir corria com o rei para fora do quarto, Abdalla pegou Dahlia e Noah no colo e os tirou da cama. Ele se dirigiu para a porta enquanto os guardas invadiam o quarto e cercavam Kemal, como um exército de formigas atacando um inseto desafortunado.

CAPÍTULO VINTE E SETE

O PESADELO ACABOU.

Sentada na cama, Dahlia tomava chá enquanto vigiava Noel adormecido abraçado à minhoquinha de pelúcia. Ela passou a mão pelas costas do filho e colocou a xícara sobre a mesa. Espreguiçou-se, foi até a janela e semicerrou os olhos para o brilho do sol. Mais um dia lindo lá fora, mas, ali dentro, uma tristeza silenciosa se assentou sobre o palácio. Os funcionários sorriam e continuavam educados, mas estavam vigilantes. Sentia-os observá-la, e o confronto com Kemal sugou a energia de todos os residentes.

Kofi entrou e parou no meio do cômodo usando um termo cor de ameixa e uma gravata listrada.

— Vai sair? — Ele disfarçava bem as emoções. Nem uma vez desde o incidente, ela o viu dar qualquer indício de que foi afetado pelas ações de Kemal. O pai se

comportava do mesmo jeito, como se nada fora do comum tivesse acontecido. Só mais um dia como qualquer outro no palácio.

— Vou me encontrar com Alistair Davies. — Ele lançou um olhar para Noel. — Como ele está?

— Melhor.

A noite anterior foi a primeira em que ele não acordou. Uma bela mudança em relação às duas primeiras, quando ele chorava dormindo e acordava várias vezes para voltar a dormir só depois que ela o embalava e sussurrava palavras carinhosas.

— E você? — ele perguntou.

— Já estive melhor, mas vou ficar bem.

— Você não tem comido.

Dahlia deu de ombros.

— Deveria comer. Para manter as forças.

Não vinha comendo muito porque não tinha apetite.

— Você está certo. Vou pedir para Mariama me trazer suco de laranja e torradas. — Ela mudou o peso de um pé para o outro. — Há alguma razão para você não ter me contado que Kemal era seu meio-irmão?

Ainda estava perplexa com a trama de Kemal para punir o rei e Kofi. Ele usou as informações de que dispunha e sua habilidade para circular pelo palácio sem

levantar suspeitas, para deixar o bilhete para o rei e escapular sem ser detectado até os aposentos dela e de Kofi, usando o quarto de fuga como Oriyeh sugeriu.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Acha que não te contei de propósito?

— Não sei. Foi o que você fez?

— Ele era sensível ao assunto. — Kofi deu de ombros. — Nunca me falou com todas as letras, mas eu sabia que ele não gostava de admitir que era filho ilegítimo do rei. — O príncipe enfiou as mãos no bolso da calça. — Ele era amargurado, mas eu não fazia ideia do quanto. O fato de sermos irmãos era um segredo aberto. Todo mundo sabia, mas nunca discutimos o assunto com ninguém, nem um com o outro, exceto uma ou duas vezes, se bem me lembro. Eu te contaria em algum momento, mas o assunto nunca surgiu. Quando eu o trouxe para o palácio, pensei estar fazendo a coisa certa ao estabelecer um relacionamento com ele. E o tempo todo... — Seus olhos focaram lá fora. Estava claro que o ódio que Kemal sentia por ele e pelo pai deixou Kofi sem saber o que dizer.

— O que vai acontecer com ele? — Dahlia perguntou.

O príncipe cerrou a mandíbula.

— Meu pai assinou o decreto. Ele será enforcado.
Um arrepio frio desceu pela coluna de Dahlia.

— E-enforcado?

Kofi manteve o olhar fixo nas montanhas ao longe.

— E-e a Aofa? — ela perguntou.

A tristeza tomou o rosto dele.

— A justiça será feita.

— Como?

— Ela será enforcada também.

Ela correu até onde o marido estava. Kofi não esboçava qualquer emoção, estava imóvel, e Dahlia o agarrou pelo braço.

— Não, isso não faz sentido. Kemal a forçou a participar.

— Ela envenenou nosso filho para tirá-lo da festa de aniversário e o entregou a Kemal. Foi uma participante ativa no sequestro de um dos membros da família real e na tentativa de assassinato de outro... do *rei*.

— Ele ameaçou seus netos, Kofi. A mulher não teria se envolvido nisso de outra forma. Concordo que ela deve ser punida, mas a força? Mesmo Kemal, o que ele fez foi errado, mas estamos todos vivos.

— Ele ameaçou aniquilar toda a nossa linhagem e lançar o país no caos.

— Então o tranque e jogue a chave fora, mas não pode matá-lo. O conselho sabe? Eles aprovaram o decreto do rei? — Ela mesma falaria com eles, se fosse necessário, para convencê-los a anular a decisão do monarca.

— Não precisamos da permissão do Altíssimo Conselho. A Zamibia é uma monarquia absoluta, o que significa que o rei tem poder irrestrito, e qualquer coisa que ele diga é a lei. A família real escolhe incluir o conselho nas decisões, para dar voz ao povo.

Dahlia piscou.

— Eles não têm poder?

— São conselheiros. Nada mais. Seu poder é limitado aos deveres que o rei lhes dá.

— Tudo bem, certo. Ainda assim, ele é seu irmão. Ele é filho de Babatunde.

— Um irmão e um filho que não quis fazer parte da vida que foi oferecida a ele e que ameaçou nos matar. Entende a gravidade disso? Se não cumprirmos a lei, o que você acha que vai acontecer? Outra pessoa vai tentar. Nosso filho não estará seguro em seu próprio lar, nem em lugar nenhum. Nenhum de nós estará.

— Isso... isso é bárbaro — Dahlia sussurrou.

A boca de Kofi se contorceu em um sorriso sarcástico.

— Você apontou uma adaga para Aofa.

As bochechas dela coraram.

— Cometi um erro no calor do momento.

— Você não cometeu um erro. Somos todos um pouco bárbaros.

Odiava não conseguir fazê-lo mudar de ideia.

— Queria que houvesse outra forma. — Sua garganta se apertou de emoção.

— A lei deve ser obedecida.

— Babatunde te dará ouvidos. Você tem poder para conseguir clemência para Kemal e Aofa.

— Sim, tenho. Mas eles fizeram isso. Não eu, nem meu pai.

— Não vou conseguir te fazer mudar de ideia, vou?

— Não, não vai.

Eles ficaram em silêncio.

Dahlia abraçou a si mesma, de repente sentindo-se fria e distante dele. Nunca concordariam quanto a esse assunto, e a tristeza a preencheu quando se lembrou dos olhos marejados de Aofa implorando por misericórdia. Ainda assim, não havia nada que pudesse fazer.

— Quanto tempo você vai ficar fora?

— Não pretendo demorar. Por quê?

Ela cruzou as mãos diante de si e falou:

— Precisamos conversar, sobre nós e... outras coisas. — Devia a ele um pedido de desculpa pela acusação que atirou quando entrou em pânico por causa de Noel.

Por um breve segundo, a expressão dele ficou constricta, e então o príncipe olhou para baixo para brincar com suas abotoaduras.

— Concordo. Temos muito a conversar. — O peito dele subiu e desceu quando inspirou e expirou profundamente. — Aconteceu muita coisa nos últimos dias com a prisão de Aofa e de Kemal. Desde então, confirmamos que não havia mais ninguém envolvido. Esse tempo todo, estive pensando em você, em mim e no Noel. — O olhar dele se desviou para o filho adormecido na cama e se fixou lá por um tempo. — Decidi enviar vocês dois de volta para os Estados Unidos.

A mão de Dahlia tocou a garganta.

— O quê? Por quê?

Olhos inexpressivos a fitaram.

— Não posso arriscar outro incidente como o que aconteceu no fim de semana.

— A menos que você tenha outro meio-irmão disposto a sequestrar Noel e assassinar seu pai, acho que estaremos em segurança. — Dahlia soltou uma risada trêmula. — Kofi, qual é a razão disso?

— Você estava certa. Eu disse que poderia proteger vocês, e não consegui.

— Sei o que eu disse, e é por isso mesmo que quero conversar com você. Eu estava errada. Estava emotiva quando o Noel sumiu e as coisas que eu falei... elas, elas foram obra do pânico. Você não é nenhum Super-Homem. Não espero que tenha superpoderes e que nos proteja o tempo todo. Temos guardas e outros meios para ficarmos seguros. Kofi... — Sua garganta ficou seca, e ela engoliu com dificuldade. — Eu não quero ir embora.

— A decisão não é sua. *Eu* já me decidi. — Ele olhou para o relógio.

— Pare de olhar para essa droga de relógio — Dahlia sussurrou, feroz.

O olhar dele cintilou na sua direção.

— Não foi uma decisão leviana.

— Foi sim, já que preferiu não me incluir. Não posso dar minha opinião? O que devo dizer a Noel? Ele ama você. *Eu* amo você. Você disse que me amava e agora está me mandando embora?

— É por eu te amar que estou te mandando embora.
— Kofi a segurou pelos braços. — Ninguém nos Estados Unidos sabe quem você é. Você poderia voltar a levar uma vida normal, sem a atenção da imprensa e sem temer ameaças.

— Você não me quer aqui.

— Eu *quero*, mas... perdi muitas pessoas com quem eu me importava. Entenda que estou te mandando de volta porque é para o seu bem e o de Noel. No seu país, ninguém vai tentar fazer mal a vocês.

— Não tem como ter certeza disso. Você não sabe se estaremos em segurança em outro país. Quero ficar sob sua proteção.

Ele recuou, com o rosto resignado.

— Não será possível. Podemos discutir os detalhes depois que eu voltar.

— Você não pode fazer isso!

— Dahlia — ele falou entre dentes cerrados, igual um pai faria com o filho. — Discutir é perda de tempo. Não vou mudar de ideia. Conversaremos quando eu voltar.

Ele deu meia volta e saiu pela porta.

Kofi saiu da limusine e abotoou o paletó ao ir em direção ao prédio que a Titanium Oil alugou como escritório temporário, montado para fazer lobby com o governo. Abdalla e Yasir entraram com ele, com dois membros da segurança fechando a retaguarda.

O delegado da polícia de Jouba e dois policiais se aproximaram quando o príncipe se aproximou da porta.

— Vossa Alteza, fico feliz por ter se juntado a nós.

— Não perderia isso por nada no mundo — Kofi disse.

De início, supôs que a sabotagem da mina estava conectada à ameaça à família real. Mas uma reviravolta deixou claro que eram dois problemas distintos.

Certa noite, um mineiro bêbado confessou para a namorada seu papel na sabotagem. Ele foi pago para colocar a bomba no poço da mina. A namorada o entregou e, em troca da redução da pena, ele marcou uma reunião com Alistair e usou um grampo. Eles conseguiram uma gravação do britânico confessando seu papel na tragédia. Kofi ouviu a gravação em que os dois homens discutiam que ninguém deveria ter se machucado.

Não que importasse. Famílias foram afetadas, pessoas foram feridas e os mortos não poderiam falar por si mesmos, mas Kofi pretendia dar voz a eles.

O delegado abriu caminho até o escritório, e a recepcionista os cumprimentou com um sorriso amigável.

— Bom dia. Posso ajudar...

Passaram batido por ela.

— Com licença. Com licença, o que estão fazendo?

O delegado empurrou a porta do escritório de Alistair e entrou sem bater. O homem estava ao telefone e, quando os viu entrar, ficou boquiaberto.

— O que está acontecendo?

Um dos policiais tomou o aparelho da mão dele e o desligou.

— Importa-se de dizer o que está se passando? — Alistair ficou de pé e direcionou um olhar raivoso para Kofi. — Preciso ligar para a embaixatriz Stephens para que ela resolva qualquer que seja o problema que o senhor tem comigo? Não pode entrar aqui e invadir meu escritório sem me dar explicações.

— Vou adorar que você ligue para a embaixatriz Stephens e explique qual foi o seu papel na morte de cinco pessoas inocentes e nos ferimentos de dezenas de

funcionários que trabalhavam na mina de ouro. Certifique-se de explicar por que pensou que a sabotagem seria o melhor meio para nos convencer a fazer negócios com sua empresa.

— Não faço ideia do que o senhor está falando — Alistair afirmou, embora tenha ficado mais pálido. — Não tenho interesse em mineração. Nós extraímos petróleo.

Kofi caminhou devagar em direção a ele e parou.

— Retirem a mesa.

Abdalla, Yasir e os outros dois guarda-costas pegaram cada um em um canto da mesa e a apoiaram contra a parede.

Os olhos de Alistair se arregalaram e ele deu dois passos para trás.

Kofi se aproximou até estarem a meio metro um do outro.

— Sou o protetor do meu povo. Você vem aqui e perturba a nossa paz por causa da sua ganância. Agora, deve enfrentar a sua punição.

— Eu não fiz nada! Não sei do que o senhor está falando. — Os olhos de Alistair demonstraram descontrole e apreensão.

— Reproduza a gravação — o príncipe ordenou, mantendo o olhar no homem.

O delegado pressionou o botão do gravador e a voz de Alistair preencheu a sala.

Você exagerou na quantidade. Era para parecer um acidente, e não era para ninguém ficar ferido. Não posso nem imaginar o que aconteceria se alguém descobrisse que temos algo a ver com o desabamento daquela porcaria de mina.

Alistair ficou tão pálido quanto uma folha de papel.

— Só pode ser um truque. Por eu não ser daqui, vocês estão me culpando pela morte dessas pessoas.

Kofi deu um passo para o lado e o policial avançou. Ele virou Alistair para a parede e o algemou.

— Sr. Alistair Davies, o senhor está sendo preso por sabotar a mina de ouro djimah e pelas mortes de Samuel Musa, Yaya Appiah, David...

— Não! — Alistair gritou conforme o policial listava o nome das vítimas. — Não tínhamos a intenção de machucar ninguém. Por favor, eu sinto muito. — Ele começou a soluçar. — Só queria chamar a atenção, fazer vocês pensarem por que precisavam de nós.

Kofi encarou com frieza o rosto avermelhado e desprezível do homem.

— Agora, pode passar o resto da vida pensando na razão para não precisarmos.

— Não!

E, em seguida, o policial o arrastou até a porta.

CAPÍTULO VINTE E OITO

DAHLIA ENTROU NO cômodo em que Kofi estava sentado com a cabeça apoiada no encosto do sofá. Ele não foi procurá-la depois que chegou da reunião. Já era noite e o marido ainda não havia aparecido, então foi até ele.

— Kofi?

Ele ergueu a cabeça e a desolação em seus olhos tocou um lugar no peito dela. O homem estava magoado. Aconteceram muitas coisas em tão pouco tempo. Com Kemal, ele não perdeu apenas um assistente. Não perdeu apenas um amigo. Perdeu outro irmão, e pensava que teria de desistir dela e de Noel também.

— Vi no noticiário que Alistair Davies foi preso hoje. Que boa notícia.

— Temos uma gravação, mas ele ainda nega seu papel na sabotagem da mina. — O príncipe ergueu o

copo meio cheio de bissap e engoliu um bocado.

Dahlia se sentou ao lado dele.

— Quer falar do Kemal?

— Não há nada mais a falar. A ameaça foi contida.

Dahlia olhou para Kofi. Olhou de verdade para ele e pensou em tudo que o viu fazer desde que chegaram ao país. Antes disso, ela tinha as próprias ideias e, verdade fosse dita, visões erradas sobre o que significava ser da realeza, pensando que, em geral, Kofi levava uma vida fácil, cheia de privilégios. Embora possuísse uma riqueza que a maioria das pessoas jamais veria, mesmo se vivessem várias vidas, ele trocou a privacidade por privilégio. O homem vivia sob uma lente, sabendo que cada decisão não afetava somente a ele, mas também a cada pessoa do país.

Como príncipe herdeiro, as expectativas sobre ele eram muitas e variadas. Não só era esperado que fosse um líder ético e moral, que era justo e bondoso, mas, ao mesmo tempo, que fizesse cumprir a justiça para as pessoas que infringiam a lei e a buscar soluções para o bem maior. Era um equilíbrio difícil, e embora ele fosse imensamente popular, cada decisão e ação eram dissecadas e apresentadas para a avaliação do público.

— Converse comigo. Não sou um dos nossos cidadãos. Não sou da imprensa.

Ele colocou a bebida na mesa e passou a mão pelo rosto. Os minutos se arrastaram em silêncio, e ela pensou que estava perdendo tempo.

Com o olhar fixo no copo, Kofi, por fim, falou:

— Eu não podia trazê-lo para o palácio enquanto minha mãe estava viva. Teria sido desrespeitoso e doloroso demais para ela. Eu o trouxe como uma oferta de paz, para consertar os anos de negligência que ele viveu e para formarmos um laço. Meu pai não ficou feliz, mas permitiu. Talvez porque eu já tivesse perdido um irmão, e ele, um filho.

— Entendi.

— Azireh estava grávida quando morreu.

— Ah, meu Deus, Kofi...

— O filho não era meu. Nunca consumamos o casamento.

— Sua lua de mel...?

— Não. Ela estava distante e agindo de forma estranha. Para ser sincero, eu a deixei em paz porque não queria ir para a cama com ela. A mulher foi escolhida para mim. Não era quem eu queria como esposa. Quem eu queria vivia em Nova York. — Os olhos deles se

encontraram, e a dor da nostalgia remoeu em seu peito. — Dois meses depois, ela estava morta. Suicídio. O bilhete que deixou continha apenas duas palavras: *sinto muito*. Sem explicações. — Ele respirou fundo. — Depois que a autópsia descobriu a gravidez, todos pensaram que a criança era minha. Lamentaram por eu ter perdido a esposa e meu filho... um filho que não era meu.

— Ela estava apaixonada por outra pessoa.

Ele assentiu.

— Ela nunca quis se casar comigo, mas fez o que o pai mandou. Cumpriu seu dever. Acredito que estava infeliz porque não poderia ficar com o homem que amava, e por fim, se matou para se livrar do casamento.

— Sabe quem era o pai da criança?

Kofi assentiu.

— Ela falou uma vez. É um ndenga, como ela era. O homem se mudou para a Nigéria pouco depois de ela morrer.

— Você nunca disse nada.

— Não queria desonrar o nome dela.

Dahlia mordiscou o lábio inferior. Kofi estava começando a se abrir e a ser sincero, e ela precisava fazer o mesmo.

— Minha mãe costumava dizer que eu era uma sonhadora. Um jeito educado de falar que eu nunca encarava os fatos. Eu queria que tudo fosse perfeito, e inventava minha própria realidade para não ter que encarar a verdade. — Ela engoliu em seco. — Meu pai era viciado em drogas.

Nunca disse as palavras em voz alta. Nunca admitiu a verdade para ninguém, nem mesmo para Angela. Kofi a observou em silêncio, e Dahlia fez careta ao sorrir, envergonhada ao revelar a verdade e a extensão de suas mentiras. Inventou uma história tão palatável que às vezes ela mesma acreditava.

— Ele não dormiu ao volante e causou o acidente que matou a minha mãe e me deixou em coma. Estava drogado no meio do dia. Eles viajavam pelo país trabalhando em tudo o que se possa imaginar, porque meu pai não conseguia manter o emprego, e ele estava sempre fugindo das pessoas a quem devia. Minha mãe não podia nem iria, deixá-lo. Ela começou a tirar fotos para que, quando a coisa ficasse ruim, pudéssemos olhar as fotos e lembrar de tempos mais felizes. — Graças à mãe, Dahlia começou a amar a fotografia também, e eles falaram de fazer uma mostra das fotos dela da Zâmbia

para que os turistas pudessem vê-las quando visitassem o palácio.

As lágrimas ardiam em seus olhos e ela passou a língua na parte interna do lábio superior.

— Quando ele estava sóbrio, era um pai incrível. Mas quando estava drogado, eu não o reconhecia, e odiava aquele olhar vidrado. Certa noite, ouvi meus pais discutindo. *Discutindo-aos-sussurros*, como eu chamava. Eles pensavam que eu estava dormindo. Minha mãe implorou para ele buscar ajuda. Ela *implorou*. “Não dou conta,” ele falou. “Por que você não confia em mim? Por que não acredita em mim? Você está me estressando e piorando as coisas.” No dia do acidente, ela pediu para que ele a deixasse dirigir. Ele não deixou. Ela entrou no carro e me fez entrar também. — A dor reverberou por sua voz.

Kofi segurou a sua mão.

— Ele não me protegeu. Ela também não. — Dentro dela, amor e ódio pelo pai lutavam pelo controle. Tinha empatia por causa do vício, mas também raiva por ele amar mais as drogas que elas.

Kofi apertou a sua mão.

— Não me mande embora. — A voz tremeu. — Não quero morar em outro lugar. Essa é a minha casa. Essas

peessoas me aceitaram como se eu fosse uma delas.

Kofi a soltou e foi até a janela.

— É o melhor. Para vocês dois ficarem em segurança.

— Nós *estamos*. Quem mais se atreveria a tentar nos fazer mal de novo? A ameaça veio de dentro, não de fora. O que aconteceu com Kemal foi incomum, e a segurança já criou novos protocolos para nos manter a salvo.

— Não é bom o bastante para mim — ele disse, ríspido. — Se não quer morar nos Estados Unidos, temos um apartamento em Mônaco e uma casa em Londres. Não que esteja limitada a esses lugares. Posso comprar uma casa no país que você desejar. — O príncipe parou com o peito arfando, como se estivesse com falta de ar. Como se falar as palavras exigisse um esforço tremendo e ele precisasse de forças para arrancá-las de algum lugar bem no fundo de si. Kofi curvou a cabeça. — Fora da Zamibia, muito poucas pessoas conhecem a família real. Você poderá levar uma vida normal. É o que quero para você. Para ele.

Dahlia saltou do sofá.

— E quanto ao meu trabalho aqui? As pessoas dependem de mim.

— O trabalho será feito.

— Por quem? Sua nova esposa?

— Acha que quero me casar de novo?

— Não quer? Você tem essa opção. O que acontecerá quando eu for embora? — As mãos dela começaram a tremer. — Quanto tempo deverei ficar fora? E nesse ínterim, o que você fará? Com quem vai passar seu tempo?

— Não tomei a decisão de tirá-la daqui para que eu pudesse arranjar outra esposa. Fiz isso porque preciso manter você e Noel em segurança.

— Você está ouvindo o que está dizendo? Você tomou a decisão. Nós somos um time. Estamos neste casamento juntos, e temos muito a fazer. O estádio precisa ser finalizado, ainda não inauguramos a creche e expandir o tratamento para dependência química é prioridade para mim. Quero fazer tudo isso. — Ela inspirou, trêmula. — Você não pode se livrar de mim com tanta facilidade. Você foi atrás de mim. Me trouxe porque me queria aqui, e eu pensei bastante desde hoje de manhã. Você não precisava convencer o conselho a aceitar que Noel fosse o próximo da linha de sucessão. Você me deixou pensar que era o caso, mas só precisava da aprovação do seu pai, e ele a deu. Passamos por tudo

isso para, meses depois, você falar que devo ir embora? Não, não passamos. E, não, eu não vou.

— Não? — Ele a encarou como se tivesse brotado um par de braços extras nela. — Eu sou o príncipe da Zamibia, e digo que você vai.

— E *eu* sou a princesa da Zamibia, a Grande Esposa do príncipe Kofi Francois Karunzika da Zamibia. E *eu* vou ficar ao lado do meu príncipe. Porque nós somos um. Porque quero que meu filho conheça seu legado, aprenda sobre seus ancestrais e reivindique seu direito de primogenitura. Eu não vou embora, Kofi. *Aqui é o meu lar.*

Ela encarou as feições enrijecidas dele. O marido ainda poderia mandá-la embora, e não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Ela esperou com o estômago revirado.

— Esse país não é perfeito, Dahlia.

— Nenhum é. — Ela piscou para conter as lágrimas. Kofi segurou o rosto dela com ambas as mãos.

— Você é infeliz aqui.

— Não sou. No início, queria ir embora, mas não quero mais. Eu te falei, não me arrependo de ter vindo.

Ele avaliou o seu rosto e franziu a testa.

— Tem certeza? Não quero ser o responsável por sua luz se apagar.

— Você não tem essa capacidade. Você me faz brilhar mais forte.

Ele a puxou para os seus braços, e ela enterrou o rosto em seu pescoço, aliviada. Não suportaria ficar longe dele. Não suportaria partir do lugar que começou a amar.

— Você é muito geniosa. — Kofi a olhou dentro dos olhos. — *Moni fey-eh*.

Um sorriso se espalhou pelos lábios dele, e ela não precisava de tradução. *Amo você*. Ela sabia, porque aquelas foram umas das primeiras palavras que aprendeu com seu professor de mbutu.

— *Moni fey-eh* — Dahlia sussurrou de volta, então ficou na ponta dos pés e deu um beijo no homem que amava.

EPÍLOGO

ESPREMIDA ENTRE A chefe da equipe e a secretária de assuntos sociais, Dahlia avançou rapidamente do seu escritório até o de Kofi.

Balançou a cabeça, dispensando a sugestão de uma delas.

— Sei que meu dia está cheio na segunda, mas não quero cancelar a ida ao hospital infantil. Mude a visita à clínica de reabilitação da tarde para a manhã, depois do meu café com a Associação de Mulheres Empreendedoras. Posso passar algumas horas lá, comer alguma coisa e ir ao hospital à tarde. Vai me dar bastante tempo para participar da cerimônia de inauguração com a esposa do chefe e voltar ao palácio a tempo de mudar de roupa e jantar com a delegação do Quênia.

A secretária anotou as mudanças tão rápido quanto Dahlia as ditou.

— Sim, vai dar certo. Vou digitar o novo itinerário e ele estará na sua mesa daqui a uma hora. Informações

básicas e detalhes culturais da delegação serão finalizados amanhã até o meio-dia. — Ela deu meia volta e seguiu pelo caminho por onde veio.

Dahlia parou do lado de fora da sala de Kofi e pegou uma pasta de currículos com a chefe de equipe. Precisava contratar um professor de idiomas para Noel. O mbutu dele estava indo bem, mas ela e Kofi concordaram que queriam estimular a habilidade linguística do menino, fazendo-o trabalhar com um professor particular por uma hora, três vezes por semana. Precisavam de alguém com prática com crianças e que tivesse habilidade de usar brincadeiras para criar uma experiência de aprendizado. Não havia muitas pessoas com essas habilidades, mas acharam seis até agora.

Dahlia passou os olhos pelos currículos e pegou dois.

— Convide essas candidatas para uma entrevista. Dê uma olhada na minha agenda. Na semana que vem, devo ter algumas tardes disponíveis para encaixá-las.

— Sim, Vossa Alteza. — Daisy saiu.

Dahlia entrou no escritório de Kofi e cumprimentou a secretária dele.

— Ele está ocupado?

— Não. A senhora pode entrar.

Ela foi direto para a porta, bateu de leve e entrou. O sorriso e o olhar caloroso do marido a cumprimentaram.

— Você está linda — ele disse ao se levantar.

— É? — Dahlia fez uma pose com a mão no quadril.

Com mais frequência atualmente, ela vestia uma combinação de roupas tradicionais africanas com estilo ocidental ou usava trajes totalmente africanos. Além de serem confortáveis, as roupas também eram coloridas, e ela gostava de explorar combinações que funcionassem bem juntas. Hoje, um turbante verde e amarelo-escuro cobria seu cabelo por inteiro. Ela combinou o adereço com um vestido azul-escuro, que parecia preto à distância, e um colar grosso de prata com um diamante negro no centro.

— Você também não está nada mal. — Dahlia puxou as mangas compridas da blusa branca dele. Escolheu a peça para ele, porque gostou dos detalhes dourados da frente.

— Como está se sentindo? — Kofi cobriu a barriga dela com a mão.

— Nada de enjoo matinal hoje. — Ela mal tinha uma barriguinha, mas por terem acabado de completar doze semanas, sentiam-se mais seguros de anunciar ao

público que teriam outro filho. — Posso ver o comunicado?

Kofi pegou a folha na mesa e entregou a ela.

ANÚNCIO DO GABINETE DE SUA ALTEZA REAL KOFI
FRANCOIS KARUNZIKA

Suas Altezas Reais, o príncipe herdeiro Kofi Francois Karunzika, e a Grande Esposa, princesa Dahlia Karunzika, têm o prazer de anunciar que estão esperando seu segundo filho. Sua Majestade, o rei Babatunde, e toda a família real estão em êxtase com a notícia e aguardam ansiosamente a nova adição à família.

— Curto e direto ao ponto. Perfeito — ela falou.

— Que bom. Podemos mandar para a imprensa ainda hoje.

— Preparado?

— Não muito.

Kofi a pegou pela mão, entrelaçou os dedos dos dois e a puxou para um beijo. Ele não teve pressa, e moveu a boca com calma sobre a sua. Dahlia desfrutou do interlúdio, provando-o, e deslizou a língua entre os lábios do marido. O príncipe estendeu a mão e apertou o

traseiro dela, antes de dar uma mordidinha no lábio inferior e se afastar.

— Agora estou — ele disse.

Com uma risadinha, Dahlia saiu do escritório apoiada no braço dele.

Uma vez por mês, surpreendiam os visitantes do palácio ao cumprimentá-los quando as portas se abriam às dez, parte da nova política que Dahlia sugeriu para fazer a família real parecer mais acessível. A segurança já estava à porta e, na hora marcada, permitiu que os turistas entrassem.

Com um sorriso no rosto, ela e Kofi cumprimentaram cada pessoa, olhando-as nos olhos e lhes apertando a mão.

— Ah, minha nossa, é a princesa Dahlia — uma garotinha falou, com os olhos arregalados. Pelo sotaque, a mulher soube que ela era dos Estados Unidos.

Embora surpresa por a menina saber quem ela era assim que a viu, ficou animada por encontrar alguém do seu país.

— *Bawoh* — Dahlia disse, e segurou a mão da garotinha. — Eu sou a princesa Dahlia Karunzika. *Eyeh-kabo*. Bem-vinda ao Grande Palácio da Zâmbia.

Fim.

LEIA TAMBÉM:

Autora Bestseller do The New York Times

SAMANTHA CHASE

ELE DISSE

Sim

Série Me encontre no altar - Livro 2

Bookmarks

SINOPSE:

Para Leanna, ser a confeitadeira da *Me encontre no altar*, é um sonho que se tornou realidade. Não há nada que ela ame mais do que criar sobremesas perfeitas que ajudem os casais a comemorarem seus grandes dias. Mas apesar do que dizem sobre o caminho para o coração de um homem ser através do estômago, ela ainda não conseguiu atrair o Sr. Perfeito com seus doces.

Brody King foi convencido a tirar uma folga, mas ele preferia que fosse para treinar para o triatlo e não para ir à festa de noivado de seu irmão. Se fosse uma festa normal, não haveria problema. Mas não, seu irmão e a noiva exageraram e planejaram uma semana inteira de reunião familiar e brincadeiras ridículas. Ele não ia aguentar passar por isso.

Quando Brody colide com Leanna e uma centena de cupcakes são destruídos, ele faz a única coisa que pode: se oferece para ajudá-la a refazê-los. Basta algumas xícaras de açúcar e gotas de baunilha para que ele

deseje não apenas seus doces, mas também a própria confeitadora.

CAPÍTULO UM

Açúcar, tempero e tudo o que há de bom.

MAL HAVIA PASSADO das oito e cinco da manhã, e Leanna Baker já estava uma pilha de nervos.

Que jeito de começar a semana...

Mesmo que ela cantasse a música *Firework*, de Katy Perry, uma de suas cantoras favoritas, nem o refrão animado ajudava naquela manhã. Enquanto estacionava perto do escritório da *Me encontre no altar*, a única coisa que a mantinha sã era o fato de que Skye, uma de suas sócias e melhor amiga, estava de volta da lua de mel e todos os detalhes seriam discutidos durante o café da manhã, que Leanna vinha negligenciando.

Ela saiu do carro e a tensão quase foi embora quando viu Josie, a outra sócia e melhor amiga, caminhando em sua direção para ajudar.

— Bom dia — Lea disse, um pouco ofegante assim que começou a entregar várias coisas a Josie. — Desculpe, estou atrasada.

— Atrasada? São só oito da manhã.

— Oito e nove para ser mais exata.

Josie grunhiu, pegou a bandeja com cafés das mãos de Lea e depois o saco de pãezinhos.

— Pare de ser tão certinha com besteiras. A Skye ainda não chegou e não temos clientes esperando, então relaxe.

Para você é fácil falar, Lea pensou. A amiga não passou a semana anterior inteira sendo perturbada pela prima Charlene, a noiva ensandecida.

As duas entraram no escritório e colocaram o café da manhã na mesa de reuniões, como era o costume toda segunda-feira.

— Você teve notícias da Skye desde que eles voltaram?

— Só recebi uma mensagem dela me agradecendo por ter regado as plantas e recebido o eletricista na semana passada. Até onde sei, ela deve estar chegando.

— Ótimo, ótimo. Muito bom — ela murmurou enquanto andava para lá e para cá pegando guardanapos e facas para os pães. Era a refeição típica da reunião semanal, então era provável que Lea conseguisse arrumar a mesa de olhos fechados, mas sentia certa paz naquela tarefa tão cotidiana.

— O que está acontecendo com você? — Josie perguntou.

— Como assim?

— Você está toda apressada e agitada. O que aconteceu?

Talvez ela se sentisse melhor se falasse logo sobre o assunto. Principalmente antes que Skylar chegasse e a conversa se voltasse para a lua de mel espetacular e para o quanto a amiga estava delirantemente feliz.

Leanna puxou uma cadeira e se jogou nela.

— Minha prima é um pesadelo — ela desabafou. — É a pior noiva com que já tive que lidar! Nunca pensei que toda a extravagância do noivado seria ruim, mas a coisa está crescendo, tomando vida própria e é tarde demais para eu desistir! — Escorregando pelo assento, Leanna soltou um suspiro demorado. — Ah, meu Deus. É tão bom falar isso em voz alta!

Josie deu um sorriso empático e se sentou na cadeira oposta.

— Certo, se você não tem nada positivo para pontuar, há algum problema. O que posso fazer? Sério, basta dizer, e eu te ajudo.

— Obrigada, mas acho que já resolvi tudo. Só preciso ter certeza de preparar muitos extras para

garantir.

— Por quê?

Ela se endireitou e explicou:

— É um evento de quatro dias, de quinta a domingo. Na quinta-feira à tarde, as pessoas vão começar a chegar na propriedade da família do noivo, em Chapel Hill. Vão oferecer um jantar mais casual, um churrasco feito por um churrasqueiro famoso. Vou fazer cupcakes para a sobremesa. Cem deles.

— Deus do céu! Mas não é apenas a festa de noivado?

Ela assentiu.

— Sim. Cinquenta pessoas confirmadas na quinta, cinquenta na sexta, e mais cem no sábado e domingo.

— Parece um tanto exagerado para um noivado. Mal consigo imaginar como vai ser o casamento.

— Imagino que será um espetáculo. Sorte a minha! Fiquei encarregada somente de fazer o bolo... mas vai ser diferente de tudo que já fiz antes. Eles estão esperando receber quinhentos convidados. Consegue imaginar? É um bolo de seis andares, com duas torres gigantescas de cupcakes de cada lado. Só de pensar me dá dor de cabeça.

Josie assentiu.

— Certo, mas voltando ao assunto do fim de semana. Você vai fazer cupcakes para a noite de terça. E nos outros dias?

— Sexta à noite vai ser mais do mesmo: cupcakes infinitos e bolo. Todos com o tema *Tiffany & Co.*

— *Tiffany & Co.*? A joalheria?

— Isso. Finalmente acertei a cor do fondant, depois de várias tentativas no fim de semana. Eu juro, Josie, comi bolo demais tentando acertar o modelo. Sofri para me vestir hoje.

— Caramba. Você deveria ter me ligado, porque eu ia amar comer bolo em vez de um jantar vegano sem graça a que fui obrigada a ir.

— Desde quando você é vegana? Já falamos sobre isso ou eu me esqueci?

Josie balançou a cabeça.

— Não sou. Fui a um encontro às cegas no sábado à noite, e o cara era vegano.

— Ah, hã... como foi?

— Passei em um drive-thru do *Burger King* à meia-noite e devorei um *Whopper* no estacionamento. Bem... foi isso.

— Uau. Sinto muito.

— Está tudo bem. Mesmo sem o veganismo, não éramos tão compatíveis. — Ela suspirou. — Mas vamos voltar a você. O que vem depois do bolo e dos cupcakes?

— No sábado à noite, vamos fazer um bufê de sobremesas e, felizmente, consegui terceirizar boa parte do serviço. Contratei uma pessoa para fazer os cookies, outra para os sundaes, e ainda teremos uma mesa com fondue de chocolate, além dos cupcakes.

— Estou com medo de perguntar sobre o domingo.

— Preciso fazer duzentas caixinhas com guloseimas — ela respondeu, exausta. — Cada uma será composta por um cupcake, um cookie, doces sortidos e um saquinho de amêndoas confeitadas. — Suspirou. — Reuni uma equipe para começarmos a preparar e montar o máximo possível já na quarta.

— Por Deus, Lea! Tem algum lugar para você trabalhar na propriedade deles?

Ela assentiu.

— Eles vão me oferecer um trailer e também uma tenda, especialmente para ajeitarmos e montarmos tudo. Além disso, vou ficar em um quarto de uma das casas da propriedade para não precisar ir e voltar.

— Mas é um trajeto de apenas quarenta minutos.

— Eu sei, mas assim consigo dormir um pouco. Vai ser exaustivo, porém arrumei uma equipe de seis pessoas para ajudar, então vai dar tudo certo. É bastante trabalho, só isso.

— Ce-certo... então toneladas de doces, mas isso não é novidade para você e não é o bastante para te deixar tão estressada assim. — Em vez de responder, Leanna grunhiu e escorregou um pouco na cadeira. — Isso não é um bom sinal.

Ela deixou escapar um longo suspiro e endireitou a postura.

— A Charlene me convidou para um brunch ontem para que eu me familiarizasse com a paisagem da propriedade, conhecesse o lugar e verificasse tudo. Basicamente, ela queria ter certeza de que eu teria tudo de que preciso para o fim de semana.

— Muito legal da parte dela. Nenhuma surpresa, certo?

— Tudo me pareceu ótimo.

— Mas...?

— Estávamos no meio do jantar em uma sala gigantesca, onde havia uma mesa tão grande que cinquenta pessoas se acomodariam com facilidade e...

— O que ela serviu?

— Hã... o quê?

— No brunch. — Josie respondeu. — O que ela serviu?

— Ah, hã... lagosta com ovos beneditinos, frutas frescas e croissant de chocolate. Tudo muito gostoso.

— Muito bom. Certo, continue.

— Estávamos comendo, e ela falando sem parar sobre como a vida dela era maravilhosa, quando pessoas começaram a gritar em algum lugar da casa. Estavam discutindo bem sério.

Josie arregalou os olhos e sorriu.

— Quem era?

— Pelo visto, o noivo tem dois irmãos mais velhos. Um deles é casado e, nas palavras de Charlene, o cara mais legal do mundo. Já o outro irmão...

— Era quem estava brigando, não é? — ela perguntou, animada.

Leanna assentiu e não conseguiu segurar o riso.

— Sim. Parece que coisa foi tão séria que ele não é mais um dos padrinhos.

— Caramba.

Assentindo de novo, ela continuou:

— Bem, ele foi informado no domingo de manhã que não seria mais padrinho, mas o pai deles se intrometeu

na conversa e mencionou que ainda esperavam que ele fosse à cerimônia e a todas as festividades pré-casamento. Para coroar a situação, ele precisa se comportar muito bem ou será demitido dos negócios da família.

— Não!

— Sim! — Lea disse, sentindo o coração um pouco acelerado, assim como no brunch. — Perguntei para a Charlene o que estava acontecendo, porque... você sabe, era possível ouvir tudo. Ela me disse que queria ficar sozinha com ele por cinco minutos para que ficasse bem claro que ela mesma se comprometeria a expulsá-lo da propriedade se ele fizesse qualquer coisa para estragar o casamento. — Ela balançou a cabeça e suspirou. — Naquele momento, me senti mal pelo rapaz.

— Porque você não gosta de pensar mal dos outros, mas, acredite, às vezes, as pessoas são ruins. Pelo jeito, esse moço é. Se a família inteira está pronta para dispensá-lo assim, a situação é séria.

— Sim, mas talvez ele tenha suas razões. Talvez, se alguém apenas...

Josie ergueu a mão para interrompê-la.

— Não. Apenas... não.

— Só estou dizendo que, às vezes, as pessoas são mal interpretadas.

— Não, Lea! O fim de semana já vai ser caótico o suficiente sem que você se envolva nos dramas de uma família problemática. Vá e faça os cupcakes, as caixinhas de guloseimas e todo o resto, mas passe longe desse irmão.

— Não é como se eu fosse procurá-lo ou algo do tipo. E, além disso, nem sei como ele é. Houve bastante gritaria, mas ninguém passou perto da sala de jantar. — Ela balançou a cabeça e deu uma risada suave. — Sério, a casa é tão grande que eu poderia ter andado por lá durante horas sem descobrir de onde vinha a briga.

— Parece que eles vão precisar do lugar para a festa pelo fim de semana inteiro. Onde vai ser o casamento?

— No hotel. É uma marca registrada deles, o primeiro que construíram, e fica na saída de Charlotte. É um hotel e *resort* de golfe. De acordo com minha prima, é o lugar mais magnífico para um casamento.

Josie revirou os olhos e desdenhou.

— Faça-me o favor. Ouvimos isso de qualquer noiva, não ouvimos? Ela ama o lugar só porque é onde vai se casar, e aposto que as pessoas estão fazendo de tudo para agradá-la.

— É bem provável.

— E você só vai fazer o bolo para agradá-la?

— Infelizmente — ela murmurou.

— Lea, não tem problema falar para ela que você não consegue. Afinal, é uma viagem de três horas. É pedir demais quando se precisa transportar um bolo para quinhentas pessoas.

— Eu sei, mas se eu desistir, minha família vai apontar o dedo para mim, e já tenho que ouvir os comentários de sempre por não levar um acompanhante no fim de semana.

— Infelizmente, não há nada de novo nisso, e eu sinto muito. A boa notícia é que você pode se esconder no trailer e ignorar todo mundo, fingindo que está ocupada demais para socializar na festa.

— Esse é o meu plano — ela admitiu e sentiu as bochechas corarem. — Sou uma covarde no que diz respeito à minha família.

— Acho que todo mundo é, de um jeito ou de outro.

Elas ficaram em silêncio, mas não durou muito porque Skylar entrou tranquila no escritório, carregando duas sacolas enormes de presentes e sorrindo de orelha a orelha.

— Voltei! — ela gritou, feliz e com os braços para cima.

E então, tudo o que se via e ouvia eram gritinhos de felicidade e muitos abraços demorados. Era exatamente o que Leanna precisava. Talvez ouvir a melhor amiga tagarelar sobre o quanto era sortuda por ter se casado com o homem de seus sonhos era a distração perfeita para livrá-la de seu desânimo.

E se ela tivesse sorte, talvez a festa de noivado não fosse o pesadelo que já estava antecipando.

O celular tocou com mais um lembrete de que ele era esperado no inferno dentro de uma hora.

Certo, tecnicamente ele ainda não estava se dirigindo ao inferno. Pelo menos, não desta vez, mas a maratona da festa de noivado do irmão estava cada vez mais perto.

Alcançando o celular, Brody King dispensou o lembrete enquanto se recostava na cadeira de trabalho e grunhia. Havia milhões de coisas que ele preferia fazer a passar quatro dias comemorando com a família e duzentos amigos mais próximos.

O inferno seria bem melhor.

Ele passou a mão pelo cabelo escuro e soltou um longo suspiro. Por mais que tivesse que se apressar, sabia que precisava colocar a cabeça no lugar. Já tinha sido avisado inúmeras vezes para se comportar durante aquela festa ridícula de noivado.

— Por que alguém precisaria comemorar por tanto tempo? — ele murmurou, mesmo sentindo o sangue ferver.

Toda a situação parecia mais do que insana. E, para piorar as coisas, ele estava sendo atacado apenas por ser sincero.

Seu irmão o chamou de babaca grosseiro e insensível, mas Brody preferia se chamar de honesto.

Para começo de conversa, ninguém precisava de uma festa de noivado de quatro dias. E ninguém tinha que fazer todo aquele espetáculo e gastar tanto dinheiro no processo.

Mas a gota d'água foi o fato de que tudo aquilo tomava um tempo que seria mais bem empreendido no trabalho. A família comandava um negócio de bilhões de dólares e, para que continuasse dessa forma, alguém precisava trabalhar de verdade.

Algo que o irmão caçula parecia não compreender.

Nunca.

Um fim de semana prolongado talvez não significasse nada para muitas pessoas, mas para Brody, tempo era dinheiro e quatro dias de celebração inútil o deixariam à beira de um ataque de nervos.

E não ia demorar.

Brody tinha consciência de que era o viciado em trabalho da família. Cinquenta anos atrás, seu avô fundou a King Hospitality, depois levou o pai de Brody para se juntar ao negócio quando o ramificaram em centros corporativos de convenções e o espalharam pelos Estados Unidos. Assim que atingiu idade suficiente para se juntar à equipe, ele tornou o negócio global.

Talvez fosse a síndrome do filho do meio, mas ele sempre sentiu necessidade de trabalhar o mais duro possível para se destacar e causar um impacto. Sua família não se incomodava com o fato de ele ganhar milhões, mas era só Brody se colocar contra alguma coisa que os irmãos estivessem fazendo que, de repente, ele era o problema.

Ele grunhiu e se perguntou como poderia lidar com tudo.

Ou melhor... com os próximos cinco dias.

Mesmo que a festa só começasse quinta-feira à noite, pediram à família inteira que chegasse na quarta,

ou seja, naquele dia. Graças a Deus, ele não estava incumbido de nenhuma tarefa do casamento, mas por alguma razão, ainda esperavam que ele comparecesse a tudo como se estivesse envolvido na celebração.

Ouviu mais uma vez o lembrete no celular e soube que já tinha enrolado demais.

O trajeto até o recinto familiar em Chapel Hill levaria menos de vinte minutos. O escritório principal da King Hospitality também estava localizado ali. Ele morava em Raleigh, que não ficava longe, e parecia uma besteira não permitirem que dormisse na própria cama pelas próximas noites, mas mais uma vez, Brody estava tentando fazer tudo o que pediam.

Não importava o quanto cada pedido fosse inconveniente.

Para sua sorte, havia um conjunto de quartos na casa da família para os quais ele poderia se recolher ao final do dia e ter privacidade o suficiente longe da multidão que ficaria hospedada por lá.

Só de pensar nisso, ele estremecia.

Alguém bateu à porta, e ele olhou para cima a tempo de ver o pai entrar.

Que maravilha.

— Brody — ele disse com a típica voz estrondosa e impositiva —, eu esperava que você já tivesse saído a essa altura.

Ele se levantou e se alongou.

— Já estava quase de saída — Brody respondeu com educação. Deu a volta na mesa e colocou o celular no bolso.

— Ótimo, muito bem. Eu te acompanho.

Pelo amor de Deus.

— Pai, não há necessidade. Já estou indo, de verdade. Vou pegar meu notebook, alguns documentos e estarei a caminho.

Para provar que falava a verdade, Brody juntou seus pertences e os colocou na pasta.

— Como vai o treinamento? — o pai perguntou enquanto observava o filho andar pelo escritório. — Você chegou bem cedo hoje.

— Vim direto da academia e tomei banho aqui. Melhor do que usar um vestiário público.

— Quando é o triatlão?

— Em onze semanas — ele respondeu. — Se eu mantiver o ritmo, devo bater o tempo do ano passado.

— Que bom, Brody, mas não sei como consegue. Você nunca descansa?

— Para quê? Não vejo motivos em ficar de bobeira em casa.

Isso era verdade. Brody detestava se sentir ocioso, mas algo que não admitia para ninguém era que o treino atual estava acabando com ele, a ponto de fazê-lo considerar não treinar no próximo ano.

— Talvez você consiga relaxar nesse fim de semana e treine menos. — O pai fez uma pausa. — Você costuma ir à academia de noite, não é?

— Sim, mas antes que me pergunte, vou direto para a propriedade e não tenho planos para ir a qualquer outro lugar, então não precisa ficar preocupado.

— Quanto a isso...

Brody parou no meio do caminho.

— Algum problema?

— A prima da Charlene é a responsável pelas sobremesas e vai ficar por lá esse fim de semana.

— Ce-certo...

— O quarto dela fica na sua ala da casa, então, por favor, se comporte e não assuste a pobrezinha. Ela estava lá no domingo e ouviu você dando seu chilique e...

— Não foi um chilique, pai — ele disse, irritado. — Só estava dando a minha opinião. Que eu saiba, isso ainda

era permitido.

Marshall King fez uma careta e ficou tenso.

— Não vamos discutir de novo. Por favor, seja gentil com ela. Ou melhor, seja *super* gentil com ela. Ficou claro?

Era inútil rebater, então Brody assentiu.

— Excelente — o pai disse, demonstrando alívio. — Vamos.

Assim que saíram do escritório, Marshall passou a falar de todos os planos para a festa, como se Brody se importasse, e dos preparativos em andamento. Haveria centenas de pessoas organizando tudo, e mais uma vez ele se perguntou por que sua presença era necessária ou exigida naquele dia.

A sensação que tinha era de caminhar em direção à própria execução, então sabia que estava se arrastando, literal e metaforicamente. Assim que chegaram ao estacionamento, estava mais do que disposto a ficar sozinho no carro.

— Te vejo mais tarde, pai — ele comentou com um aceno breve e assim que se ajeitou no banco do motorista de seu Aston Martin DB11, sentiu toda a tensão abandonar seu corpo. — Terei vinte minutos de paz.

Olhou de relance pelo retrovisor e percebeu a BMW do pai parada. Entendeu que o homem esperava que ele saísse primeiro.

Brody murmurou um palavrão, mas obedeceu.

— E lá se vai minha paz — ele falou e, lentamente, saiu da garagem.

Só quando pegou a estrada se obrigou a esquecer quem o seguia e o porquê. Ligou o rádio e se permitiu aproveitar algumas músicas de sua juventude. Um pouco de Foo Fighters era tudo de que precisava para clarear os pensamentos. No momento em que fez a curva para entrar na longa faixa cercada por árvores da casa de sua infância, sentiu que talvez sobrevivesse ao fim de semana.

E então avistou a fila enorme de caminhões e vans na entrada da garagem: fornecedores de comida e de artigos de festa, eletricitas, floristas, tendas. Sentiu os ombros tensionarem e precisou lembrar a si mesmo de que todo aquele caos não dizia respeito a ele, pois não fazia mais parte da organização da festa. Em poucos minutos, estaria dentro da sua ala da casa.

Brody estacionou e pegou a pasta antes de sair do carro. Ele acenou para o pai ao caminhar em direção à casa e assim que entrou, deu um beijo na bochecha da

mãe enquanto ela conversava com a florista sobre não ter gostado da cor das flores.

Outro dia comum na família King.

Estava no meio da escadaria quando seu irmão caçula e futuro noivo apareceu pulando em sua direção.

— Ei, Brody! Você veio! — Se encontraram no topo da escada, e Travis deu um abraço rápido no irmão. — Fiquei com receio de que precisássemos mandar alguém atrás de você para te obrigar a sair do escritório.

Brody sabia que era provocação, mas mesmo assim ficava irritado, então se deu um tempo para se acalmar e não dar uma resposta atravessada.

Sorriu e deu de ombros.

— Nosso pai apareceu e me acompanhou até eu sair, então... — Os dois riram. — Aonde você está indo?

— Ah, a Charlene está na tenda e disse que não está gostando das luzes. Preciso ver o que podemos fazer a respeito.

— São só... — ele começou, mas logo notou o irmão lançando um olhar duro e se calou. — O pessoal só está fazendo o trabalho deles — Brody se corrigiu. — Se não houver como trocar as luzes, veja se os floristas ou outra pessoa tem algo que vocês possam usar para enrolá-las.

Travis ficou boquiaberto e então sorriu.

— Nossa, obrigada, irmão. Eu nunca teria pensado nisso! — Ele deu um tapinha no ombro do irmão mais velho e desceu o restante dos degraus. Brody ficou sozinho.

Assim que chegou ao terceiro andar, onde ficava seu quarto, ele assobiou. Brody entrou na suíte, fechou a porta e colocou a pasta em cima da mesinha de café que ficava na saleta, se perguntando o que fazer da vida enquanto afrouxava a gravata. Não desceria até a tenda ou poderia topar com alguém que pudesse pedir opiniões ou algo assim. A conversa breve com Travis já foi o suficiente.

— E agora?

Arrancou a gravata e a jogou no sofá antes de desabotoar a camisa. Caminhou até a porta dupla que se abria para a sacada do quarto. Suspirou, olhando para a propriedade.

Havia pessoas por todos os cantos.

Pelo menos, por toda a parte leste. No lado oeste, havia apenas um trailer solitário e uma tenda armada, mas fora isso, não havia nada além de hectares de grama bem verde, um caminho pavimentado que seus pais usavam para chegar à quadra de tênis, o lago e o campo de golfe de nove buracos.

Era um ótimo lugar para se exercitar.

A ideia de sair para uma corrida fez Brody sorrir, porque seria uma maneira maravilhosa de relaxar e ficar fora do caminho de todos.

Além disso, manteria a promessa de não ir à academia e, ainda assim, o treino estaria em dia.

Com um senso de propósito renovado, Brody ficou apenas com a boxer e revirou a cômoda à procura de uma bermuda, uma camiseta e um par de meias. Colocou um fone de ouvido sem fio e selecionou uma *playlist* no Apple Watch. Pegou os tênis no closet, e se alongou por alguns minutos. E então foi em direção às escadas que davam acesso à cozinha. Brody se esgueirou pela multidão de pessoas trabalhando, pegou uma garrafa de água e saiu.

O céu ainda estava azul e a temperatura, na casa dos quinze graus. A melhor parte era que o lugar estava deserto.

Começou a caminhar em direção ao jardim, passando pela piscina e pela enorme cozinha externa. E então iniciou uma corrida leve. Depois de alguns minutos, já havia atingido um ritmo excelente. No ensino médio, Brody foi um atleta de elite, mas no momento, a única coisa que tinha tempo de fazer era correr em

esteiras. Estar ao ar livre foi uma reviravolta em seu humor, que o obrigou a fazer uma nota mental para começar a acordar mais cedo para correr antes do trabalho.

Mas sabia que durante aquele fim de semana, usaria o trecho o máximo possível.

A música tocava em seus ouvidos, o cenário era perfeito... e assim que se aproximou da casa mais uma vez, estava suando bastante e se sentindo revigorado. Se o clima estivesse um pouco mais quente, teria considerado um mergulho na piscina, mas se contentou com um banho e talvez alguns minutos na sauna.

Enquanto andava para resfriar o corpo, bebeu o resto da água e olhou para o trailer solitário.

Por que o trailer estava daquele lado do quintal? Por que não estava com os outros? Que atração desnecessária se somaria àquele circo?

— Brody? Aí está você — a mãe gritou assim que saiu da casa e o avistou. — Estávamos nos perguntando onde você estava.

Sylvia King era mãe de três homens adultos, mas não parecia ter mais de quarenta anos, e dizia isso ao cirurgião plástico sempre que o encontrava.

— Não estou atrasado, estou?

— Claro que não, querido. O jantar será servido em uma hora, mas ninguém conseguia te encontrar. Teremos culinária italiana hoje... lasanha. Sei que é um dos seus pratos favoritos. — Ela olhou para ele com um sorriso enorme, e Brody não conseguiu não retribuir.

— Foi uma boa ideia eu ter saído para correr então. Agora posso repetir — ele disse, piscando para a mãe.

— Pare com isso. Você poderia comer a assadeira inteira sem se preocupar em correr ou não.

— Não sei se concordo com isso.

— Teremos sobremesas maravilhosas! A Charlene encomendou *tiramisu* e um *cheesecake* de Nova York. Eu pedi que a sra. Grayson fizesse seu famoso bolo vulcão de chocolate. Você sabe o quanto amo um docinho depois de comer massa.

Brody fez uma careta.

— Você sabe que não gosto muito de doces, mãe, mas aproveite. Na verdade, pode ficar com a minha parte.

Sylvia balançou a cabeça e emitiu um som de desaprovação.

— Não consigo entender como meu filho não gosta de sobremesa. Não parece certo. — Ele sabia que a mãe o estava provocando. — Saiba que eu te amo mesmo

assim. — Ela fez menção de abraçá-lo, mas recuou. —
Você deveria tomar um banho... vá!

Brody beijou a bochecha dela e sorriu de orelha a
orelha.

— Já estou indo. Te vejo daqui a pouco.

CAPÍTULO DOIS

*Uma dieta balanceada consiste em ter dois
cupcakes em cada mão.*

NA MANHÃ DE quinta-feira, Leanna estava carregando o furgão branco e refrigerado de entregas com quinhentos cupcakes em quinze bandejas. Duas continham os bolinhos já glaceados e prontos para servir e o restante precisava ser confeitado. Depois colocou os galões de cobertura, camadas congeladas de bolo que ia decorar no dia seguinte e todas as ferramentas e ingredientes necessários para continuar o trabalho no local. Nesse meio-tempo, sua equipe estava a todo vapor na *Me encontre no altar*, fazendo mais cupcakes que seriam entregues mais tarde.

— Oito da manhã, e eu já estou exausta — ela murmurou enquanto saía do prédio.

Tanto Josie quanto Skye se prontificaram a ir com ela para ajudar a descarregar tudo, mas Leanna recusou, pois chegar cedo na propriedade dos King significava que

ela teria quase o dia inteiro para arrumar o que fosse necessário. Além do mais, já havia feito uma varredura do local e sabia exatamente onde estacionar e como transferir tudo do furgão para o trailer e depois para a tenda da festa. Da última vez que esteve lá, a tenda que Charlene prometeu ainda não estava instalada, então torcia para que isso estivesse resolvido. O trailer era ótimo, mas o espaço era limitado para tudo que precisava fazer.

O trajeto durou cerca de uma hora por conta do trânsito, não que Leanna se importasse, pois teve um tempo a mais para ouvir sua playlist do ABBA e melhorar o humor. As músicas estavam quase acabando quando fez a curva em direção ao condomínio fechado dos King. No momento em que avistou a longa e sinuosa entrada da garagem, Leanna notou o avanço nos preparativos com relação a dois dias antes.

— Como será que é viver assim? — ela sussurrou e percebeu que já havia um fluxo constante de pessoas a todo vapor. E, mais uma vez, pensou que se o noivado estava daquele jeito, o casamento seria muito mais caótico. — Um circo. Definitivamente, um circo.

Ela dirigiu pela área principal da festa e procurou o caminho que a levaria até os fundos da casa. Era uma

estrada estreita, apenas para funcionários, mas Charlene e a sra. King asseguraram que ela seria a única a ter permissão para usá-la no fim de semana.

Bem, a equipe dela também.

Com bastante cuidado, Leanna fez o trajeto até os fundos da casa e encontrou um lugar de onde não fosse preciso andar tanto até o trailer.

No mesmo instante, porém, percebeu que a tenda ainda não estava armada.

— Mas que droga.

Por mais que detestasse incomodar a prima, Leanna precisava saber o mais rápido possível se houve uma mudança de planos.

Assim que saiu do furgão, ela se alongou, seguiu em direção ao trailer, que estava destrancado, e não conseguiu conter um sorriso assim que entrou. Tudo estava organizado de acordo com suas especificações exatas, facilitando em muito o trabalho. Sua equipe estava encarregada de fazer o grosso da fornada para depois transportá-la sem decoração, porém, Leanna estava ciente de que precisaria assar certa quantidade de cupcakes ali mesmo.

Ela apenas rezava para que não houvesse contratempos.

O trailer tinha pouco mais de dezoito metros, vários fornos, infinitas mesinhas de apoio em aço inox e bancadas de trabalho. Havia também um refrigerador gigantesco, cheio de prateleiras para Leanna estocar tudo. Conforme andava pelo lugar tocando em cada detalhe, notou as três pias e o fato de ter um banheiro privativo.

— Isso vai facilitar, e muito, minha vida do que ter que ficar indo a um banheiro químico.

Na bancada, havia uma máquina de café espresso com uma tigelinha vermelha em cima. Leanna caminhou até ela e logo avistou um bilhete da prima: “Só um mimo para que você beba bastante café enquanto faz sua mágica!”

Ao lado, havia uma caixa de cápsulas da *Starbucks* na intensidade preferida de Leanna.

— Ela pensou mesmo em tudo, não posso negar.

Trabalhar assim não seria tão difícil, mas sim estranho por estar em outra cozinha por tantos dias sem ver Josie e Skye.

É para isso que existem celulares e videochamadas.

O que a fez se lembrar...

Enquanto digitava uma mensagem breve para Charlene perguntando sobre a tenda, Leanna tentou

pensar se havia mais alguma coisa de que precisasse saber.

Seu celular tocou, e ela deu uma risada sutil ao ver o rosto da prima.

— Bom dia, Char!

— Oi! — Charlene respondeu em um tom já enérgico. — Você chegou tão cedo. Amei!

— Sim, bem... Eu queria ter uma ideia de como as coisas estavam para não fazer nada correndo.

— Bem pensado.

— Então, sobre a tenda...

— Teve um pequeno mal-entendido com a empresa de aluguel e eles vão nos enviar uma tenda menor que vai ser instalada ao lado do trailer. A maior foi colocada sobre todas as outras menores para a preparação das comidas.

— Ah. Bem...

— Mas não se preocupe! A tenda menor ainda é de um bom tamanho, e você vai ter à disposição um UTV para trabalho. Não é maravilhoso?

— O que é um UTV?

— Ai, Lea, vai ser incrível para você! É como se fosse um carrinho de golfe turbinado! Imagine um com uma caixa gigante atrás. É refrigerado e tem várias

prateleiras, todas em aço inox, que comportam até sessenta e oito bandejas ou assadeiras! É perfeito para transportar tudo do trailer até a tenda da festa!

— Uau! — Leanna respondeu, ainda tentando imaginar como o veículo seria.

— Será entregue ao meio-dia e alguém vai te ensinar como funciona para que você não precise se preocupar.

— Ótimo, maravilha. Mal posso esperar!

— Infelizmente, estou ocupada o dia todo, do contrário iria até aí para tomar café com você — Charlene comentou, animada. — Você viu a máquina de café, não viu? Não é fofa?

Leanna não conseguiu não rir.

— É perfeita. Obrigada por se lembrar de mim.

— Qualquer coisa para a melhor confeitadeira do mundo! Beijinhos!

Antes que Lea conseguisse responder, Charlene desligou.

Suspirando demoradamente, ela tentou não se preocupar e seguir a mudança de planos. Uma tenda pequena era melhor do que nenhuma, e um negócio parecido com um carrinho de golfe era melhor do que

andar pela propriedade imensa carregando bandejas de bolos e cupcakes.

Espero que não seja difícil dirigir um carrinho de golfe.

Deixando esse pensamento de lado, Leanna sabia que estava na hora de começar o trabalho. Quanto mais cedo descarregasse o furgão, logo conseguiria iniciar a próxima rodada de cobertura dos cupcakes.

Antes de mais nada, porém, ela se serviu de uma xícara da nova máquina de café.

Depois de alguns goles, Leanna foi até o furgão para começar a tarefa demorada de descarregá-lo de todas as coisas que seriam ajeitadas no trailer.

As assadeiras e bandejas foram as primeiras, seguidas dos ingredientes secos. Assim que foram organizados e Leanna se sentiu satisfeita com a escolha dos lugares, fez uma pausa breve para terminar o café. Transportar o que já estava assado sempre demorava um pouco mais, pois todo o cuidado era pouco, principalmente por ela estar sozinha.

Esfregando as mãos, saiu mais uma vez e pegou a bandeja com várias camadas de bolo, que foi direto para o refrigerador antes de fazer a mesma coisa com a segunda bandeja. Depois, chegou a vez dos cupcakes.

Leanna fez uma careta para as quinze bandejas e soube que isso significava mais quinze viagens entre o furgão e o trailer.

— Vou mesmo comer alguns assim que eu terminar — ela prometeu a si mesma antes de se perguntar se deveria ter levado um lanche ou se deveria ligar para um dos ajudantes e pedir que trouxesse algo. — Penso nisso depois que esse caos acabar.

Subindo no furgão, Leanna pegou a primeira bandeja de cupcakes não decorados. Ela contou cem passos dali até o refrigerador, e cada bandeja continha trinta e cinco cupcakes.

É melhor que eu perca peso depois disso.

Lá pela décima bandeja, sentia os braços como se fossem gelatina, mas estava determinada a terminar de levar todas antes de fazer uma pausa. Ela grunhiu quando se viu cara a cara com as duas últimas, que continham os cupcakes já confeitados.

— Vocês são a minha linha de chegada — ela resmungou enquanto saía do furgão com uma bandeja. Seus passos eram lentos, seus braços tremiam, e ela desejou que houvesse uma maneira de levar as duas de uma vez.

Assim que colocou os pés no chão, ela se virou e se preparou para dar a volta no furgão quando algo grande e rígido trombou nela. Havia cupcakes voando por todos os lados enquanto ela gritava, perdendo o equilíbrio e caindo de bunda no chão. A força da queda foi tanta que Leanna só parou quando bateu a cabeça.

— Não!

— Filho da mãe!

Ela perdeu o fôlego por completo e jurou ver estrelas. Havia cobertura em seus braços, e até um pouco no rosto, e Leanna queria chorar. Esteve tão perto de finalizar tudo. No que foi que trombou?

De repente, percebeu um rosto pairando sobre ela.

— Ah, caramba! Você está bem? — ele perguntou e, por mais que ela tentasse, não conseguia focar. Leanna sentiu a cabeça girar, levando alguns minutos para se situar. — Venha, me deixe te ajudar.

— Hã...

— Você bateu a cabeça? Por favor, me diz que não. Não quero ter que chamar um médico.

Quem quer que fosse aquele cara, ele era um pouco insensível.

Levando as mãos para trás de si, Leanna apalpou a cabeça e sentiu uma pontada de dor, mas não achou que

a tivesse batido com muita força. Sua bunda doía mais do que tudo, mas de jeito algum dividiria essa informação com ele, que estava com a mão estendida para ela, não lhe deixando escolha a não ser aceitá-la. Quando ele a colocou de pé, porém, ela gemeu.

E ele xingou.

Encantador.

— Onde dói? — Ele quis saber com bastante impaciência, e isso fez Leanna esbravejar.

— Em todo lugar, seu idiota! Olhe para mim! Estou coberta quase pela bandeja inteira de cupcakes graças a você!

Olhando para si mesma, quis chorar. Havia cobertura por toda parte, seus cotovelos estavam ralados, a bunda ainda doía e ela estava prestes a gritar mais um pouco quando olhou para cima e...

Era provável que ele fosse o homem mais atraente que Leanna já havia visto na vida.

Cabelo preto feito nanquim, maxilar definido e olhos tão azuis, que eram quase tão escuros quanto o cabelo. Ela parou de respirar e se sentiu um pouco zozna.

Uau... nunca me senti assim com um homem antes...

Leanna então percebeu que não era por causa dele.

Tudo começou a girar antes que escurecesse.

Frenético, Brody olhou em volta antes de tomar Leanna nos braços.

Certo, e agora?

Não pensou duas vezes antes de seguir em direção à entrada dos fundos, dando graças a Deus por não haver ninguém por perto. Subindo as escadas dois degraus por vez, ele chegou ao terceiro andar e correu até seu quarto, onde acomodou Leanna na cama para depois entrar em completo pânico.

Aquela era a confeitadeira, prima de Charlene, e de alguma maneira ele a fez desmaiar.

Isso era novidade, até mesmo para ele.

Correndo até o banheiro, Brody pegou algumas toalhas de rosto e as umedeceu antes de retornar ao quarto. Ele limpou a cobertura do rosto e dos braços de Leanna, e depois ajeitou uma toalha na testa dela.

— Hã... ei — ele disse com calma. — Consegue me ouvir?

Brody, então, xingou porque não tinha ideia do que fazer naquela situação. Se ela não acordasse logo, teria que chamar um médico, e sua família inteira o

perseguiria propriedade afora como uma multidão enraivecida por ele ter machucado a confeitadeira e arruinado a sobremesa.

Entretanto... sendo bem justo, se ele não estava olhando por onde corria, ela também não estava prestando atenção, então...

Ótimo plano. Coloque a culpa na moça inconsciente.

Leanna se mexeu, e Brody sentiu tanto alívio que quase caiu de joelhos. Devagar, e antes de abrir os olhos, ela levou as mãos de unhas bem cuidadas até a toalha para retirá-la, enquanto ele se mantinha de pé e prendia a respiração.

Confusa, ela percorreu os olhos pelo lugar e depois os pousou nele.

— Onde eu estou?

Por favor, que não seja amnésia... por favor, que não seja amnésia...

— Hã... você desmaiou lá fora, então eu te trouxe para cá — explicou. — Sou o Brody, aliás.

Bem devagar, Leanna tentou se sentar, o que fez Brody apoiar as mãos nas costas dela no mesmo instante para ajudá-la.

— Obrigada — ela sussurrou enquanto continuava a olhar ao redor.

Limpendo a garganta, ele perguntou:

— E você é...?

— Ah, verdade. Leanna Baker.

Ele franziu o cenho porque não era possível ter ouvido certo.

— Você é a Leanna, a confeitadeira?

Assentindo, ela soltou uma risada sutil.

— Sim, e me chamo Leanna Baker... e o significado do meu sobrenome é o mesmo que minha profissão.

Com um aceno breve, Brody disse:

— É um prazer te conhecer. — Depois continuou a olhar para ela, na expectativa de ver o quanto estava machucada.

— Sabe, não acho que seja muito recomendado mexer em alguém com um ferimento na cabeça.

Brody sabia que estava de olhos arregalados e, de repente, se sentiu o mais completo idiota. Mas é óbvio que não era recomendado mexer em uma pessoa com um ferimento na cabeça! No que ele estava pensando?

— Merda! Nem pensei nisso! — Ele se aproximou e se ajoelhou ao lado da cama. — Eu deveria ter chamado um médico. — Soltou mais um palavrão abafado. — A culpa é minha, e todo mundo vai querer me matar, mas ainda assim eu deveria ter chamado um médico.

Ele ficou de pé e começou a andar por todos os lados, balbuciando o tempo inteiro sobre como era um babaca insensível, que já deveria estar fazendo as malas porque, a qualquer momento, seria expulso daquela casa.

Ao sentir a mão de Leanna em seu ombro, ele deu um pulo.

— Puta merda! Que susto!

Ela riu, e foi uma risada suave e melódica. Se Brody não estivesse tão irritado e em pânico, talvez até tivesse gostado.

— É muito gentil da sua parte se preocupar comigo — ela disse, mantendo o olhar firme nele. — Quem se machucou fui eu, mas parece que quem precisa de ajuda é você.

Essa mulher estava falando sério?

— Não preciso de ajuda. Talvez você tenha batido a cabeça mais forte do que imagina.

Leanna se encolheu um pouco ao levar a mão à nuca e esfregá-la, fazendo Brody se sentir um tremendo valentão.

— Ei — ele disse, mais calmo dessa vez —, me desculpe. — Ele a guiou até a cama, onde a ajudou a se sentar. — Você quer gelo ou algum analgésico? Ou

prefere chamar um médico? Qualquer coisa que queira é só me falar.

O jeito como Leanna o olhou lhe dizia que ela não confiava muito em suas palavras, mas ainda assim ela deu um sorriso fraco.

— Na verdade, gelo e analgésico seriam ótimos, mas preciso voltar para o furgão e para os cupcakes. Perdi uma bandeja inteira que deveria já ter terminado para que a equipe do evento apronte tudo às três da tarde. Eu estava ajustando as coisas, então preciso voltar logo ao trabalho ou os cupcakes não ficarão prontos a tempo.

Quando ela se levantou, Brody não sabia se a deixava ir ou se exigia que ela descansasse mais um pouco.

— Que tal assim... — sugeriu quando Leanna fez menção de ir embora. — Você segue para o trailer e eu arranjo as outras coisas que precisa?

— Hã...?

— E depois eu te ajudo a limpar tudo e a fazer mais cupcakes. — Ele deixou escapar, sem ter ideia do que o fez sugerir isso.

Foi a vez de Leanna arregalar os olhos.

— Não precisa mesmo, Brady.

— É Brody, e sim, precisa.

Ela estava bastante indecisa.

— O que eu realmente preciso é me limpar antes de lidar com os cupcakes, mas detesto a ideia de deixar tudo abandonado lá fora por tanto tempo. — Ela fez uma pausa. — Fiquei desmaiada por quanto tempo?

— Só por alguns minutos — ele garantiu.

— Ah. Certo.

Ela levantou a mão e mexeu no cabelo, que estava em um coque bagunçado, e Brody não tinha certeza se ele já estava assim antes dela cair ou se foi resultado da queda.

— Pode se sentir à vontade para usar o meu banheiro. — Ele ofereceu. — Não tenha pressa, eu te encontro lá embaixo, certo?

Ela hesitou e mordiscou o lábio antes de sorrir, tímida.

— Essa casa é tão imensa, e não tenho ideia de onde estamos. Você se importaria de esperar aqui comigo enquanto me ajeito? Por favor.

— Claro, não tem problema.

Brody lhe mostrou o caminho e fechou a porta para que ela tivesse mais privacidade. Enquanto ela se limpava, ele tirou a roupa de corrida bem depressa e vestiu calça jeans e camiseta. Adoraria tomar um banho,

mas precisava compensar Leanna pelos danos na tentativa de evitar que a família King o caçasse.

O banho poderia esperar.

Analisar alguns relatórios do trabalho poderia esperar.

E se aproximar de qualquer lugar em que os preparativos da festa estivessem em andamento poderia esperar.

Bem, com a exceção de ajudar Leanna, o que não demoraria tanto, assim ele esperava.

Cinco minutos depois, ela apareceu e sorriu para ele.

— Muito obrigada. Me sinto bem melhor.

— Você ainda quer o gelo e o analgésico?

Ela assentiu.

— Só para garantir. — Fazendo uma pausa, ela olhou ao redor. — Estamos na casa principal ou é outra parte da propriedade?

Brody riu e a conduziu pelo quarto e sala de estar, antes de saírem para o corredor, que estava deserto. *Ainda bem.*

— Faz parte da casa principal, e acho que minha mãe comentou que é aqui que você vai ficar.

Leanna assentiu de novo conforme desciam as escadas.

— Ninguém me falou onde vou ficar, mas já estou com as malas no furgão. Acho que vou trazê-las mais tarde.

Brody fez uma nota mental para se lembrar de trazer as malas dela. Só havia uma suíte em sua ala no terceiro andar, então sabia que era lá que Leanna ficaria.

E torcia para que ela ficasse bem longe dele. Depois do encontro catastrófico, não queria qualquer recordação pelo resto do fim de semana.

Assim que chegaram ao piso inferior, Leanna parou e colocou a mão sobre o peito.

— Meu Deus. É uma caminhada e tanto, e ainda foi a descida! Não quero nem pensar em como vai ser subir tudo isso no fim do dia, ou quando eu precisar trazer as malas! — Ela sorria ao dizer isso, mas Brody pensou que não seria uma boa situação para ela.

— Você pode usar o elevador. — Ele fez uma pausa e a observou quando o queixo dela caiu. — Sim, hã... se você seguir esse corredor, dando a volta até os fundos, vai encontrar uma porta dupla que dá no elevador.

— Graças a Deus!

Rindo, ela voltou a andar, e ele a seguiu para fora da casa até o furgão. Ninguém passou por lá, já que a bagunça permanecia como deixaram. Brody observava enquanto Leanna, no mesmo instante, começou a pegar os cupcakes destruídos e a colocá-los de volta na bandeja de onde haviam caído.

— Já volto — ele disse, dando as costas a fim de voltar para dentro, mas se sentindo um tanto culpado por deixar Leanna sozinha. Era uma situação péssima, e ele sabia que quanto antes conseguisse o que ela precisava, mais cedo poderia ajudá-la.

— Brody! — sua mãe chamou. — O que está aprontando, querido?

Ele não desacelerou enquanto pegava um saco plástico e o enchia de gelo, para depois procurar analgésicos.

— Oi, mãe! Estou indo lá fora ajudar a confeitadeira.

Sylvia arqueou uma das sobrancelhas perfeitas para ele.

— Sério? — E então ela semicerrou os olhos. — Por quê?

Droga.

— Eu a vi transportar um monte de coisas sozinha, e me ofereci para ajudar. Ela comentou estar com um

pouco de dor de cabeça, então eu disse que viria buscar alguns... — Ele sacudiu o frasco de remédios.

— Mas que gentileza sua. Acho que devo ir até lá para dar um alô e avisá-la onde ela vai ficar.

Brody se colocou à frente dela antes que ela desse mais dois passos.

— Ela vai ficar no quarto perto do meu, não é?

— Sim, mas...

— Eu aviso e a ajudo com as malas — ele respondeu bem rápido. — Tenho certeza de que você está cheia de coisas para fazer, então deixe a Leanna comigo.

Um sorriso vagaroso surgiu nos lábios dela.

— Ah, é?

Ele assentiu.

Sylvia murmurou enquanto levava a mão ao rosto do filho e lhe envolvia a bochecha.

— É muito bom ver você tão envolvido, Brody. Significa muito para mim. Para todos nós.

Mais uma vez, a única coisa que ele fez foi assentir, pois precisa mesmo voltar lá para fora.

— Vá ajudar a Leanna. Te vejo mais tarde.

Deu um beijo na bochecha dela e a observou ir embora, antes de se virar e correr da cozinha em direção a Leanna e à bagunça.

Uma vez lá fora, porém, o resto da confusão de cupcakes já havia desaparecido. Brody andou até a parte de trás do furgão e notou que estava vazia, depois seguiu para o trailer, onde entrou e viu Leanna de pé no canto mais afastado, de costas para ele. Se não estivesse a par do que ela estava fazendo, poderia jurar que ela estava chorando.

Mas foi tomado pela culpa assim que caminhou até ela, porque, quando chegou mais perto, teve certeza de que Leanna estava chorando.

— Ei — ele disse com cuidado. — Está tudo bem?

Ela não se virou, apenas balançou a cabeça. Por um instante, ela cobriu o rosto com as mãos e secou as lágrimas bem rápido.

— Perdão — Leanna murmurou. — Acho que a ficha caiu, então eu precisava chorar para me sentir melhor e seguir com o trabalho.

Leanna ainda não havia se virado para ele, então Brody colocou o gelo e o frasco de remédio no balcão de aço inox e, com delicadeza, pegou os ombros dela para que pudesse fazê-la se virar. Seus olhos estavam vermelhos, a pele um pouco manchada e, sem demora, ele notou duas coisas: primeiro que ela era tão alta quanto ele. Tudo bem, ela não tinha um metro e oitenta,

mas com certeza era mais alta do que muitas mulheres que ele conhecia. E, segundo, Leanna era muito bonita. Mesmo com a pele manchada e tudo mais.

Devagar, e sem desviar os olhos, ele a puxou para perto e a envolveu em um abraço frouxo por pensar que era disso que ela precisava.

Permaneceram assim por alguns minutos, só que Brody detestava o silêncio.

— Hã... não sei bem o que devo fazer ou falar.

Leanna estava com o rosto contra o ombro dele quando deixou escapar um suspiro ofegante.

— Estou muito envergonhada. Isso não é nada profissional. — Quando ela fez menção de se afastar, Brody a abraçou mais forte, e ela sequer resistiu. Ele a ouviu respirar profundamente antes de olhar para ele. — Obrigada. Acho que estou bem.

Incapaz de se conter, Brody levou a mão à nuca dela e com delicadeza a sentiu. O fato de Leanna ter gemido de leve revelou que foi ali que ela se machucou. Então ele pegou o saco de gelo com a mão livre e, com bastante cuidado, o colocou no pequeno galo.

— Não está tão ruim assim — ela comentou, sua voz não passava de um sussurro. — Não caí direto de cabeça, então... acho que está tudo bem.

Ele até poderia concordar, mas não queria correr qualquer risco.

— Posso te perguntar uma coisa?

Brody assentiu.

— Você estava muito chateado mais cedo. Quero pensar que não foi pessoal, mas...

Não havia motivos para mentir para ela. Brody já sabia que Leanna estava a par do que aconteceu entre ele e a família na semana anterior.

— Digamos que fui avisado para não fazer nada que arruinasse a festa, sob quaisquer circunstâncias. Então, destruir uma fornada de cupcakes e fazer a confeitadeira desmaiar...

Foi a vez de Leanna assentir.

— Ah, entendi. — Ela deu mais um sorriso sem graça. — Desculpa.

— Pelo quê?

— Por te chatear assim. Tenho certeza de que a última coisa que você quer agora é mais estresse. Me parece que sua família já está te estressando o bastante.

A única reação de Brody foi encará-la. Ela estava falando sério?

— Leanna, eu é que não estava prestando atenção no caminho. Estava correndo e lendo um e-mail no meu

relógio, e acabei esbarrando em você. Quem deve pedir desculpa sou eu.

Droga! Ele não tinha a intenção de admitir isso.

Ela sorriu um pouco mais.

— Você costuma correr e derrubar pessoas por aí?

Ela estava provocando-o? Sério?

Leanna levou a mão até a nuca para segurar o saco de gelo, e Brody abaixou o braço, envolvendo a cintura dela em seguida mais uma vez.

— Ouça, hum... falei sério mais cedo. Vou te ajudar com os cupcakes. Só me diga o que preciso fazer, e eu farei.

Ela estava prestes a responder quando alguém abriu a porta do trailer e entrou.

A mãe dele.

Brody deixou pender a cabeça e grunhiu.

— Ora, ora — ela falou, com um sorriso astuto. — Vocês parecem bem à vontade! Não estou interrompendo, estou?

Para continuar a leitura, [clique aqui!](#)

Editora Bookmarks.

Caixa Postal: 1037 CEP: 13500-972

contato@editorabookmarks.com

facebook.com/editorabookmarks

instagram.com/editorabookmarks

